

Ele não esperava nada daquela noite. Mas encontrou sua ruína e sua salvação nos braços de sua nova razão de viver.

QUANDO EU TE ENCONTRAR

Ward - 0.5

LUCY VARGAS

Autora de Quando Eu Olhar Pra Você e Cartas do Passado

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Quando Eu Te Encontrar

- Ward 0.5 -

Lucy Vargas

Quando Eu Te Encontrar
Published by Luciana Vargas at Smashwords
Copyright 2014 Luciana Vargas da Silva

Este e-book é para uso pessoal. Não é permitida revenda, cópia total ou parcial deste livro sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor. Se você gostou da história, por favor, indique um link original do livro para outros leitores. Obrigada pelo apoio.

Imagem de capa sob licença de Shutterstock.

Revisão: Vânia Nunes

Smashwords Edition, License Notes

This ebook is licensed for your personal enjoyment only. This ebook may not be re-sold or given away to other people. If you would like to share this book with another person, please purchase an additional copy for each recipient. If you're reading this book and did not purchase it, or it was not purchased for your use only, then please return to Smashwords.com and purchase your own copy. Thank you for respecting the hard work of this author.

Thank you for your respect and support.

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Cenas Extras](#)

[Nota da Autora/ Sobre a Autora](#)

Capítulo 1

Você parece entediada. Melhora quando tira a roupa ou é assim mesmo?

Washington, D.C, 2008

Era um sábado à noite e sinceramente, se pudesse escolher, Sean teria ficado no seu hotel. Se ia ficar dormindo, vendo algum filme chato, lendo documentos, um livro ou imerso na banheira e tentando relaxar, era outro assunto. E isso o tornava um candidato à velhice precoce, certo? Porque nem chegara aos trinta, estava solteiro desde sempre e na sua lista imaginária não havia incluído uns drinks ou uma mulher para distraí-lo. Afinal, era sábado! Dia internacional da sacanagem semanal.

A ex dele - se é que podia chamar disso, porque ele nunca disse que tinha algo com ela e nem ela disse nada disso; e passar uns dias transando com alguém não é considerado relacionamento - enfim, ele dormiu com ela na semana que passou visitando a sede do Grupo Ward, vulgo GW, na Alemanha. A mulher era um bocado louca. E ao menos o nome dessa, ele não ia esquecer tão rápido, apesar de ela preferir ser chamada de Pervy. Sério? Nem ele podia acreditar. Dane-se, ela era boa de cama, não tagarelava, tinha vários piercings nos locais mais inesperados e para uma semana, estava bom. Só caíam na cama e tchau.

Ele não havia sido exatamente convidado para a festa de hoje. Não, era parte dos seus compromissos obrigatórios enquanto estava ali. A comemoração ia ser na casa de Gerry Marban, diretor do Grupo Ward da sede de Washington, D.C.

- Chegamos, patrão - disse Don, o segurança, quando o carro parou em frente à casa.

A frente da casa era enganadora, bonita, mas normal. Parecia ter dois andares, mas na verdade tinha três, quando entrava era possível

descer os degraus para o térreo, onde seria a festa, na área da piscina. Gerry tinha um bom lugar ali e estava há anos à frente da sede do GW de D.C, mas não mudava. Sean via a cara dele há anos, tempo demais, se é que podia opinar.

Como a maioria dos seus contatos profissionais, Gerry era mais velho do que ele. Aliás, sua filha mais velha regulava a idade de Sean. Ele também tinha um filho um pouco mais novo, que até onde Sean se lembrava do rapaz, porque não o via há uns anos, era um adolescente chato.

Eles desceram na Avenida Nebraska, onde ficava a casa e assim que saiu do carro e olhou em volta, Rico suspirou e disse:

– Obrigada por me trazer, chefe. Estava mesmo precisando desestressar.

Sean olhou de rabo de olho para o seu assistente pessoal, o certinho, Rico. Até para uma festa super informal como essa, o cara tinha penteado o cabelo para o lado e passado gel. E ele sinceramente achava que Rico não sabia o significado de desestressar. Ele estava sempre pronto a ter um ataque.

– Tudo bem. Agradeça-me depois que você tiver bebido pelo menos uns três drinks – Sean subiu o pequeno degrau em frente à porta e tocou a campainha.

– Eu não sou muito de beber, você sabe... – Rico disse baixo, puxando seu paletó e se arrumando melhor.

Nem estava frio. E era uma maldita festa na piscina. Sean estava só com uma camisa de botões, com as mangas já dobradas e presas.

– Sean! – disse Gerry assim que abriu a porta. – Estava te esperando! Vamos lá pra baixo! Rico, é você mesmo? Pensei que não ia a festas. Venham, venham.

Pessoas que o conheciam há tempo demais tomavam a liberdade de lhe dar abraços como cumprimento. Algo que o resto da população só de olhar para ele não faria. Ok, tire dessa afirmação toda a população feminina ou não que estava interessada em dormir com ele.

Gerry era um sujeito grande, devia ter a altura de Sean e era largo e parrudo. Ele não era exatamente gordo, apesar de com certeza estar alguns quilos acima do peso, e tampouco musculoso, era só

naturalmente grande. Gerry também era um eterno jovem. Ao menos isso o tornava uma companhia divertida.

– Fico feliz que tenha resolvido vir. Você ainda é jovem, gosta de festas, precisa de algo além daqueles nossos jantares de negócios – Gerry dizia, enquanto iam para a escada.

Sean não estava infeliz por ter ido, mas não era como se tivesse tanta escolha assim. Ele havia assumido o GW há poucos meses, também não tivera realmente escolha nessa parte. Ele sempre quis o cargo, estudou para isso, se preparou, se empenhou, mas pensou que ia demorar mais uns anos. Quando sua família resolvia, ela conseguia o que queria. E ele praticamente nasceu com o crachá do GW colado na testa. Mas precisava seguir os compromissos, fazer média, parecer acessível aos seus executivos, ir a jantares e festas. Ele havia ido parar até num batizado da neta do diretor alemão. E pior, com o bebê no colo!

– Hillary, meu bem, o Sean veio. Você que regula mais ou menos com ele, veja se consegue mantê-lo a salvo da velharia – brincou Gerry e piscou o olho.

A filha de Gerry não era grande como ele, talvez só na altura, era uma moça loira e longilínea. Felizmente ela nunca deu em cima dele, menos uma. Graças aos céus, porque Sean vivia tentando não ser alvo das filhas dos seus executivos. Era difícil quando elas tinham a idade próxima a sua. E não ia pegar nada bem para ele sair comendo as garotinhas dos seus diretores.

Hillary era uma moça realista. Além disso, tinha uma paixão enrustida por um cara há anos. Mas voltando à parte do realista, ela sabia que não ia ter nada com Sean. Não porque ele era um dos caras mais gostosos que ela achava existir na face da Terra. Ou aquele seu cabelo escuro e ondulado fosse um charme. Alguém aí já mencionou que olhos sensacionais o cara tinha? Cor de turquesa e encapsulados, naturalmente entrecerrados, praticamente um fodedor ambulante. Você recebia um olhar dele, que geralmente estava sério, e instantaneamente sua seca acabava, seu cérebro entrava no modo excitada e pronta.

Como a imaginação era bela. Por isso que há anos ela colocara Sean e todos os outros Wards deliciosos que teve o azar de conhecer, na zona

fria. Era uma família maldita. Malditamente bem provida geneticamente. Era de se esperar que já tivessem parado de se parecer, afinal, o sangue devia estar para lá de diluído. Mas quem disse? Você batia o olho em um deles e pensava: Mais um maldito Ward.

– Hey, Sean, quanto tempo – ela se aproximou.

Ele franziu o cenho para ela.

– Nos encontramos ano passado – ele disse, discordando da afirmação.

– Isso é muito tempo, Sean. Você tem uma medição de tempo meio esquisita.

Ele balançou a cabeça e olhou em volta.

– Estou na festa certa?

Era uma pergunta boa. Supostamente, a festa era para Gerry comemorar o novo contrato milionário que ele fechara para o GW e também seus dez anos trabalhando lá, sendo que seis anos no cargo de diretor regional. Só que vindo de Gerry era possível esperar tudo. E a festa na piscina estava animadíssima. Gente com pouca roupa, churrasco lá no fundo do jardim, um Buffet cheio de comidas atraentes para gente jovem, música atual tocando, garotas bonitas, rapazes atraentes... Ao mesmo tempo, na extensa varanda do segundo andar, havia mesas e poltronas, com visão para aquele bacanal todo. E lá havia um pessoal mais calmo, observando as coisas e bebendo.

Segundo Gerry, era a área da velharia. Era para lá que ele devia ter levado Sean, que tinha vinte e sete anos, mas era a droga do chefe dele e de todos aqueles caras lá em cima.

E sabe onde Gerry estava? Perto da piscina, com dois drinks na mão. Felizmente a esposa dele era um pouco menos doida. Mas não se engane, Gerry era um animal nos negócios. Sorte dele que os Wards, excêntricos como eram, não tinham o menor problema de pagar bem a pessoas como ele.

– Está sim. Papai deixou que eu e Cody chamássemos alguns amigos da faculdade e uns vizinhos pra comemorar o fim das férias.

– Já acabou? – perguntou Sean.

– Quase – ela sorriu. – Vem, vamos lhe arranjar umas companhias animadas.

– Eu acho que vou lá em cima, fingir que é mais divertido – ele disse, enquanto descia para a área da enorme piscina que tinha uma grande fonte de pedras do lado direito, onde algumas pessoas estavam fazendo farra.

– Meu pai me prometeu um carro novo se eu o mantiver se divertindo aqui embaixo, então colabore. Meu carro está velho e ruim.

– E se eu te prometer um carro melhor se você me arranjar uma bebida e não me apresentar a pirralhos tagarelas?

– Todos aqui têm mais de vinte e um. E como eu explicaria um carro melhor para o meu pai?

– Deixe essa parte comigo. E vinte e um pra mim ainda está abaixo da média.

– Não pensei que você ligasse tanto pra idade.

– Eu juro que até converso um pouco antes de tirar a roupa.

Ele conseguiu ficar sozinho por um tempo. Não que Hillary não tenha tentado lhe arranjar companhias ou encontros. Ele ouvia mais um nome e pensava: Essa é pegável, essa loira parece inteligente, essa tem uma voz insuportável, aquela é uma moça linda, essa aqui está... Onde está a roupa dela?

Parecia que a nova moda eram blusas transparentes, ao menos elas ficavam transparentes depois de uma passada na piscina.

Quando Sean estava até conseguindo aproveitar uma bebida e a música que tocava, Rico apareceu de repente.

– Acho que temos um problema, chefe – ele já estava com aquele tom urgente.

– Sai do meu pé, Rico. Estou fazendo observações – disse Sean.

– Acho que tem uma crise lá em NY.

– É sábado, não pode ter crise lá agora.

Sean encontrou um espaço no lado direito, perto da parede coberta de plantas e do lado esquerdo da fonte de pedras.

– Sean, lembra-se do meu irmão?

Hillary realmente não ia deixá-lo em paz.

– Oi, cara – disse Cody, irmão mais novo dela.

Sabe-se lá porque, Cody nunca foi com a cara dele. Pelo menos agora não parecia mais um adolescente revoltado com aquele cabelo espetado. Estava até com cara de mauricinho, mas que mudança.

Penteara o cabelo e tudo. Só que continuava com aquele ar antipático; o garoto sempre teve esse ar de ter nascido com o rei na barriga. Sean não ligava, mas era intrigante o garoto ter resolvido logo antipatizar com ele com quem raramente encontrava.

– E aí, tudo bem? – Sean sabia que não era um mar de simpatia, mas ninguém podia acusá-lo de ao menos não se esforçar em situações como essa.

– Tudo – Cody olhou para a irmã que lhe deu um olhar de incentivo.
– Faz tempo que não nos vemos...

Será que o garoto era só bobo ou tinha dificuldade de socializar?

O celular de Sean começou a tocar, ele se afastou um pouco e atendeu. Era o segurança que estava com a sua irmã lá em Florença. Pelo jeito ela estava bem e sem aprontar nada. Desde que ela não fugisse e nem voltasse a se drogar, tudo ficaria bem.

Quando ele retornou ao local, descobriu que Cody não tinha problema nenhum, ele só não gostava dele. Porque agora havia três garotas rodeando-o e ele estava com um sorriso de orelha a orelha.

– Sean! – Hillary acenou. – Anda logo, meu pai está vindo ver meu progresso.

Sean ouviu seu celular tocar de novo e deu um aceno.

– Foi mal, meu secretário, tenho que atender.

Ele se aproveitou e voltou para onde esteve, depois levou o celular a orelha.

– Donny? Por que diabos você está me ligando num sábado à noite?
– ele perguntou, tampando o outro ouvido para escutar só a voz no celular.

– Eu preciso lhe dizer algo, patrão. Não estou mais aguentando – disse Donny, com aquela voz de sofrimento.

– O quê?

– Estou em crise. Eu era um cara calmo e relaxado, mas isso é impossível de lidar!

– Do que você está falando? Você bebeu? – Sean franzia o cenho.

Ele escutou uma voz de mulher ao fundo que dizia “me dá isso aqui! Você enlouqueceu? Desliga isso”!

– Estella? – perguntou Sean, sem imaginar o que ela estava fazendo junto com Donny e do que o seu secretário sênior da presidência estava

falando.

Donny estava trabalhando com ele desde que Sean assumira a direção da sede do GW em Nova York, era óbvio que ele o levou quando foi promovido. E Estella assumiu o lugar que era de Donny na direção. E seu secretário costumava ser um cara calmo e controlado. Diferente de Rico, seu assessor pessoal, que era doido e estressado.

– Era só o que me faltava – disse Sean, virando-se e recolocando o celular na orelha pra ver se Donny atendia.

Uma garota estava espiando por trás do tronco de uma das árvores, mas ela se virou subitamente e o olhou, enquanto bebia um gole de alguma bebida. Então ela franziu o cenho e quando abaixou o copo, ele viu uma das expressões mais sarcásticas e divertidas que já vira alguém fazer.

– Sério, quem pode ser bobo o suficiente pra atender um secretário em pleno sábado à noite e no meio de uma festa? E pior, pelo jeito é um secretário pirado.

Ele franziu a testa enquanto a olhava e o celular em seu ouvido emitia sons de chamada, mas ninguém atendia.

– Uh... Bea... – Hillary deu um pulo para o lado dela. – Vem aqui rapidinho.

Hillary alternava o olhar aflito entre a expressão séria e um tanto surpresa de Sean e a cara deslavada da mulher. Sim, não era uma garota abusada, ela era bem adulta. Pelo que Hillary sabia sobre Sean, estava rezando para ele não abrir a boca e dar o maior fora da vida de Beatrice.

Mas sabe o que se passava pela mente dele?

Olhos dourados.

Ele queria saber se eram de verdade, não era possível que fossem. Ele nunca vira alguém com olhos daquela cor. Com toda a iluminação da festa, ele podia ver que a íris ainda era envolvida por uma fina linha escura, como se fosse só para dar mais contraste.

– Verdade – ele abaixou o celular, já que havia caído na caixa postal.
– Quem seria bobo o suficiente pra isso, não é?

Hillary franziu o cenho, mas não soltou o braço da mulher que assentiu pra ele.

– Meu ponto exato – Beatrice devolveu, no mesmo tom de antes.

Sean virou o rosto para Hillary e aguardou, como se fosse a vez dela falar.

– Seu pai – ele disse. – Lembra?

– Ah! – ela sorriu. – Isso, finja que está feliz e contente.

– Não vou ficar sorrindo como uma hiena – ele avisou.

– Essa é Beatrice – Hillary disse de repente. – Ela é lá da faculdade – ela explicou brevemente e se virou para a garota que estava interessada em saber o que o pai de Hillary tinha a ver com o momento. – Esse é...

– Sean – ele disse abruptamente e estendeu a mão.

– Legal – disse Beatrice e apertou a mão dele. – Beatrice Stravos – ela completou a apresentação e depois olhou Hillary. – É seu parente?

– Não! – Hillary riu. – Ele é...

– Amigo do pai dela – completou Sean, antes que Hillary resolvesse dizer que ele era chefe do cara.

– Ah! – Beatrice moveu a mão no ar. – Isso explica tudo.

– Explica o quê? – ele perguntou.

– Você, seu celular de toque irritante e seu... – ela fez aspas com os dedos, ainda segurando o copo. – Secretário.

Hillary queria morrer. Abrir um buraco no chão e se enterrar, junto com Beatrice e antes que Sean perdesse a paciência.

– Eu acho que meu celular é mesmo chato – ele opinou.

– Tem toque de despertador, tipo o celular do meu pai – ela seguia piorando a situação.

– Eu acho que você está me insultando – ele disse, franzindo o cenho.

– Não, eu amo o meu pai. É só que... você curte música? Ou o problema é só conseguir mexer no aparelho? Já dá pra trocar esses toques que vêm.

Hillary tomou o copo da mão de Beatrice.

– Quanto você bebeu? – ela perguntou, já nervosa. – Você sabe que não pode beber muito!

Sean esperava muito que a garota não estivesse bêbada, ela não cheirava a bebida e parecia totalmente sóbria. E como ele estava observando seus olhos, eles não pareciam com os de alguém que andou bebendo.

– Refrigerante? Sim, uns três copos, mais do que devia. Mas e daí? Não tô de dieta – Beatrice tentou pegar seu copo de volta.

Hillary cheirou o copo e não devolveu, ainda desconfiada.

– Eu adoro música, só que esse é meu celular de trabalho. E ele toca nos piores momentos – disse Sean, sobressaltando Hillary.

Beatrice virou o rosto para ele lentamente e lhe deu um olhar que já o preparou para a obviedade do que ela ia dizer.

– E eu deveria perguntar por que você trouxe o celular de trabalho ou não vou querer saber a resposta?

Ele sorriu e Hillary virou o copo de refrigerante de Beatrice, torcendo para ser alcoólico mesmo. Beatrice desviou o olhar, porque ou a penumbra ali era poderosa ou aquele cara era muito provavelmente o mais gato da festa ou talvez da estratosfera. E olha que ela já tinha feito um bocado de observação enquanto andava em volta da piscina.

Como estava achando a festa chata, ela precisava se distrair. E não podia beber, queria sair dali sóbria e andando. Também não ia entrar na piscina nem morta. Primeiro porque seu vestido era bonito demais para ficar úmido. Segundo, não levou biquíni. E terceiro e mais importante, seu cabelo era composto de grandes ondas e cachos, imagine só a beleza que ficaria se ela entrasse na água. Havia levado vinte minutos só arrumando. E ela até se dera ao trabalho de passar um pouco de maquiagem.

Ela nem havia ido à festa planejando ficar com alguém. Até olhara por aí, mas nada a animou. E Cody não saía do pé dela. É, ela sabia que ele estava meio que apaixonado por ela e todos os seus conhecidos em comum pensavam que não custava nada ela dar uma chance ao cara. Afinal, ele era atraente e maneiro. Mas ela não sentia um pingão de atração por ele.

Atração era algo que acontecia, não dava para forçar. Tipo esse cara com o celular, ela nem o conhecia e mesmo assim, estava interessada. Sabe essas coisas que você bate o olho e pensa: *Oh, WOW! Isso sim vale muito a pena.* Então, esse tal de Sean seja lá do que, valia o pensamento. Top 1 de award do ano para cara mais pegável. Ele devia deixar muitas garotas nervosas. Hillary, por exemplo, estava até sem ar. E era impossível que ele não soubesse.

Pena que ela não ia ter nada com ele, mas pelo menos estava se divertindo. O cara tinha um olhar tão sério e vinha com aquela intensidade que paira sobre a pessoa. Talvez ele servisse para distraí-la enquanto não dava sua hora ou Cody não a encontrava outra vez. Enquanto isso, ela ia fingir. Beatrice era boa em fingir que não estava interessada, não que estivesse precisando nos últimos tempos, mas era melhor fingir com esse cara ou ia acabar com cara de boba.

– Acho que você não vai querer saber – ele disse. – Não que isso vá me impedir de dizer que eu preciso do celular.

– Sério? Como um cara como você pode ser assim tão ocupado? Você já saiu da faculdade pelo menos?

Ele inclinou a cabeça e riu. Não dava, era o tom dela, nem exatamente as perguntas. E o olhar que ia entre sacana e sarcástico. Ela estava implicando de propósito, será que estava tão entediada assim? Então eram dois.

– Beatrice, que tal se voltarmos pra lá. Acho que meu irmão está te procurando – disse Hillary.

– Isso, vai lá. Procura ele antes que caia na piscina, vi aquelas meninas dando um copo pra ele. Acho que era tequila. Você sabe como ele fica quando bebe tequila – disse Beatrice, empurrando Hillary para sair dali do espaço deles.

Ela se inclinou levemente e espiou por trás da vegetação, porque o quintal era rico em árvores e plantas. E eles estavam justamente no espaço entre algumas árvores e a parede coberta de hera, ao lado dos degraus para voltar para dentro da casa.

– Eu já saí da faculdade. E você? – ele perguntou.

Ela se virou rapidamente, como se houvesse se lembrado dele.

– Não. Estou perto, mas ainda não. Sua primeira vez aqui?

– Não exatamente.

– Bem, é a minha. Mas voltando à parte interessante, o que um cara recém-saído da faculdade faz pra um secretário doido ligar no sábado a noite?

– Não sou tão recém assim e... eu tenho uma empresa – ele disse, encurtando muito a história.

– Sério? – ela levantou a sobrancelha. – Ah! É uma dessas startups de tecnologia?

– Também – ele disse, procurando lembrar se o GW era dono de alguma startup como essa. Provavelmente era. – O que você faz para ter conhecido a Hillary?

– Eu nem lembro como a conheci. Eu faço designer de interiores na Universidade George Washington.

– Bom – ele assentiu. – Acho que não conheço mais ninguém que tenha feito isso. Geralmente meus conhecidos fazem coisas mais... chatas.

Dessa vez ela sorriu.

– Você fez algo bem chato, não fez?

– Eu realmente pareço tão tedioso?

– Você tem um secretário te ligando no sábado, no meio de uma festa. Trouxe um celular de trabalho e ele toca como um despertador.

– Pelo menos é um secretário pirado, isso conta, não?

Ela estava novamente sorrindo para ele e Sean teve que sorrir de volta. Ele podia adicionar o sorriso lindo que ela dava aqueles olhos incríveis. E também aquelas ondas misturadas a cachos sexies e brilhantes e ao seu tom de voz provocativo e instigante. Ele tinha vontade de começar a discutir algo com ela, devia ser divertido. Ela também era o que ele chamaria de “seu tipo” se ele tivesse um. Sinceramente, pegava o que lhe dava na telha. Mas se a partir de agora ele fosse começar a ter um tipo de mulher, podia muito bem usá-la como ponto de partida. Com certeza ia dar certo.

Não que ele fosse descobrir isso com essa garota. Ele tinha uma política pessoal de nunca misturar eventos de trabalho com prazer. E como tinha um bando de gente ali no segundo andar, além do dono da casa, que trabalhava para ele, isso era trabalho. Provavelmente só ia ter tempo de pensar em prazer quando já estivesse de volta a Nova York.

– Não sei. Se você disser que não tem um Pager, pode ser...

– Não, pelo amor de Deus, não.

Foi aí que Rico praticamente se materializou no ar ao seu lado.

– Patrão, estamos com uma crise. O Donny quer pedir demissão!

Sean nem olhou pra ele.

– Some daqui, Rico.

O problema é que Beatrice olhou para Rico e estava interessada no que ele dizia. Especialmente porque ele começou a frase com “patrão”.

– É sério, ele está surtado. Estella disse que ele estava gritando que não podia lidar com a pressão da presidência. E que essa maluquice é demais pra...

Sean usou os dedos e prensou os lábios de Rico, fechando-os.

– Quietos. Some.

Rico arregalou os olhos em pânico.

– Coitado! – disse Beatrice, salvando Rico. Ela tocou o braço dele e perguntou. – É muito grave?

– Terrível! – Rico respondeu, sem nem conhecê-la.

Pela expressão de divertimento que ela fazia, Sean sabia que isso ia voltar contra ele. E para piorar, o celular dele, o mesmo com toque de despertador, começou a tocar. De novo.

Ela estava se divertindo às custas dele.

– Alô? – Sean se virou e escutou a voz de Estella.

– Patrão, não vai ter jeito. O Donny vai pedir demissão, ele acabou de ter um surto nervoso. Ele disse que não aguenta a presidência, que aquilo é coisa de louco. E é demais pra ele.

– É demais pra todos nós, mande-o se recompor e parar de palhaçada.

Ele desligou e se virou. Para terror dele, Rico estava dizendo para Beatrice que estava em D.C. a trabalho junto com Sean e achou que ali na festa iam conseguir relaxar, mas o secretário sênior havia enlouquecido...

– Rico – interrompeu Sean. – Vai beber algo alcoólico. Agora.

Beatrice se virou e tornou a espiar por trás de uma árvore, mas depois o olhou.

– Então, patrão, é realmente pior do que eu pensava – ela disse.

– Esquece isso.

– Nem morta. Você tem um assessor pessoal? – ela abriu um sorriso, claramente achando aquilo a sua descoberta da noite. – E o trouxe pra festa! Isso foi muito legal da sua parte, de verdade.

– Não vai ajudar muito se eu disser que ele costuma ir aonde eu vou se for trabalho, não é?

Ela balançou a cabeça negativamente e estalou a língua.

– Nem um pouco.

Sean observou-a se virar novamente, dessa vez ele não pôde evitar dar aquela olhada em tudo. Ela vinha bem empacotada no vestido mais decente e que ele vira naquela festa e que quadril bonito. De verdade, ele estava mesmo prestando atenção no formato super arredondado do quadril dela. Era algo chamativo, ao menos ele estava achando.

Ele tinha direito de se sentir atraído pelo que quisesse, não? Até agora, podia fazer uma lista. A seu favor, podia dizer que começou pelos olhos dela. Passou pela expressão, pelo sorriso, até pelo cabelo e olha que ele nem era disso. Só depois que ele acabou no quadril, logo depois no traseiro e as pernas dela também faziam seu tipo. E ela estava com um vestido acinturado e não muito justo, mas tinha um decote. Ele chegou aí depois de tudo isso. Isso certamente o colocava na escala zero do cafajestismo. Ao menos por hoje...

– O que você tanto espia aí?

– Nada! – ela tornou a se virar rapidamente. – Hey, cara ocupado, vou lá pro outro lado, ok?

Será que ele havia transparecido a cara de sofrimento? Geralmente suas expressões eram controladas, mas deixá-la se divertir em cima dele o estava divertindo.

Sem esperar resposta, Beatrice saiu dali, atravessou aquele lado da piscina e só foi parar embaixo de uma árvore quando Cody apareceu com um sorriso enorme. Pelo jeito ele não andara bebendo coisa nenhuma, pois estava seco e sóbrio. Isso queria dizer que Beatrice enganara Hillary deliberadamente.

– Patrão, já virei duas doses de vodka, bati meu recorde do mês – informou Rico, aparecendo ao lado de Sean.

– Do ano, Rico – disse Sean, saindo dali também.

Capítulo 2

Essa sua língua está afiada demais pra minha boca. Que tal um café?

Como perdera sua parceira de conversa, Sean foi ao segundo andar só fazer uma média. Gerry era exagerado, o pessoal ali podia ter uma média de idade um pouco acima da de Sean, mas apelidá-los de velharia era sacanagem. Apesar de ele achar que o apelido era muito mais pelo que eles preferiam do que pela idade.

– Eu nem tinha te visto, Sean – disse o diretor de Recursos Humanos do GW de D.C.

Até que o cara era legal, Sean ia ficar um pouco por ali conversando com ele sobre Formula 1. O homem era um viciado, sempre casava suas férias e suas folgas com as datas do mundial, para poder assistir algumas corridas ao vivo. Engraçado era que o primo de Sean, diretor geral de RP do GW, também adorava corrida. Devia ser um dos motivos para ele ter contratado esse cara.

Dali de cima Sean também tinha uma visão completa da festa e ele estava justamente reparando que Cody estava fazendo seus movimentos. E Beatrice já havia revirado os olhos umas cinco vezes. E ele também achava que aquilo que ela estava bebendo não era mais refrigerante.

Quando estava voltando para o primeiro andar, o celular de Sean tocou de novo. Ele continuou andando como se nada estivesse acontecendo e parou, observando a piscina. Era um trabalho bonito, junto com aquela fonte toda em pedra como se levasse água à piscina.

– Desculpa – disse Hillary. – Mas eu fui intimada. Tipo... Sabe como é, né? As garotas piram.

– O quê? – ele se virou.

Era melhor ele ter atendido o celular. Sabe aquele negócio de que ele era simpático? Nem tanto. Especialmente depois que ela praticamente o apresentou a noventa por cento da população feminina da festa.

“Tem certeza que não está procurando um encontro pra hoje, Sean?”
– ele havia escutado.

E ele voltou àquela classificação fútil para ocupar a mente: Pegável; parece boba; parece legal; bonitos peitos; bela mini saia; estou vendo seus mamilos; cala a boca pelo amor de Deus; gostei da sua voz rouca; bela morena; bonita loira; isso não é de verdade...

Falando em ser de verdade, ele escutou o celular tocar de novo. Dessa vez ele atendeu.

– O que foi, Estella?

– Desculpa, patrão. Mas será que dá pra demitir o Donny pra ele parar com a histeria? Ele foi olhar a agenda e os e-mails e pirou de novo.

– Se ele quer pedir demissão, por que foi olhar e-mails e agenda? E num sábado à noite – Sean revirou os olhos.

– Você sabe como é, às vezes é preciso olhar...

– Não pago vocês pra isso, Estella. Dá pra vocês aproveitarem o final de semana?

– Eu quero voltar pra casa, meu marido está me esperando. Mas acho que o Donny vai cometer umas loucuras.

– Passa o telefone pra ele.

Demorou uns segundos e ele escutou a voz de Donny.

– Desculpa, chefe. Eu não sou de abandonar o barco, mas acho que vou precisar ir pra um retiro espiritual. É pressão demais! – dizia Donny.

– Tudo bem. Você está demitido. Passe o telefone pra Estella.

Mais uns segundos e ela atendeu.

– Bem-vinda ao barco, Estella. Você está promovida, ocupe a mesa do Donny a partir de segunda e dê um jeito no trabalho dele.

– Mas, chefe!

– E você passa a ganhar o salário dele também, com um aumento de dez por cento.

– Obrigada! Eu, eu... Nossa, vou reformar meu banheiro!

– E não vai mais me ligar hoje. Divirta-se.

Ele desligou o telefone e pensou que quando chegasse a Nova York seu escritório ia estar uma loucura. Ele não queria realmente demitir

Donny, pretendia mandá-lo de volta à direção enquanto Estella ficava na presidência.

– Sério que você levou um minuto pra demitir alguém, promover outra e ainda dar um aumento? No meio da festa? Acho que descobri porque você leva esse celular pra todo lado.

Olhos dourados estavam novamente olhando-o sarcasticamente e sob o local mais iluminado, ele achava que pareciam mais incríveis.

– Você não sabe se eu o levo pra todo lado.

– Escutou o que acabou de fazer? Você com certeza leva, admita.

– Eu levo – ele assentiu.

– E essa sua empresa deve ser completamente louca.

– Ah é, você não faz ideia.

– Onde fica?

No mundo todo – ele pensou.

– Em Nova York – resumiu.

– Que legal. Eu adoro Nova York, mas não tenho tido tempo pra ir lá.

– Faculdade?

– E estágio – ela completou.

– Eu moro lá e também não tenho tido tempo pra aproveitar.

Ela lhe lançou um olhar cético.

– Eu percebi. Você é tipo um escravo com um chefe terrível ou só um viciado em trabalho.

Ele piscou algumas vezes. Como responder isso sem mentir? Ele não tinha exatamente um chefe e não é que fosse viciado em trabalho, é que realmente era ocupado demais. Estar naquela festa podia não ser o que ele desejara no início, mas ao menos era um tempo “livre”.

– Nenhum dos dois – ele cruzou os braços e lhe lançou um olhar Ward de fim de assunto, totalmente patenteado.

Beatrice lhe respondeu com um olhar desconfiado, mas eles foram interrompidos por duas mulheres com quem ele conversou por cinco minutos naquela rodada de Hillary.

Enquanto elas falavam, Sean estava pensando que Rico havia sumido. Ele não sabia se isso era bom ou ruim. E Beatrice havia saído subitamente e agora estava comendo lá no Buffet, com Cody segurando o prato para ela como um pobre garçom fazendo todas as suas vontades.

Pouco depois, Gerry estava bêbado como um gambá e dançando à beira da piscina enquanto tocava o que parecia ser o álbum atual da Rihanna. Sean sabia disso porque ao contrário do que Beatrice achava, ele escutava música e bastante. E era informado, além de antenado com tudo que fosse atual. E Umbrella, a tal música do guarda-chuva, tocava tanto que até nas poucas vezes que entrou num táxi no último mês, ele a escutou.

– Quer apostar em quanto tempo ele cai na piscina?

Dessa vez foi Sean que apareceu subitamente. Ela se virou e olhou para o que Gerry fazia.

– Você não é amigo dele? – ela perguntou.

– Em tese.

– Um minuto – ela disse.

– Dois minutos – disse ele.

Eles ficaram em silêncio, Sean pegou um prato e escolheu coisas do Buffet, Beatrice comia um salgadinho e Cody trouxe o prato com novos quitutes frescos para ela.

Enquanto mastigava, Sean olhava para a beira da piscina vez ou outra e olhava o relógio em seu pulso. Um minuto e cinquenta e sete segundos depois, Gerry tropeçou e caiu na piscina. Quando voltou à tona, deu uma gargalhada super alta.

– Foi muito mais perto de dois minutos do que de um – disse Sean.

– Droga – Beatrice colocou outro salgadinho na boca e mastigou por uns segundos. – Afinal, o que estávamos apostando?

Ele deu de ombros quando parou ao lado dela.

– Faz diferença? Eu ganhei.

Cody olhou de um para o outro e imaginou quando foi que eles sequer se apresentaram o suficiente para ficar conversando. Será que foi durante aqueles minutos que Beatrice sumiu? Ele não conseguia vê-la lá naquele espaço ao lado da fonte onde ela estivera. Nem ele tinha o que conversar com Sean e olha que o conhecia há anos, o que ela poderia dizer ao cara?

– Eu sou uma péssima perdedora, não vou te pegar nem uma bebida – ela avisou.

Ele sorriu abertamente, o que só deixou Cody mais confuso.

– Bea, vamos sentar lá perto da fonte pra comer – sugeriu Cody.

Pobre garoto. Ela havia comido um bocado enquanto estava ali no Buffet. Ele que ficou babando em cima dela e segurando o prato e se esqueceu de comer. Até Sean que acabara de chegar ali já havia comido mais do que ele.

– Comi demais – ela soltou o ar. – Que tal gastar um pouco?

Ela desceu os degraus e saiu dançando levemente, aproveitando que agora estava tocando Don't Stop The Music e tinha um pessoal animado e dançando perto da piscina.

Sean olhou para Cody que acabou enfiando um salgadinho na boca e franziu o cenho enquanto ela ia passando e dançando, afastando-se cada vez mais.

– Sério que você não vai? – Sean perguntou a Cody, porque foi mais forte do que ele.

Se o cara estava a fim da garota e ela estava lhe dando voltas, mas subitamente queria dançar, o que ele devia fazer? Largar a droga do prato e ir atrás dela dançar qualquer coisa. Ao menos essa era a lógica de Sean.

O rapaz lhe lançou um olhar de esguelha.

– Sou péssimo dançando – ele disse.

Dane-se, amigo. Improvisa!

– Diferente do seu pai – Sean mordeu um mini sanduíche. Gerry realmente tinha ritmo, ainda mais para um cara tão grande. Já estava lá dançando de novo.

Cody soltou um muxoxo e saiu, parecendo meio danado da vida. E Sean ainda não sabia porquê o rapaz antipatizava tanto com ele.

– Estou faminto – disse Rico, aparecendo novamente.

– Onde você se meteu? – perguntou Sean. – Não que eu o queira grudado em mim, mas você sumiu do nada.

– Estava dando um passeio em volta do jardim.

Sean fez uma expressão cética, mas o que ele tinha com isso? Era só que Rico nunca sumia. Ele o deixou ali, sem contar que Donny estava demitido e Estella promovida ou seu assessor ia dar um troço.

– Sean, tenho uma conhecida pra te apresentar, acho que essa é mais o seu tipo e já passou dos vinte e cinco – Hillary disse baixo, quando o encontrou.

– Não. Nem pensar – ele passou por trás das cadeiras e se afastou.

Ele nem olhou por cima do ombro.

– Sean, vem dançar! – gritou Gerry lá da beira da piscina.

Não nessa vida.

– Prepare-se, ela está vindo pra você.

Ele se virou e Beatrice estava de pé, bem ao seu lado.

– O que pode ser agora?

– Não se preocupe, não é mais um dos seus assessores.

Ele levantou a sobrancelha para ela.

– São de verdade? – ele perguntou subitamente.

– O quê?

– Seus olhos.

– Vidro que não podem ser.

– Nunca te perguntaram isso?

– Constantemente.

– E você sempre responde isso?

– Não, eu já disse que era transplante, inventei uma doença relacionada ao cromo amarelo, falei que era lente eterna daquelas que você leva meses usando. Já disse até que eram os olhos de uma menina morta e ela agora estava assombrando a casa da pessoa. Mas esse último foi quando eu tinha doze anos e odiava a garota que morava na casa.

– Você é terrível – ele balançou a cabeça.

– E os seus? São lente de Halloween? – ela o encarou, como se tivesse só olhando seus olhos, mas logo desviou e percorreu a piscina com o olhar.

Sean continuou olhando para ela, mas respondeu:

– Está tão ruim assim? Não, são vidro mesmo.

– É turquesa, você sabe, não é uma cor muito comum – ela disse, voltando a olhá-lo, mas não tão diretamente.

– Não, não sei.

– Sabe agora – ela cantarolou isso. – Enfim, acho que a loira lá te colocou numa roubada.

– Que loira?

– Hillary.

– Você não era amiga dela?

– Em tese.

Ele cruzou os braços e lhe lançou um olhar sacana, ela havia acabado de imitar seu tom.

– Que furada? – ele quis saber.

– Está vindo pra cá, noroeste, alta, morena, um avião.

Ele virou o rosto e viu a morena de cabelo negro, linda e chamativa.

– Furada?

– Ah, sim. Eu conheço o último dela.

– Saiu muito machucado?

– Destroçado – ela praticamente separou as sílabas da palavra ao pronunciar.

– Conhece de onde?

– A George Washington, te disse, estudo lá.

– Ela também?

– Ah, sim.

– Seu tom foi cheio de entrelinhas – ele observou.

– Não foi não.

– Ah, foi – ele quem imitou o tom dela dessa vez.

Ela só o olhou por um momento, pendeu a cabeça e sorriu pela perfeita imitação do seu tom.

– Enfim – Beatrice balançou a cabeça, voltando ao assunto. – Hillary me disse que se te apresentasse alguém, além de um carro, ela ganharia uma viagem.

– Você está de sacanagem – agora ele a olhou seriamente e até descruzou os braços.

Beatrice inclinou a cabeça e riu com vontade.

– Sim! – ela riu mais, por causa da cara que ele fazia. – Claro que não foi uma viagem, seu tolo. Ela pode pagar por uma com o trabalho dela. Foi um apartamento lá no centro.

Ele colocou as mãos nos quadris e ela riu ainda mais.

– Você quer uma bebida? Eu quero – ele disse subitamente.

– Claro.

Ele ainda franzia o cenho quando foi pegar bebidas para ambos e Hillary apareceu perto dele, começando a encher um copo também. Ela estava meio sem graça, porque era fácil tentar ser simpática e fazer umas brincadeiras para quebrar o gelo com ele ou passar o tempo

apresentando todas as mulheres da festa. Mas eles não eram íntimos e ela estava a ponto de dizer algo mais sério.

– Sean... – ela pausou e segurou o copo. – Você... acho que roubou a garota do meu irmão.

– Eu não posso pegar uma bebida para uma mulher que você já acha que estou roubando algo? – ele perguntou, porque estava mesmo só pegando uma bebida.

– Qual é! Agora ela só fala com você e esqueceu que meu irmão existe. Sabe há quanto tempo ele está tentando ficar com ela?

– Ela está é caçoando da minha cara. Isso deve ser mais interessante do que os avanços do seu irmão. Não diga a ela o que eu faço, estamos nos divertindo.

Ela concordou e o deixou voltar, afinal se Sean parecesse estar se divertindo, ela ainda ganharia o carro que o pai havia prometido. O apartamento pelo jeito não ia rolar, porque ele ainda não dera em cima de nenhuma das garotas gatas daquela festa que ela tentou jogar para cima dele. Droga, Hillary estava precisando tanto se mudar para um lugar mais perto do trabalho.

E estava louca para sair da casa dos pais, esse era seu último ano na faculdade que era ali perto. Quando viu Sean entregar o copo à Beatrice, ela franziu o cenho e ficou pensando... Seu pai não especificara nada, Sean estava de papo com Beatrice, isso contava? Ela até estava com pena do irmão, mas quem mandou ele ser lento? Se eles pelo menos continuassem de papo o resto da festa, talvez ela ainda ganhasse.

– Soda? Pensei que ia me trazer uma bebida de verdade – disse Beatrice, depois do primeiro gole.

– Ouvi Hillary dizer que você não pode beber.

– Saco... enfim, agora que você voltou e estamos a ponto de ser interrompidos, não sei nada da sua vida, mas caso você seja um inocente, quase virgem, deve saber que ela é atriz pornô.

Ele chegou a cuspir a bebida de volta para o copo e quase se engasgou. Virou-se e tossiu umas vezes e descartou o copo na lixeira ao lado da árvore.

– Então, eu te aconselho a fingir que é entendido – ela continuou.

Sean ficou olhando para ela e balançou a cabeça.

– Eu acho que não me deixam sem palavras há muito tempo – ele disse.

– Imagine só com ela... – Beatrice revirou os olhos.

– Eu realmente preciso dizer que não sou inocente e nem quase virgem e se fingir de entendido dá errado em noventa e nove por cento dos casos?

– Esperto – ela piscou pra ele.

Sean não estava acreditando nisso. Ela havia piscado para ele como se aprovasse?

– Você está fingindo – ele disse, por fim.

– O quê?

– Fingindo – ele assentiu, confirmando.

– Ela realmente é uma atriz pornô. Você tem algo contra isso?

– Não, eu sou extremamente liberal.

Agora ela quem franziu o cenho para ele, por algum motivo oculto e que Beatrice não queria pensar sobre, parecia que estavam entrando num terreno errado. Ela não tinha condições de começar a flertar com esse cara. Agora já devia estar ou correndo ou sorrindo que nem uma idiota, mas ela não era disso.

– Então você é democrata? – ela perguntou, se aproveitando da deixa dele.

Como que ela havia enfiado política no meio daquela conversa? Ele não podia acreditar nela.

– Por quê? Você é?

– Claro que sim. Não me diz que além de ter um secretário doido que te liga em festas, um assessor que te segue pra todo lado, um celular com toque de despertador e ser amigo do Gerry, você também é republicano.

– Não, mas eu não sei se ser republicano é o pior item dessa sua lista.

– Claro que é. Se você fosse, nós íamos ter um daqueles problemas... como é que chama? Quando casais famosos querem se separar porque se odeiam, mas não querem que ninguém saiba.

– Diferenças irreconciliáveis? – ele sugeriu.

– Isso!

– Acho que é a primeira vez que me esnobam por diferenças políticas – ele observou.

– Não te esnobei, você disse que é democrata.
– E você dá importância demais a isso.
– Eu sei, mas nessa cidade tudo é super politizado. Não significa que eu me relacionaria com um republicano.

– Você pergunta isso a todos os caras com quem fica?
– Sim, logo depois das perguntas sobre doenças transmissíveis, ideais de vida, a realidade econômica e social do país, opinião sobre a ONU, sobre a faculdade de Artes, se ele sabe o que é designer de interiores e se gosta de futebol americano. Dependendo, sigo para as perguntas sobre feminismo e direito das mulheres, se falhar aí, nem pensar.

– E como estou me saindo?
– Me diga você.
– Não sei, por que você acha que como sociedade e apesar de tudo que as mulheres já conquistaram, continuamos a ensiná-las a aspirar ao casamento e até a ter uma carreira, mas não a ter ambição demais? E por que homens em geral ainda se sentem ameaçados por mulheres bem sucedidas, levando em conta que eles ainda são levados a acreditar que elas precisam de homens para se realizar? As mulheres na minha família comandam o negócio em pé de igualdade com os homens. E acredite, elas são mais ambiciosas – ele disse a última frase como se estivesse se gabando por as mulheres da sua família serem o máximo.

Ela levantou as sobrancelhas, depois olhou para os lados e se inclinou para perto dele, o que foi uma péssima ideia porque descobriu que o cheiro dele era ótimo.

– Talvez você sirva. Casamento pode ser uma relação de igualdade e parceria. Talvez, depois que me realizar na minha carreira, nós poderemos até nos reproduzir – ela terminou essa com um sorrisinho que o fez ter vontade de segurar o queixo dela e apagá-lo. Com um beijo.

– Eu não acredito que você falou “reproduzir” – Sean balançava a cabeça.

– Desculpa, eu queria tirar o aspecto sexual da declaração.
– Impossível – ele declarou, mantendo o olhar nela.

Eles foram interrompidos aí. Graças a Deus, ao menos na opinião de Beatrice, porque ele a olhou de um jeito que quase fez a mente dela

conectar o que não devia. A tal morena era um avião de cabelo negro com aplique, mas ninguém precisava saber dessa parte. Hillary lançou um olhar cheio de significados para Beatrice, tudo se resumia a ela cair fora, pois caso Sean se interessasse, o apartamento dela estaria no papo. Gerry sempre fazia umas apostas dessas com os filhos.

– Cody estava te procurando – disse Hillary para Beatrice. – Sean, essa é a Marla. Uma amiga minha, ela faz administração, sabe? E acabou de conseguir um estágio fenomenal. Ficou louca pra te conhecer quando soube que você estaria aqui.

Beatrice levantou a sobrancelha direita para ele como se dissesse “eu avisei”.

– Prazer em conhecê-la – ele apertou a mão dela.

– Eu sempre quis te conhecer – ela disse, quase com uma fangirl. – Você é um dos casos de estudo lá na faculdade, sabia? Não só você, mas a empresa.

Com o cenho muito franzido, Beatrice ficou tentando entender aquela declaração. E Marla estava com aquele sorriso bobo e olhar de gatinha faminta e sedenta que mulheres demonstravam quando ficavam em frente a Sean. E piorava quando ele olhava para elas com aqueles olhos sérios e tão intensamente diretos. Quando ele resolvia falar, elas já estavam até oferecendo a barriga de gatinha para ele coçar.

– Isso é realmente fantástico – ele disse. – Eu estava aqui discutindo um casamento, será que... – ele começou, pronto para se livrar de Marla e Hillary.

– Eu tenho terror de casamento! – Beatrice disse de repente.

Ele quem lhe lançou um olhar cheio de significados dessa vez. E Hillary estava desde o início querendo morrer, mas agora ela queria ressuscitar para morrer de novo. Ela podia imaginar todos os absurdos que Beatrice estava dizendo para ele.

– Não era um discussão profunda sobre a visão de casamento da sociedade como uma imposição às mulheres para serem felizes enquanto aos homens ainda é apresentado como um fim de linha? – ele disse, surpreendendo-a.

Ela cruzou os braços e o encarou.

– Isso é o cúmulo – disse Beatrice.

– Meu ponto exato – ele respondeu, com um sorriso de canto de lábio aparecendo.

A morena deu uma risada.

– Sério que você estava discutindo isso quando metade da faculdade morreria pra falar com ele sobre o seu trabalho? – disse Marla, achando que Beatrice era louca ou idiota.

– Faço designer de interiores – disse Beatrice, com tédio estampado.
– A menos que ele tenha algo a acrescentar nisso, a única coisa que sei é que o secretário e o assessor dele são esquisitos e ele é viciado em trabalho.

– Claro que ele é! – disse Marla como se fosse óbvio. – Ele é um Ward – ela disse, como se isso explicasse tudo.

A luzinha em cima da cabeça de Beatrice não apareceu. Ward podia ser tantas coisas. E ela sinceramente não lembrava onde o pai de Hillary trabalhava. E da última vez que alguém falou de ward com ela, era coisa de jogo de RPG. Fosse o que fosse, não mudava os fatos que ela explicara.

Sean olhava de uma para outra, sem a menor vontade de se meter. Ele achava que estava começando a ficar com dor de cabeça.

– Ah – disse Bea, puxando o som do “a” e fazendo uma cara tão cínica que Sean sabia que era mentira. – Entendi. Bem, vou ali – ela deu uma apontadinha rápida e saiu.

Sério? Ela tinha toda essa facilidade de simplesmente sair e pronto? Puta desprendimento. E isso porque ele sabia que ela estava fingindo.

Claro que Cody grudou nela por um tempo e foi difícil para Sean se livrar de Marla. Ele não gostava de ser malvado com estudantes, ainda mais com uma que apesar de estar lhe lançando olhares que fariam um cara mais humilde corar, também tinha perguntas pontuais relacionadas ao seu trabalho.

Ok, ele pensou, vamos ficar só na parte profissional. Ele supriu a curiosidade acadêmica dela e deu o fora. Rico estava lá em cima e acenou para ele. O cara do RH também, assim como o cara do marketing. Ele acenou de volta e fez um sinal de que estava indo lá. Mentira. Ele havia passado a última semana encontrando e fazendo refeições com essas caras. Estava farto.

– Você pelo menos pegou o telefone dela? – Beatrice perguntou ao descer as escadas da casa e parar no primeiro degrau.

Ele se virou e olhou para ela, parada sobre o degrau e com os saltinhos que usava, ela conseguia ficar da sua altura.

– Não vou comê-la.

Ela soltou o ar como se estivesse decepcionada. Não que ela em algum momento houvesse achado que ele era mesmo um pobre e inocente quase virgem. Nenhum homem com aquela aparência poderia ser. Mesmo se ele não quisesse, mulheres o atacariam e arrancariam a inocência dele. Não havia como. Ele não havia sido um viciado em trabalho a vida inteira, tinha que ter tido tempo pra se esbaldar. E ele tinha cara de que se esbaldava com estilo.

O tipo que ela não devia se meter. Você sabe, vem escrito na testa deles, algumas garotas, como ela, enxergam. Felizmente. Ou não, depende do ponto de vista. Vai que... sei lá, vale a pena.

– Isso foi tão informativo... – ela murmurou.

– Pensei que estivéssemos sendo hiper sinceros de propósito.

– Serviu pra alguma coisa, você tem esse semblante super sério – ela moveu a mão no ar como se demonstrasse um defeito gigante e aterrorizante no rosto dele. – Não deve rir de piadas, mas ri de respostas inadequadas.

Sim, porque o cara podia ser bonito, charmoso, cheirar bem e tudo mais. Só que ele era intimidador. Dava vontade de sair correndo quando ele estreitava o olhar. Não dava para saber se ele estava pensando ou querendo arrancar seu pescoço. Não passava pela mente dela que em alguns momentos ele poderia simplesmente estar pensando em beijá-la. Para que dificultar coisas simples, não é?

– E espirituosas. Sim, geralmente – ele confirmou.

– Legal. Bem, eu vou...

– Fugir pra onde dessa vez? – ele interrompeu, quando ela chegou a pôr o pé no degrau de cima.

Beatrice virou o rosto para ele e franziu o cenho, chegou a abrir a boca uma vez, mas repensou o que ia dizer e preferiu engolir a saliva.

– Sobre aquele negócio de fingir... – ela deixou o tópico aberto.

Ele deu um sorriso leve, chegou para o lado para um garçom passar com uma bandeja.

– Melhor sairmos do caminho – ele moveu a cabeça, indicando o lado esquerdo.

Ali ficava o mesmo local onde eles estiveram lá no início da festa. Ela franziu o cenho e desceu, deu uma olhadinha por cima do ombro porque tinha literalmente fugido. O celular de Sean vibrou e ele tirou do bolso enquanto ela se aproximava.

– Seu secretário doido ainda está vivo?

– Espero que sim, não quero voltar e encontrar uma bagunça sangrenta.

Ela ajustou a frente do vestido e prendeu melhor a cintura. Ao invés de imaginar como seria sua próxima saída estratégica para sair de perto do seu novo amigo de festa, ela se concentrou em qualquer outra coisa. Como por exemplo, o fato de estar esfriando e ela havia vindo com um vestido sem mangas. Era lindo, uma peça da Blumarine que ela comprou por puro abuso com seu primeiro salário. Mas...

Sean se virou, enfiou as mãos nos bolsos e ficou olhando-a.

– Afinal, qual o seu problema com o Cody? Querem te jogar pra cima dele?

O que ela estava pensando mesmo?

– Não, eu... por que você quer sabe disso? Vai tentar vender o peixe dele também?

– Eu não vendo nada que não vai me dar lucro. Mas como você me avisou sobre a interrupção, achei que devia te dizer que ele saiu da casa.

Ela soltou o ar e tentou fingir que não fazia diferença, mas deu dois passos e parou atrás dele, ficando na ponta do pé para olhar por cima do seu ombro. Só que ele virou o rosto e a pegou no flagra ou como preferir chamar, mas dessa vez quando eles se encararam, não deu tempo de fingir rápido o suficiente. E eles ficaram parados ali, como se esperassem quem ia ceder primeiro.

Beatrice descobriu que o olhar dele não era sério, era inexplicável. Depois que a capturava, não dava para fugir. Ela sabia que estava movendo as mãos, virando o pé sobre o salto da sandália, engolindo a saliva, pressionando os lábios e até piscando. Mas não podia desviar o olhar. Sean estava imóvel, ele provavelmente só piscava e respirava. Se ele se movesse, sua mão ia acabar na cintura dela e aí ninguém sabe o que ia vir depois.

– Você não quer ir me pegar outra bebida? Aceito soda – ela disse baixo.

Ele assentiu, se virou e saiu. Beatrice soltou o ar e felizmente ele não olhou para trás. Ela devia fugir enquanto ele ia até a mesa das bebidas, dava muito tempo de subir as escadas, entrar na casa e desaparecer. Não só era o mais certo a se fazer, era o mais lógico também. Aliás, ela devia sair correndo.

Sabe o que ela fez?

Ficou observando sua sandália cor de champanhe, pensando que havia feito uma boa compra e eram saltos confortáveis, apesar de que após essas horas em cima dele, já estava pronta para deixá-la.

Capítulo 3

Você está com medo do quê? Eu mordo, mas não tiro pedaço. Gosto das minhas garotas inteiras.

Dessa vez Hillary não o seguiu até a mesa de bebida, mas eles se encontraram mesmo assim, porque ele deu mais alguns passos e parou ao lado dela.

– Há quanto tempo seu irmão está tentando? – ele perguntou, subitamente.

Ela franziu o cenho, sem saber se achava a pergunta estranha.

– Sei lá, mais de um mês.

– Diga a ele que eu sinto muito.

– Por quê?

– Eu vou ficar com ela.

– Você? – Hillary arregalou os olhos. – Você vai quebrar o coração dele – ela dramatizou, mas riu. – Tem cinquenta outras aqui, Sean. Não seja malvado. É só escolher. Ele está doido por essa menina faz tempo.

– Não. Eu só quero ela.

Ele havia mudado de ideia. Para ser sincero, já havia acontecido antes de vir buscar mais essa bebida, não só porque ela estava lhe fazendo andar por aí com copos. Aconteceu. Não se explica essas coisas, é perda de tempo. Eles ainda não se conheciam bem, mas o que isso tinha de diferente de todas as relações que ele tinha? Sempre era assim, ele ficava com alguém, às vezes conhecendo por menos tempo do que já havia conversado com Beatrice e depois nunca mais via. Em raros casos reencontrava a mulher, mas não porque queria repetir.

Dessa vez ele queria falar mais com ela. Já estivera em inúmeras situações com mulheres e tinha quase certeza que isso não ia para frente agora. E ele não tinha tempo para desenvolver relações. O GW o esperava lá em Nova York e para ele, encontros com mulheres que já vinham sabendo o que queriam, recebiam e davam e poupavam seu pouco tempo, sempre eram melhores. Ainda assim, ele queria conversar um pouco mais com ela. E ela ia enrolá-lo. Estava escrito na

sua testa que ela não facilitaria nem se estivesse louca. Facilitar as coisas para caras que apareciam em festas não fazia parte da sua personalidade, isso ele já sabia.

Quando Beatrice já tinha feito o nó na cintura do seu vestido duas vezes e estava considerando se ainda dava tempo de entrar na casa...

– Aqui – disse Sean, lhe oferecendo o copo.

– Obrigada.

Eles beberam uns goles, ainda em silêncio.

– Você disse que ia embora? – ele perguntou.

Óbvio que ela ia negar, não tinha dito nada disso, apesar de ter sido exatamente o que se passara pela sua cabeça. Esse cara lia mentes?

– Então, já deu minha hora. Está super divertido, mas essa sandália está começando a machucar e eu já bebi refrigerante demais – ela devolveu o copo para ele.

Sean segurou o copo dela e balançou a cabeça. Estava começando a achar que ela não fazia de propósito, por isso que o pobre e lento Cody estava sofrendo.

– Eu perguntei porque ia dizer que estava indo embora – ele esclareceu.

Ah, meu Deus. Ela e sua boca grande. E agora? Dava a desculpa do banheiro ou a desculpa do “ainda vou me despedir”?

– Quer um passe livre pra rua? – ele perguntou.

Tudo bem, mas se ele estava oferecendo o passe deveria esperá-la, não? Beatrice entrou na casa e subiu as escadas atrás dele, olhou para os lados como se fosse uma fugitiva.

– Beatrice, você vai pra onde? – perguntou Cody, subindo as escadas atrás deles e estragando o passe livre que Sean oferecera.

Ela teve a maior vontade de dizer “banheiro”, mas se virou para ele e disse.

– Embora.

– Já?

– Estou com sono.

– Mas...

Ele viu Sean parado perto da porta, mexendo no celular.

– Você o conhece? – perguntou Cody, fazendo a pergunta mais tola da noite.

Mais uma vez, ela pensou em dizer “quem, ele? É um cara aí da festa, nem sei o nome”.

– Conheci agora – ela sorriu, para ver se colava.

– E vai pra onde com ele?

Cody dizia o “ele” de um jeito que fazia parecer que Sean era o próprio belzebu.

– Lugar nenhum. Olha, que tal nos falarmos na segunda?

Ela deu um beijo no rosto dele, torcendo para que isso não lhe desse esperança. Beatrice achava que ele precisava amadurecer urgentemente. Por essas e por outras que ela preferia uns caras um pouco mais velhos.

Quando chegou à porta, Sean estava novamente ao celular, dizendo ao tal de Rico que se ele quisesse ir embora, tinha um minuto para aparecer na porta.

– Você é mal com ele de propósito? Não dá nem tempo de ele ir ao banheiro ou soltar alguém que esteja beijando – ela disse.

– Eu ia adorar se o Rico se atrasasse por estar beijando alguém, infelizmente eu não tenho essa sorte – ele abriu a porta para ela e saiu logo depois.

Beatrice deu uma olhada na rua, um tanto deserta a essa hora.

– Bem, vou indo.

– Você quer uma carona? – ele ofereceu só de cavalheirismo, ela só aceitaria se estivessem sendo perseguidos por uma horda raivosa.

– Não pego carona com estranhos.

– Estranhos?

– Como é seu nome mesmo? – ela franziu o cenho, tentando lembrar.

– Você não esqueceu meu nome, Beatrice. Devem tê-lo repetido umas quinhentas vezes perto de você.

– Ok, Sean – ela se virou e foi andando em direção à subida da rua. – Era só pra ver se você completava o nome.

– Sean Ward.

– Ah! – ela parou de repente e o olhou. – E eu pensando que era RPG.

A porta da casa abriu e eles só ouviram a voz de Rico no considerável silêncio da rua.

– Patrão!

Beatrice começou a rir instantaneamente.

– Entra no carro, Rico – disse Sean. – Estou ocupado.

– Não está não – ela disse.

– Estou – ele voltou a se virar para frente, apesar de o caminho ser dela.

Beatrice cruzou os braços e voltou a andar também.

– Você não vai nem se despedir do seu amigo Gerry?

– Quando você fica muito interessada num cara, sempre fica fingindo assim?

Ela levou dois segundos para registrar o que ele realmente disse. Então virou o rosto pra ele.

– Você é muito pretensioso.

– De acordo com o que você diz, é melhor do que ser machista e republicano. É só negar, Beatrice. Pra alguém com tiradas tão boas, não deve ser difícil.

Ela só continuou andando ao lado dele, ainda com os braços cruzados e ele podia até não ter tempo sobrando, mas sabia muito bem quando aguardar.

– Sim, eu finjo.

– Seria uma pena se você tivesse os olhos dourados mais bonitos que já vi e eles te denunciassessem o tempo inteiro. Interesse é algo que aparece num olhar.

– No seu também?

– Você não estava prestando atenção em mim, estava?

Ela engoliu toda a saliva que havia na boca antes de sair pela tangente.

– Meus olhos não são dourados, são um rico tom de âmbar com um raro pigmento amarelado que depende da luz pra aparecer mais. Sim, eu decorei isso. Mas eu mexo muito com cores, então...

Sean sabia o que ela estava fazendo, então só seguiu a onda.

– É aqui que você pega o táxi? – ele perguntou quando chegaram à esquina da Nebraska com a Foxhall.

– Pode ser, aqui passa mais do que lá.

– De que cor você acha que eles estarão amanhã? – ele perguntou, voltando ao assunto.

– Depende da luz.

Ela levantou o braço para fazer sinal para um táxi, apesar de que ela queria que ele continuasse falando. E ela continuaria respondendo. Não gostou de pensar que ia terminar essa breve amizade com seu novo amigo de festa assim tão subitamente. Apesar de saber que era exatamente como terminaria, pois ele logo voltaria para sua vida em Nova York e ela continuaria ali em D.C, estudando. E não tinha como dar um motivo para não fazer sinal para o primeiro táxi que aparecesse. Só se a atração que estava sentindo por ele servisse para explicar alguma coisa. Ia ser muito feio se ela acabasse uma festinha chata agarrada ao pescoço de um cara que acabou de conhecer?

Ela quase fez sinal, se ele não tivesse segurado sua mão a meio caminho.

– Estava vazio – ela disse.

– Sabe aquela aposta que eu ganhei?

– Aquela que eu disse ser uma péssima perdedora? Não adianta fazer um pedido absurdo.

– Espero que seu telefone não tenha um número absurdo.

Ela ficou olhando para ele, mas não tentou soltar a mão, não que ele fosse soltar primeiro.

– Não sou boa com amigos que moram perto de mim, quem dirá por telefone – ela avisou.

– Então somos dois. Não sou bom com amigos, ponto.

– Você tem caneta aí?

Ele tirou o iPhone do bolso, destravou e mostrou a tela a ela.

– Coloque aí.

Beatrice se aproximou, digitou o número ali e devolveu. Ele olhou o número antes de soltar a mão dela.

– Você é o tipo que me daria o telefone de uma pizzaria só por diversão. Ia ficar em casa rindo enquanto eu escutava promoção de pizza pepperoni tamanho gigante.

Ela já estava rindo ali, bem na cara dele.

– E eu vou ser obrigado a chantagear a Hillary pra descobrir o número certo e vou parecer um stalker quando te ligar. Você realmente vai me fazer passar por isso, Beatrice?

Tudo que ela fez foi parar de rir e se aproximar dele, o que fez Sean descobrir que ela não era provocativa só nos assuntos e nas tiradas. Ela

estava interessada, mas ele também.

– Chantageie a Hillary – ela o tocou no peito e depois o olhou. – Por sua culpa ela não vai ganhar a aposta com o pai. O mínimo que você pode fazer é lhe dar algo que ela precise em troca do meu telefone.

Sean a beijou. Não tinha escutado tudo, seus olhos focalizaram os lábios dela e eles já haviam sido adicionados à lista de tudo que o atraía nela, porque tudo que ela tinha para mostrar já estava incluso. Foi rápido, os lábios dele se separaram, mas como tinha sido muito melhor do que um primeiro beijo rápido e quase roubado deveria ser, ele pressionou os lábios nos dela novamente. Aquele único momento que ele parou, antes de selar o beijo, foi o tempo que levou para ela retribuir.

– O número – ele disse, com os lábios ainda muito perto dos dela.

– Troca o seis no final por nove – ela disse. – E não era pizzaria, era a entrega de comida chinesa.

Como ele havia previsto, a mão dele acabou na cintura dela, mas isso não a impediu de se afastar e virar para procurar um taxi imediatamente. Beatrice queria sumir dali o mais rápido possível. Conversar, tudo bem. Só que beijar o bonitão ali, não ia dar certo. Era claro como cristal que se deixasse o beijinho de despedida virar um beijo de verdade, ela ia acabar onde não devia. E todo mundo sabia onde era isso, não é? Bem agarrada a ele, talvez na horizontal. Ele não tinha cara de que precisava de camas para fazer o que queria.

Uma vozinha maldosa vinha do fundo de sua mente e dizia que ela nunca mais ia vê-lo então talvez uma aventura com o Mr. Perigo ali valesse a pena. Felizmente um táxi estava vindo, antes que uma ideia absurda tomasse conta de sua mente. E ele não parecia que ia impedi-la dessa vez. O automóvel parou e tudo que Sean fez foi abrir a porta para ela entrar.

– Você toma café? – ele perguntou.

– Puro? Não.

– Tanto faz. Se esse número for mesmo seu, vou ligar. Vamos tomar café amanhã, ou melhor, mais tarde – ele completou, já que era uma e pouca da manhã.

– Vamos?

– Sim, vamos. Onde você quiser.

– E se eu escolher um café nas Bahamas?
– Eu te levo – ele disse sem nem pestanejar. Mal sabia ela que era verdade.

Beatrice deu um sorrisinho como se considerasse a brincadeira dele e entrou no táxi. Assim que ele fechou a porta e ela partiu, o carro dele parou à sua frente, com Don ao volante. Rico abriu a porta e o olhou.

– Se deu bem, patrão?
– Se eu tivesse me dado bem ia estar de pé aqui na calçada? Chega pra lá – ele disse, antes de entrar e bater a porta. – E eu não esperava nem memorizar um nome hoje, muito menos me dar bem.

O carro partiu e Don sorria levemente.
– Hum... moça bonita. Ela é maior de idade? – perguntou Rico, super interessado.

– Desde quando eu me envolvo com gente menor de idade, Rico?
– Eu sei, mas tinha tanta gente jovem lá. Ela podia ser uma caloura.
– Não, acho que está terminando. E ela não parecia uma caloura nem de longe.

– Não deu pra reparar tanto assim nos detalhes.
Deu sim, ao menos Sean lembrava cada pequeno detalhe de Beatrice. Especialmente a voz dela, tudo que ela disse, o tom que usou, seus olhares... Aqueles olhos espetaculares. E a maciez dos seus lábios, a surpresa dela quando ele a beijou, aquele leve arquejo que ela deixou escapar contra seus lábios e a forma como devolveu aquele beijo rápido depois que ele lhe deu um segundo para se recuperar.

– Está rindo do quê? – perguntou Rico.
– Ela me deu o telefone da comida chinesa.
– O quê?
– Maldita espertinha. Eu ia acabar encomendando frango xadrez.
– Não seria ruim, ainda estou com fome – disse Rico, colocando a mão na barriga.
– Espera até chegar ao hotel.

Ele se recostou e pegou seu celular, girou-o na mão e pensou que pela primeira vez aquela perturbação constante de ele tocar inúmeras vezes ao dia, tinha lhe rendido algo interessante.

– Eu devo agendar o voo para Nova York antes do almoço? – perguntou Rico.

- Não.
- Depois do almoço?
- Você pode voltar pra Nova York se quiser, vou ficar aqui.
- Mas...
- Hoje é domingo, estou de folga.

Rico ficou quieto por um tempo, assimilando a informação e resolveu não perguntar antes que Sean o cortasse. Já que era assim, ia aproveitar para turistar pela capital do país.

Mais tarde, passava do meio dia quando Beatrice se arrastou para fora da cama. A primeira coisa que fez foi tropeçar numas coisas e entrar aos tropeços no banheiro. Sua colega de quarto tinha mania de largar coisas pelo chão, mas ela nem reclamava, conhecia gente em situações muito piores. Uma conhecida do curso dividia o apartamento com uma louca que fazia orgias e pagava cem dólares a ela para ficar fora sempre que acontecia. Imagina só.

Ela saiu do banho com uma toalha na cabeça, porque seu cabelo acordou naqueles dias e com um cheiro estranho daquela festa. Era domingo, ela ia ficar ali de pernas para o ar, deixando-o secar. Se bem que ia ter que arranjar o que comer. Estava justamente pensando nisso quando seu telefone tocou.

- Hillary? - Beatrice franziu o cenho, sem imaginar porque ela estava ligando.

- Oi... Você está em casa?
- Claro que estou. Por quê?
- Ah, bem, é que o Cody disse que você saiu daqui com o Sean e...
- O quê?!
- Sim, o Sean, aquele que meu pai apostou comigo.

Ela sabia muito bem quem era.

- Ah, sei... Aquele cara, já tinha até esquecido - Beatrice mentia descaradamente, sabia que não se esqueceria do "tal Sean" nem tão cedo.

- Eu vou precisar de um favor.
- Pensei que já tinha te feito um favor indo à sua festa.
- Foi legal, vai. Isso é outra coisa. Já que você saiu lá de casa com ele...

- Não saí com ele! – ela interrompeu.
 - Dá pra você dizer ao meu pai que saiu com ele?
 - Você está louca?
 - Por favor! Todo mundo viu vocês batendo papo. Só pra dizer que você saiu com ele. Eu quero aquele apartamento. Olha, eu divido com você, que tal? Sou melhor que essa louca com quem você divide.
 - Eu gosto da Donna e não vou dizer pro seu pai que saí com o cara que trabalha com ele.
 - Ele não trabalha com ele. Sean é o chefe do meu pai.
 - O quê?!
 - Por favor, por favor, por favor. Meu pai não vai dizer a ninguém, você acha que ele ia fofocar sobre o chefe dele?
 - Como que ele pode ser chefe do seu pai?
 - Sendo ué – disse Hillary, com a naturalidade de quem lidava com os Ward há anos. – Você vai ou não vai dizer?
 - Vou pensar no caso.
 - Ok, enquanto isso vou dizer que você não atende porque... sei lá, deve estar ocupada com o Sean, pode ser?
 - Claro que não! Vocês são loucos! Acho que o único são daí é o seu irmão. Você esqueceu que me pediu pra ir a festa por causa dele?
 - Oh, pobre Cody. Lento como uma tartaruga. Eu amo meu irmãozinho, mas nós duas sabemos que você não vai dar pra ele. O garoto provavelmente ia ter um infarto e cair duro no minuto que você abrisse o sutiã.
 - Esquece, não diz pra ninguém na sua casa que eu estou fazendo sei lá o quê. Eu nego. Pra falar a verdade, nem lembro muito do cara.
- Hillary começou a rir do outro lado.
- Impossível! Impossível! Nem que você fosse completamente obtusa!
- É, Beatrice concordava, não dava para simplesmente fingir que não se lembrava de Sean Ward, ainda mais quando você tinha trocado um beijinho com ele. Claro que Hillary jamais saberia disso.
- Pensa no caso, por favor. Nem meu irmão vai saber. É só dizer que vocês foram dar uma volta. Só isso, eu prometo.
 - E o cara nunca vai saber que eu confirmei isso? – perguntou Beatrice.

– Jamais.

– Tá, pode ser. Já que seu pai vai te dar mesmo o apartamento. Eu só quero dizer que nunca vi ninguém apostar algo tão caro por um motivo tão bobo.

– Ele queria me dar o apartamento, mas não pode ser totalmente de graça. Aqui em casa tudo sempre girou em torno de completar tarefas.

– Tá, não quero saber. Diz a ele que batemos um papo na saída. Eu confirmo. Mas só isso!

No fim ninguém ia mentir, Beatrice realmente deu uma pequena caminhada com Sean. Ela só se esqueceu de perguntar a Hillary onde o pai dela trabalhava.

Assim que ela tirou a toalha do cabelo e sentou-se no sofá do pequeno apartamento que dividia com outra menina, seu celular tocou e o número era desconhecido.

– Alô.

– Esse é o seu número pessoal ou você vende frango à passarinho também?

Ela ficou dois segundos com o queixo caído nos pés. O cara ligou! Puta merda! Ele ligou mesmo. Beatrice havia pensado que era só mais uma daquelas situações que o cara pede seu telefone só de praxe e nunca liga. Ela até havia ganhado um beijinho de despedida sem nem ter ficado com o cara, isso era praticamente um prêmio de consolação para já confortá-la pelo fato de que insistir pelo telefone é praxe, mas ligar não.

– Estou sem frango no momento – ela respondeu.

– Tudo bem, pode ser só o café mesmo.

E não é que a voz dele no telefone era totalmente identificável.

– Esse é o seu número pessoal ou estou impedindo seu secretário de ligar?

– É o pessoal, pode guardá-lo aí.

Ah, claro. Porque ela com certeza ia acabar ligando para ele num futuro próximo. Assim que ela estivesse louca. Ela queria continuar viva e sã. Esse cara provavelmente ia desviá-la totalmente do caminho e ela nem ia lembrar de nada. E ele nem morava...

– Você sentiu obrigação de me ligar de outro Estado? – ela perguntou.

- Só vou embora depois que tomarmos café.
- Já imaginou se eu te enrolasse eternamente e não aceitasse café nenhum.
- Você me pareceu mais prática do que isso.
- Não deixaria de ser divertido.
- Não, não seria.
- Vamos tomar café sozinhos ou seu assessor vai?
- Você quer mesmo convidá-lo? Ele fica tagarela quando está nervoso.
- E se eu disser que posso até tomar café com você, mas vai ter que deixar o celular de trabalho no hotel. Hoje é domingo...
- E você me quer só pra você – a risada dele também saía sexy pelo telefone, que maldito.
- Totalmente.
- Eu adoraria acreditar. Onde e que horas?
- Você vai pegar um voo hoje?

Não, ele não tinha compromisso para o jato que o esperava e se ela não fosse ela, Sean ia achar que essa pergunta era sobre outra coisa. Geralmente quando uma mulher queria saber se ele ia ficar na cidade era para descobrir se tinha tempo para uma rapidinha. Enfim, não era o caso ali. Ele duvidava um bocado que fossem acabar se pegando em cima da mesa do café. E isso era exatamente o que devia desencorajá-lo de sair com ela.

- Não.
- Então podemos tomar um café de tarde. Umas três horas.
- Três horas – ele disse.

Um ainda não sabia do problema do outro, mas Sean seguia as horas de forma estrita, se marcassem com ele às três, ele ia estar lá em ponto e seu dia a dia era ocupado demais para ele ficar esperando os outros. Já Beatrice, tinha um sério problema com horário. Ela levou um semestre da faculdade para deixar de chegar atrasada e passara a acordar e sair de casa meia hora antes para não chegar atrasada em seu estágio que nem era todos os dias. Ela não sabia explicar esse seu problema.

- Sim... Onde você está hospedado?

Ele teve vontade de rir de novo. Ela fazia as piores perguntas. Toda vez que estava ao telefone e uma mulher que não fosse contato

profissional, nem da sua família, lhe perguntava onde ele estava hospedado, era porque ia aparecer lá em trajes menores. Dava vontade de gargalhar.

– No Ritz.

– Ah, aquele na Rua 22, perto de umas embaixadas? É bem perto da George Washington.

– Eu notei.

– Tem um café ali atrás, na Rua 23, no quarteirão seguinte do hotel. Ele fica aberto aos domingos e não é muito cheio. Deve servir.

– Você vai me dizer o nome ou me fazer procurar é parte do pacote?

Ela riu e ele ficou sorrindo do outro lado da linha, estava esparramado no sofá da sala da sua suíte. Rico apareceu com os braços cheios de bolsas com lembrancinhas de D.C; ele abriu a porta para o serviço de quarto entregar o almoço de Sean e fez sinais dizendo que estava saindo de novo. Sean não queria saber para onde ele ia agora, estava ocupado arranjando um encontro.

– Acho que se chama Peete’s Café e Chocolate. Ou Café e Pão ou Pão e Chocolate... procure algo assim.

Umás três horas num lugar com opções estranhas de nome. Onde ele estava se metendo?

– Ok.

Ele quase disse “não me faça esperar” porque era o que ele sempre dizia aos seus encontros. Apesar de que quando ele dizia isso, tinha noção de que a conotação era sexual. Hoje seria só porque ele desconfiava que ela ia deixá-lo lá sentado por uns minutos.

Assim que desligou o telefone, Sean sentou-se à mesa para almoçar, Rico e sua bermudinha ridícula de turista já tinham desaparecido. O assessor vivia de terno e gravata, mesmo quando sua gravata ou seu paletó eram engraçados. Então, quando ele tentava parecer relaxado e aproveitar a folga, era um terror. O celular pessoal de Sean tocou e ele revirou os olhos, esperando que não fosse alguém chato.

– Alô.

– Já chegou em Nova York? – perguntou seu primo.

Jared Ward com certeza não se encaixava na categoria chato. E agora os dois estavam no mesmo barco. Com essa recente reestruturação do GW, ele também foi obrigado a assumir o cargo que supostamente teria

um dia, só que antes do que ambos esperavam. Eles estavam tão ocupados que até Jared, aquele sem vergonha, havia diminuído o ritmo. Apesar disso, ele misteriosamente conseguia ter mais folgas do que Sean.

– Não, ainda em D.C.

– Ué, deu merda aí?

– Pelo contrário, os caras daqui são certinhos e eficientes. Tirando o Gerry, claro.

– Ah, o Gerry. Continua doido?

– Piorando com a idade.

– Ótimo, vou visitá-los mês que vem. Na quarta eu chego aí em Nova York.

– Boa sorte.

– E você está fazendo o que aí, visitando o Capitólio? Pensei que as visitas da época da escola tivessem sido suficientes.

– Tenho um encontro.

– O quê? – Jared começou a rir.

– Isso mesmo.

– Você ainda vai ter um? Seu “encontro” não deveria ter no máximo acordado aí essa manhã, pra você conseguir se livrar dela antes do almoço e ainda pegar o voo pra casa?

– Ia ser no mínimo engraçado... – disse Sean, pensando em como Beatrice reagiria se acordasse no quarto dele hoje. Provavelmente ia ter um colapso e sair correndo. Ele que ia acabar tendo que persegui-la ao invés do contrário, o que seria inédito.

Jared não estava entendendo nada. A política da casa, ao menos no momento, era essa, não?

– É um encontro de verdade? Você sabe fazer isso? – ele riu um pouco. – Até onde eu lembro seus encontros não são exatamente o que as pessoas esperam ao ouvir essa palavra – observou Jared.

– Como se os seus fossem.

– Ei, ontem eu jantei, comi sobremesa e dei carona.

– E ela já foi?

– Estou de folga, cacete. Quando ela sair do banho vamos “conversar” um pouco mais.

– Conversar pode ser seu programa mais divertido da noite – disse Sean.

– Que merda aconteceu com você?

– Se você encontrar uma pessoa interessante o suficiente...

– Você não estava reclamando de quão interessante era aquela amiga que te apresentei.

– Qual delas? A de cabelo roxo? Eu levei aquela garota pra casa dela, ela precisa de tratamento, sabia? Além disso, roxo não é meu tipo. Eu mal tinha escutado o nome dela e ela já havia me contado que tinha pintado “lá embaixo também”. Muita informação, cara. Muito roxo.

Jared estava gargalhando do outro lado.

– Por que você ainda tem esses ataques de dor na consciência? E não, era a morena, bronzeada e toda rija, com aquela pele cor de cobre... – Jared até suspirou. Ele tinha uma séria preferência pelas morenas.

– Não lembro o nome dela... – murmurou Sean. A última que ele lembrava bem era a alemã doida, a tal de Pervy. Agora ele estava muito ocupado memorizando todas as tiradas de Beatrice. Mas ele era ótimo fisionomista, assim que olhava para o rosto da pessoa, lembrava o nome. Isso sempre o salvava de gafes.

O primo riu do outro lado e lhe desejou boa sorte com seu encontro. Sean não ia começar a explicar os pormenores agora. Jared podia saber tudo da sua vida, mas isso ainda não ia sair dos seus lábios. Tudo que ele podia dizer era que todo o tempo que passou junto com Beatrice, breve como havia sido, ele não pensara em mais nada. O outro lado da sua vida havia ficado preso em algum lugar que não permitia pôr suas garras na mente dele. Até os ganchos do seu passado sumiram pelas poucas horas que durou. Talvez ele houvesse apenas dado sorte no sábado à noite. Talvez houvesse sido ela. Quem poderia saber?

Capítulo 4

Esse seu beijo é melhor que o pecado. É só um teste ou estou perdida para sempre?

Beatrice não acreditava que havia concordado com aquele encontro. Por que ela ia fazer isso com ela mesma? Tomar café com aquele cara! Que completa maluquice. E pior, ela havia lavado o cabelo, se o secasse agora ia ficar igual uma vassoura, não ia?

A porta abriu e Donna entrou. A garota com quem ela dividia o quarto era um pouco excêntrica e agora estava com o cabelo claro cheio de mechas azuis, rosas e roxas. Ela fazia faculdade de Artes na George Washington, era o mesmo departamento de Beatrice, mas Donna fazia pintura mesmo.

– Trouxe o almoço! – avisou Donna.

Ela encontrou Beatrice correndo para lá e para cá, jogando vestidos em cima da cama. O apartamento que elas dividiam era metade loft e só tinha um quarto, mas ele era bem largo, então colocaram uma cama em cada canto e seguiam a vida assim. A sala e a pequena cozinha dividiam o mesmo espaço com duas mesas de trabalho, cavaletes, latas de tinta, pincéis e toda sorte de coisa que duas universitárias cursando matérias que envolviam artes e trabalhos manuais precisavam.

– Comida chinesa não! – disse Beatrice.

– Não, enjoiei. Passei naquela trattoria, eles estão com aquela promoção de fim de semana. Tem comida aqui pra pelo menos três dias.

É, elas colocavam no congelador e esquentavam no microondas, não tinham tanto tempo livre assim, porque agora ambas estavam trabalhando também. E eram universitárias, morando sozinhas, em uma cidade diferente de onde suas famílias estavam, tinham contas para pagar, não havia dinheiro voando pela casa.

Donna achava que Beatrice devia parar de comprar roupas e sapatos nas promoções que descobria e os livros caros de decoração que acabavam com seu salário. Bea achava que Donna devia parar de

comprar aquelas bolsas horrorosas, as botas mais toscas ainda, aquelas tintas caras demais e as miniaturas que ela colecionava. Então, elas acabavam num acordo de simplesmente não atrasar as contas.

Donna sentou e ficou comendo na bancada da cozinha de onde via a sala e também assistia Beatrice andar para lá e para cá. Uma hora com um vestido, outra com o secador, depois com sapatos.

– Como está o tempo lá fora? – Bea perguntou.

– Esfriou um pouco. O que você está fazendo, a comida vai esfriar.

Beatrice foi até lá e olhou o que havia, escolheu um penne bem simples, ou não teria vontade de tomar café às três da tarde. Mas ela foi comendo pelo apartamento.

– Afinal, o que foi agora? Vai a outra entrevista de estágio? Hoje é domingo, não é?

– Não, eu meio que tenho um encontro... Só um café, mas enfim.

– Você tem um encontro? – Donna disse de lá, pronunciando o “você” como se fosse inacreditável.

– Não entendi seu tom...

– Mentiraaa! – Donna até largou o prato, pegou seu copo e foi atrás dela. – De onde saiu esse cara milagroso? É um cara, né?

– Claro que é um cara!

– Sei lá, estou tão assustada por você ter um encontro que precisava ter certeza.

– Vai se ferrar! Eu não vivo em encontros como você, não quer dizer que não fique com ninguém. Só que encaixo no meu horário normal.

– Aquele cara bonitinho, o loiro, é com ele?

– O Cody? Não, nem pensar.

– Ele é gatinho...

– Então saia com ele, ué.

– Eu não, acho que não faço o tipo dele.

– E nem ele o seu. A menos que vá comparar com as figuras que aparecem aqui.

– Sou eclética.

– Aquele cara com o jeans todo rasgado é gato.

– E um galinha filho da mãe. De onde saiu esse seu encontro?

– De Nova York.

– Você está de sacanagem.

- Não, ele é de lá.
- E ele é gato?
- Você acha que eu teria colocado dez vestidos em cima da cama, oito pares de sapato e estaria com o secador ligado se ele não fosse?
- Nossa mãe! - Donna levantou um vestido da cama. - Ele deve ser uma coisa. Você vai até passar perfume por causa dele?
- Eu sempre passo perfume.
- To falando do perfume caro.
- Eu não tenho perfume barato.
- Só porque sua mãe te dá o caro de presente... - ela riu.
- Ninguém precisa saber disso! Seus pais também te mandam uns contrabandos.
- Isso estraga um pouco nossa tentativa de nos virarmos sozinhas, mas eu que não vou negar.

As duas riram e Donna ficou olhando os vestidos, ela nem se atrevia a sugerir, porque seus gostos não eram exatamente os mesmos. Mas ela servia para dar opinião depois que via a outra pronta.

- Aliás, qual é o nome do bonitão? - perguntou Donna, quando Bea estava indo para a porta, já desesperada porque estava a ponto de se atrasar.

- Sean.
- Do que? Pro caso de você sumir e eu precisar chamar a polícia... - ela sorria, mas era mais curiosidade do que precaução.
- Ward.

Donna franziu o cenho e voltou para o quarto com o jornal que havia trazido pra casa, aquele nome não lhe era estranho ou estava confundindo com o nome de uma empresa.

Sean havia encontrado o Peete's Café e Chocolateria. Não era algo ao estilo Starbucks, que por sinal ele passou por uma no caminho. Essa cafeteria do Peete era algo mais alternativo, com um ar de originalidade, não era configurada como uma rede internacional que vendia café. Mas olhando o cardápio, tinha toda sorte de café gelado e misturado que você quisesse. Além de muitas opções de bebidas com chocolate, óbvio, o nome dizia tudo. E era um negócio familiar, estava ali naquele ponto há muitos anos, com certeza antes da Starbucks abrir

ali. Sean descobriu isso enquanto lia a placa perto da porta e esperava Beatrice aparecer.

Eram três e dez e ele já lera a placa duas vezes e não estava preocupado em encontrar lugar, porque havia poucas pessoas ali dentro, a maioria ocupada com seus jornais e livros. Ela entrou no local às três e doze. Respirou fundo várias vezes para não parecer que viera correndo pela rua. Ela chegava atrasada, mas não significava que gostasse disso.

Sean estava recostado numa cadeira no segundo ambiente da cafeteria, sentara de costas para a parede, assim tinha uma ampla visão do local. Mas ele a viu passar rapidamente, bem ao lado do vidro com as persianas levantadas. Ela o avistou e abriu aquele sorriso que instantaneamente o fez sorrir também. Ele se levantou lentamente, tempo suficiente para ela chegar à mesa.

Beatrice soltou o ar e se recusou a fazer a tal cara de gatinha sedenta que ela viu em muitas faces ontem, porque à luz do dia ele conseguia ser uma visão ainda mais atordoante. Masculinamente falando, porque atingia exatamente nas partes em que seu lado feminino queria abrir os botões do vestido para facilitar o trabalho. Mas não, nem pensar. Ela não era facilmente impressionável, então se limitou só ao sorriso.

– Oi, Sean, encontrou o lugar facilmente?

– Sim, sem problema.

– Vem, vamos ver o que pedir.

Ele já sabia o que queria, ela lhe dera doze minutos para descobrir, era ótimo porque assim, ao invés de olhar o enorme cardápio na parede em frente, ele podia olhar para ela e observá-la à luz do dia. Já descobrira que com essa iluminação, seus olhos pareciam mais claros.

Enquanto olhava o cardápio, Beatrice franzia o cenho com dificuldade de escolher o que iria pedir, mas virou o rosto e o pegou a observando. Ele nem tentou disfarçar, estava mesmo olhando e não tinha porque esconder isso. Certamente dava para ver que o olhar era apreciativo.

– O que você vai pedir? – ela perguntou.

– Chá.

– Sério?

– Sim.

- Eu não imaginei que você gostasse de chá.
- E você teve tempo de imaginar isso?
- Não, é só que você não tem cara de chá.
- Eu gosto. Puro ou com leite, desde que seja ao natural.

Ela ficou franzindo o cenho para ele.

- E é bom assim?
- Muito. Mas sobre cafés complicados, eu gosto de machiatto.
- Isso é enjoativo – ela virou para a atendente e pediu café gelado com chocolate e creme de baunilha.

Sean pediu o chá, do jeito que descrevera, porque ele havia visto no cardápio da mesa que tinha. A atendente falou com o chefe que olhou para ele, depois olhou Beatrice e disse que ia “chamar a mãe”.

- Sério que ele foi chamar a mãe? – Bea perguntou baixo para Sean.
- Não piora a situação do cara.

Eles já estavam na mesa quando a mãe do cara apareceu. Acabou que o Peete’s era ela, não o cara. Sean havia sentado na cadeira ao lado de Beatrice ao invés de em frente à ela, o que a deixou um tanto ansiosa.

- Eu adoro o Yorkshire Gold, felizmente temos esse – disse a senhora, enquanto conversava com Sean sobre marcas de chá. – Mas que graça, sua avó deve ser uma senhora de bom gosto – ela disse, depois que Sean foi obrigado a dizer de onde viera esse seu gosto para a preparação do seu chá e pelo tipo.

- Na verdade é minha tia-avó... – ele comentou e olhou para Beatrice, ela estava com aquela expressão que o fazia ter vontade de rir de toda a situação – Vou lhe trazer um muffin maravilhoso, receita inglesa da minha família!

A senhora saiu para preparar o chá e pegar o muffin.

- Você não tem vergonha de chegar a um lugar e pedir algo complicado e dar todo esse trabalho para a pobre mãe do cara? – ela perguntou, quando ficaram sozinhos.

- Claro que não, eles ofereceram no cardápio. E chá é mais fácil do que essa sua bebida complicada. E ninguém tem vergonha de me pedir coisas complicadas no meu trabalho – ele franziu o cenho, como se houvesse lembrado algo particularmente complicado.

- Falando nisso, quando que você passou de amigo do Gerry para colega de trabalho e para chefe dele?

Sean também queria saber, ele não se lembrava de ter dito nada disso.

– Nem eu sei.

– O que você faz mesmo? Era algo haver com uma startup. Eu não sabia que o pai da Hillary tinha mudado de emprego, pensei que ele estivesse no mesmo lugar há anos.

– Ele está.

Ela continuou com o cenho franzido.

– E eu sou chefe dele há pouco tempo, me surpreendeu também – ele disse.

Em tese, era verdade. Antes ele não era obrigado a se meter com o GW inteiro, apesar de fazer isso como uma espécie de preparação. Agora ele tinha que fazer.

– Deve ser interessante ser chefe do Gerry – ela disse, bebendo mais um gole.

O chá dele chegou, assim como o muffin de receita da família da dona do Peete's. Ela trouxe dois, porque seu novo cliente preferido estava acompanhado e ainda ficou ali conversando com ele por mais uns minutos antes de sumir.

– Ela te adorou – disse Beatrice.

– Tenho esse efeito – ele deu um sorriso.

– Tem mesmo – ela disse.

Sean parou de mexer o chá e a olhou.

– Se você já me adora, acho melhor irmos sentar num canto.

– Não te adoro tanto assim.

Ele olhou para ela um pouco mais demoradamente, ele sabia disso. Beatrice havia se encolhido um pouco na cadeira, como se estivesse com receio que eles comessem a ter contato físico. Sean ficou bebendo chá porque era a melhor coisa que ele podia fazer para não tentar ter muito contato físico com ela.

– Você não é de Washington, não é? – ele perguntou.

– Não, sou de Baltimore. É bem perto pra falar a verdade.

– Está sozinha aqui?

– Sim, tem sido uma experiência e tanto. Você também ficou sozinho na época da faculdade?

– Mais ou menos... Eu tinha um primo que estudava no mesmo campus. E quando estudei fora, bem, minha família é um tanto espalhada por aí. Eu acabava tendo um primo aqui e uma tia-avó ali pra tomar um chá nos feriados.

– Eu posso visitar minha família facilmente, às vezes vou lá só pra comer. Juro!

Ele riu do jeito como ela assentiu com a afirmação.

– Meu pai é um chef de cozinha, eu cresci muito mal acostumada.

– Ah, isso explica tudo. A gente come muito mal na época da faculdade.

– Nem me diga, no meu primeiro ano eu fiquei com asco de hambúrguer. Só fui voltar a comer ano passado.

– Você vai terminar logo?

– Ano que vem. Posso perguntar algo?

– O que você quiser.

– Você tem tipo uns quarenta anos, mas com cara de vinte e algo?

Ele ficou sorrindo, mas pegou a carteira e deu a carteira de motorista a ela. Beatrice ficou olhando e lendo as informações. Sabe, existem algumas pessoas no mundo que são malditas e essas pessoas conseguem sair bonitas em fotos 3x4. Sean era uma delas. Beatrice não ia mostrar a dela nunca, seus olhos haviam refletido o que os fez sair claros demais e ela estava com cara de sono e sem batom. Ou seja, parecia uma assombração.

– E quando você arranjou tempo pra ter um secretário, um assessor, terminar a faculdade, estudar sei lá o que em outro país e ainda ser chefe do Gerry. Eu não consigo nem chegar ao meu estágio no horário – ela soltou o ar com desânimo e devolveu a carteira. – Você nem fez trinta ainda.

– Você realmente estava achando que eu era um desses tios que curtem dar em cima de universitárias?

– Sei lá... – ela desviou o olhar. Ia ser um tio para lá de atraente.

– Minha família é um tanto precoce, as coisas acontecem rápido. Em compensação tenho vários familiares que se aposentam cedo, já que começaram mais cedo ainda.

– E aí eles vão fazer o quê?

– Ah, não – ele riu. – Não é se aposentar e ficar em casa. É mudar de cargo e ir fazer uns investimentos por aí, às vezes mudar de país ou aumentar a família... – ele deu de ombros, não ia começar a contar as maluquices dos Ward no primeiro encontro. Ele nem devia estar falando isso tudo. Em geral não falava nada da sua família por aí.

– Gostei dessa sua família, parece legal. Acho que noventa por cento da minha família está em Baltimore.

Ela não fazia ideia de como era “legal”.

– E os dez por cento restantes?

– Na Grécia.

– Isso explica a origem do seu sobrenome.

Por que ele lembrava disso? Ela sempre esquecia o sobrenome de quem se apresentava a ela. Guardar nomes já era complicado. Deixando isso pra lá, ela passou cinco minutos explicando seu curso de designer de interiores e o que ela pretendia fazer. Depois mais cinco minutos falando do seu estágio. E Sean até opinou. Se Jared o visse agora ia dizer que estava doido. Então ela ficou mais cinco minutos falando do dia a dia e achou divertidíssimo saber de como a rotina diária dele estava doida. E aí Sean teve que suprir a curiosidade dela.

– Peraí, mas juntando tudo isso... jogaram o negócio da família nas suas costas? – ela se inclinou e riu.

Não era bem assim, mas se ela achava essa parte divertida, então tudo bem.

Mas quando o café dela finalmente acabou, porque o chá dele já havia ido embora há muito tempo, Beatrice se recostou e o olhou.

– Você faz isso como um passatempo? Senta em cafés por aí e fica conversando e ouvindo um pouco da vida dos outros? É uma dessas manias estranhas?

Ele apoiou os antebraços na mesa, inclinando-se um pouco e a olhando.

– Não, nunca. Não tenho tempo pra isso.

– Então o quê? Você só faz com umas garotas pra... sei lá.

– Não – ele negou com a cabeça. – Na verdade acho que falo mais depois que já dormi com elas. Mas elas costumam vir com pressa, então...

Ela balançou a cabeça.

– Você acha que eu seria uma amiga tão boa assim?

– Não sei se seríamos bons amigos.

– Então por que diabos está me dizendo isso?

Sean levantou a sobrancelha direita enquanto a olhava.

– Você perguntou, era pra eu mentir?

– Você nunca conta uma mentirinha só pra disfarçar, ao menos nos seus encontros?

– Não. Isso me traria drama e dor de cabeça depois. Por que, você mentiu pra mim?

– Não.

– Então...

– Você não perguntou nada estranho – ela argumentou.

– Ok, você sempre dá o seu telefone errado?

– Isso não é estranho, vai me dizer que você nunca fez isso.

– Quem disse que eu dou meu telefone?

– Você me deu.

– Exato.

Ela ficou olhando para ele e um sorriso muito leve apareceu só no canto de sua boca. O olhar dela desceu e bateu nos seus lábios e depois voltou aos seus olhos. Era aquele olhar de interesse que ele queria ver e que ela tinha evitado desde que se sentara ali. E Sean estava devolvendo o olhar, certamente de um jeito menos sutil. Beatrice se moveu um pouco na cadeira e ele se moveu muito, tirou os braços da mesa, se aproximou e a beijou na boca.

Sean se afastou muito pouco e a encarou, Beatrice passou a língua pelos lábios e depois levantou o olhar para ele.

– Você não teria sequer me beijado se não tivéssemos tido uma conversa tão proveitosa, não é? – ele perguntou.

Ela só negou com a cabeça enquanto mordida a pontinha do lábio. Sean a beijou de novo e dessa vez seu olhar ficou cravado em seus lábios, mas ela o retribuiu como ele queria. Beatrice se aproximou dele e segurou em seu ombro, totalmente dentro do jogo agora. Primeiro ele a segurou pelo rosto e trouxe para ainda mais perto, aproveitando o espaço que ela dava para fazer sua língua encontrar a dela. Assim que o beijo conectou, ele sentiu algo além da excitação. Era aquela sensação

bem no estômago que parecia o início da excitação sexual, só que diferente. Mas o fazia querer mais.

O abraço dele se estreitou e ele puxou-a subitamente para se colar a ele, esqueceram até da mesa que não gostou disso. O pequeno móvel dançou no lugar, a xícara dele tombou e rolou, batendo no prato de muffins, mas o copo dela foi ao chão. Beatrice só virou um pouco o rosto e olhou o que havia sido aquele barulho. E todo mundo dentro do pequeno café também levantou a cabeça. Sean não estava nem aí, então só olhou pelo canto do olho porque ela demorou a lhe devolver sua boca.

Ao voltar a olhá-lo, Bea estava com um sorrisinho sacana. Sean o retribuiu e deu um beijo nos seus lábios antes de dizer:

– Vem.

Eles pegaram o que derrubaram colocaram na lixeira e Sean até acenou para senhora do chá antes de sair do café.

– Pra onde? – ela perguntou, quando ele a levou pela mão para o lado de fora.

– Só quero um lugar pra te beijar direito – ele disse, abraçando-a, já que agora não estavam grudados numa mesa capenga.

– Você pode me beijar bem aqui – ela desafiou, passando os antebraços por cima dos ombros dele.

– Não tenho pudor de afeto em público – ele apertou-a contra ele e chegou a levantá-la, pois hoje ela estava sem os saltos.

Pouco se importando com quem pudesse estar assistindo, Beatrice colocou a mão na nuca dele e acabou escorregando para o seu cabelo, enquanto ele a segurava pela cintura.

– Ei, arranjem um quarto! – disse alguém e riu, depois entrou no café onde eles estiveram.

Beatrice riu também e pisou no pé dele quando ele a soltou, mas Sean nem pareceu sentir.

– Vamos – agora ela o puxou pela mão e foi descendo a Rua 23, na direção do Parque Washington Circle, famoso especialmente por ter a estátua de George Washington bem no centro.

Eles acabaram virando na Rua M e não parecia que ela estava ligando para onde andava.

– Pra onde você está me levando, Beatrice? – ele perguntou, andando um pouco atrás dela e sendo puxado pela mão.

– Não sei – ela moveu os ombros.

– Então por que está me fazendo andar ao invés de me deixar agarrá-la.

A risada dela foi audível, ela parou e se virou pra ele.

– Você é mesmo sincero, não é?

– É exatamente o que eu quero.

Ela voltou até pertinho dele e segurou em sua camisa azul.

– Bem no meio da rua?

– Em qualquer lugar.

Eles encostaram na parede de um dos prédios e se beijaram ali, pelo menos não havia muita gente passando num domingo de tarde, ou não estavam reparando num casal namorando perto da parede. Havia um espaço inesperado entre os prédios e eles acabaram ali, aos trancos e barrancos e sempre se beijando. Como nunca era suficiente, ele a encostou contra uma porta que abriu e eles quase caíram para dentro do local e tiveram que se separar.

A porta dava num corredor fino e só havia uma escada para subir para o segundo andar, dava para escutar sons de alguém batendo algo lá em cima. Beatrice se apoiou no corrimão e inclinou a cabeça, ainda rindo. Sean encostou na parede em frente a dela e ficou sorrindo, observando-a se divertir com a situação.

– Eu não acredito que estou pela rua me agarrando com você!

– Não estamos mais na rua... – ele comentou, seu olhar com um brilho malicioso e cheio de segundas intenções.

Beatrice lhe devolveu um olhar que correspondia suas intenções e deslizou para o lado na parede até ficar bem na frente dele. Sean estava junto a ela no segundo seguinte e com os lábios grudados aos dela instantaneamente. Ele segurava seu rosto e devorava sua boca com tanta vontade que ela apertava os braços dele, tentando acompanhar seu ritmo e não se perder em algum momento, assim como perdia o fôlego.

Ele a levantou contra a parede e Beatrice sentiu um arrepio pelo corpo, chegando a mordê-lo e depois sorriu contra seus lábios. Aquilo era uma completa loucura e ela nem estava pensando nisso, só

conseguia beijá-lo também. Seu próximo passo foi soltar um suspiro excitado que a chocou. Ele pressionou o corpo contra o dela e suas mãos já haviam descido pela sua cintura e seguravam seu quadril, pressionando-a com seu corpo.

Quando a excitação realmente tomou conta dos dois, eles pararam de se mover, aproveitando o contato, deixando seus corpos entenderem o que se passava, porém, seus beijos não terminavam mais.

– Ei! – gritou alguém lá do topo da escada. – Quem tá aí? É você, Mike?

Sean a deixou ir para o chão e abriu a porta para ela sair antes. Beatrice andou rápido e eles voltaram à rua. Deram de cara com um homem grandão, usando óculos escuros e que olhou de forma desconfiada para o espaço de onde eles saíram.

– Tudo bem aqui, patrão? – ele perguntou.

– Tudo bem, Marcus – disse Sean, lhe lançando um olhar divertido por causa da cara que Marcus fazia. Ele era seu segurança mais antigo, era óbvio que não acreditava no que via.

O tal do Marcus assentiu e voltou para o carro, deu partida e saiu devagar.

– Quem é esse cara, Sean? – Beatrice olhava o carro ir embora.

– Meu segurança.

– O quê? Por que diabos você tem um segurança?

– Eu preciso deles.

– No plural? – ela olhou em volta. – Tem mais alguém nos espionando?

– Não – ele a puxou para o seu braço, divertindo-se com a cara que ela fazia. – Eles não ficam me vigiando desse jeito.

– Que bom! Mas um secretário, um assessor e um segurança... é gente demais.

– Acredite, eles nunca ficam desocupados.

– Nem você, pelo pouco que vi.

– Nem eu... – ele disse, mas foi duplo sentido, porque a encostou numa parede ao lado de uma vitrine e voltou a ficar ocupado em beijá-la.

No carro, Marcus falava com Don que estava no hotel, fora do seu horário de trabalho.

– Estou falando, cara. Ele está pela rua se pegando com uma moça – disse Marcus.

– Você está de sacanagem – riu Don.

– Acabei de ir checar um lugar lá que eles entraram, sabe-se lá o que aprontaram lá dentro.

– E eu to perdendo isso! – divertiu-se Don.

– Sem brincadeira. Ele não está normal – comentou Marcus. – Pelo menos ele resolveu surtar antes de eu me aposentar das ruas.

– Quem é a garota?

– Eu ia perguntar isso pra você que estava com ele ontem. Eu estava no hotel dormindo, se você não sabe... Ele marcou com essa, não pegou por aí não.

– Não pode ser a mesma de ontem... Pode?

– Tanto faz. Vou dar a volta no quarteirão. Se ele continuar com ela, vamos trocar o turno e você vai ver.

Capítulo 5

Vou cometer loucuras por você, mas eu quero a sua rendição. Total e irreversível.

Beatrice fez Sean dar uma boa caminhada até o apartamento que ela dividia com Donna e o deixou esperando enquanto falava ao celular com ela.

– Mentira que você vai deixá-lo vir aqui! – Donna estava excitadíssima, como se o encontro fosse dela.

– Na sala. Você pode ficar no quarto se quiser.

– O quê? Eu vou dar uma saída!

– Isso não é um daqueles episódios que eu tenho que ficar fora um tempo enquanto você faz sei lá o que no apartamento com seus namorados.

– Esquece isso, você realmente vai trazer um cara aqui! Posso ficar pra ver a cara dele? Eu preciso ver esse cara!

– Não, some!

Ela se virou e Sean estava com as mãos nos bolsos do jeans que ele usava e olhava-a fixamente, como se avisasse que ela já estava há tempo demais no telefone e longe dele.

– Você sabe que eu não vou sair daqui sem ver esse cara! Nem morta!
– disse Donna, antes de desligar.

Ao voltar para perto dele, Beatrice deu um sorriso para disfarçar e apontou o sinal para atravessarem a rua. Entraram num prédio baixo e repleto de janelas brancas. Era um prédio de estudantes, todos os apartamentos costumavam ser alugados para universitários. Levar caras para casa não era muito a dela, mas hoje não estava preocupada com isso. Era só que eles estavam numa situação bem óbvia. Ele não tinha tempo e morava em outro Estado. Beatrice achava que eles nunca mais iam se ver. Estava a fim de passar mais um tempo com ele, assim como ele estava aceitando qualquer proposta para continuar com ela.

– Tem certeza que quer mesmo ver meu apartamento? É cheio de coisas, tintas, mesas, papel espalhado, um sofá colorido, uma TV com

personalidade própria e bem... é um loft. E minha colega de quarto é uma artista de cabelo colorido.

– Deve ser muito interessante.

– Com certeza não vai parecer com sua suíte no Ritz – ela disse, enquanto procurava a chave.

– Você não quis conhecê-la, lembra?

– Claro que lembro.

Ele não tinha nada contra conhecer o apartamento dela, estava interessado, ver onde ela morava ia lhe contar um bando de coisas sobre ela. E ele sabia porquê ela não quisera conhecer seu hotel, sentia-se mais no controle ali.

A porta abriu antes que ela encontrasse a chave e a colega de quarto de cabelo colorido colocou uma bolsa transversal no ombro e os olhou.

– Oi! – ela acenou.

Beatrice só olhou para ela, como se fosse dar com a bolsa nela. Donna já estava morando com ela há dois anos, não fazia mais diferença.

– Oi, sou Donna. Você é o Sean?

– Sim – ele deu um leve sorriso enquanto aceitava apertar a mão dela.

– Vou à casa de uma amiga beber umas cervejas, volto depois! – disse Donna, antes de passar por eles e seguir pelo corredor do prédio.

Assim que Sean entrou, Beatrice fechou a porta, arrancou sua pequena bolsa transversal e jogou no cabide perto da porta. Sean andou pela sala que só parecia ampla porque era um cômodo só, com a cozinha no canto direito, separada pelas bancadas. E havia papéis e esboços por todo lado, as mesas de trabalho estavam com pinceis, lápis, tintas, livros, testes de cores, régua e toda sorte de coisa que as duas precisavam.

O sofá tinha três lugares, era macio, mas era verde menta, coberto por algo hiper colorido e almofadas decoradas, pintadas por Donna.

– Pode sentar, juro que toda essa cor está seca há meses – ela disse, lá do espaço da cozinha.

Sean sentou no sofá e moveu as costas, não é que era confortável mesmo? Com certeza servia para algum amigo delas pernoitar em caso de emergência, do tipo porres.

– Eu só tenho água, chá gelado e suco de caixinha pra oferecer. Abolimos a bebida alcoólica porque eu não aguento muito e o último porre da Donna foi terrível.

Ele balançou a cabeça e ficou olhando para onde ela estava. Já tinha bebido todo o chá que precisava em um dia.

– Vem cá.

Tudo bem, ela também não queria nada agora, por isso atravessou o espaço que os separava e parou à frente dele, foi chegando mais perto devagar. Sean levantou a mão para ela pegar e Beatrice acabou sobre as coxas dele, passando o braço em volta de seu pescoço e o beijando novamente. Dessa vez eles começaram devagar, já que estavam sozinhos num lugar onde ninguém ia passar.

Quando aquela posição não pareceu ser suficiente, ele ajudou-a a mover-se sobre ele e Beatrice deixou uma perna de cada lado, deixando seus seios se pressionarem contra o peito largo e forte que ela descobrira enquanto se apertava contra ele na rua. As mãos de Sean acariciaram suas costas por inteiro, ele tinha um jeito de tocar tão pessoal. Não pareceria nunca que era a primeira vez, ele simplesmente pegava, tocava e apertava como se já lhe pertencesse. Algo que ele tinha certeza que era seu, era a boca dela, para beijar, morder, chupar e lambe. Ele não fazia economia, adorava fartura.

Em pouco tempo Beatrice estava achando que ele pensava que era tudo seu. Especialmente quando ele pegou seu traseiro com as duas mãos e a apertou contra ele. E aquilo sim era uma mega ereção, ela estava até nervosa. Ela não era uma virgem boba, mas gente, o que se fazia para lidar com aquilo?

Ele era demais para os seus sentidos, mas ela não ia perder a oportunidade. O botão da camisa dele estava aberto e havia sido ela. Ela também acariciava suas costas e seus ombros, apertando ali sempre que a boca dele tocava algum ponto sensível no seu pescoço ou no seu colo. Sean claramente gostava mais que ela o acariciasse com o próprio corpo, talvez por isso estivesse apertando-a tão bem contra ele.

Os suspiros dela nem a chocavam mais, porque tinham ficado tão numerosos. Bea não tinha ficado chocada com o que acontecia, mas com a intensidade e suas reações a ele. Seus olhos se abriram rapidamente quando se moveu sobre ele e Sean apertou-a na cintura,

soltando o ar quente contra a boca dela acompanhado daquele som sensual de um arquejo de pura excitação masculina. Beatrice apertou a nuca dele e o mordeu, abraçando-se a ele logo depois. Ela estava super excitada e eles estavam pegando fogo. iam incendiar aquele maldito sofá colorido.

A vontade de rir foi quase incontrolável, ela nunca precisou pedir isso, mas tudo que se passava pela sua mente agora era “por favor, alguém segure a minha calcinha no lugar!”

Ela estava até ofegante enquanto se segurava ao pescoço dele e tentava se distrair com a maciez daquele cabelo escuro. Tão perfeito para ser puxado em momentos como esse. O vestido dela tinha botões transversais só na parte de cima, dois deles estavam abertos e a boca de Sean era muito quente e abusada. Ele também não tinha sido ensinado a não morder, pelo menos no primeiro encontro. E isso acabava com uma mulher que tentava manter a calcinha onde estava.

A pele dela ia mostrar aquelas marcas. Amanhã ia ser lembrada disso. Que maldição.

Beatrice deslizou para o lado no sofá e olhou para ele, estava cautelosa. Ele virou o rosto para ela e se havia algo sobre Sean que ela nunca esqueceria era aquele olhar. O jeito como ele olhava chegava a queimar, era intenso e direto demais, tinha um ar sombrio e quando estava repleto de desejo como agora, era material para sonhos intermináveis. Sonhos eróticos, claro.

Sean não disse nada, passou o braço em volta dos ombros dela, trouxe-a para perto e beijou-a muito devagar e tão sensualmente que não havia como não pensar que um beijo tão bom como aquele só podia ser a despedida.

Quando a porta abriu, ele ainda a estava beijando e não se apressou, terminou o beijo e olhou seus lábios rosados e muito bem usados, depois a encarou. Donna não tinha bebido cerveja nenhuma, era mentira, ela só comprou uns pães e conversou com a vizinha, deu uma volta, tomou um café... De acordo com o que ela sabia de Beatrice, achou que essa hora ela já teria colocado o cara para correr há muito tempo. Não foi o caso.

Ela só os viu levantar e trocar umas palavras baixas, agora parecia que infelizmente o moreno mega gato da sua colega de quarto ia

embora. Uma pena. Donna não era fura olho, mas admirar de longe era um direito universal e nesse caso, inevitável.

Beatrice bem que tentou não por estampado em neon na sua testa o que ela realmente andara fazendo no colo de Sean, mas Donna estava com aquela cara de quem iria rir no minuto que ficasse sozinha. E também estava olhando para cima.

– Até mais, Donna – disse Sean.

E ele ainda lembrava o nome da pobre e esquecida coleguinha de quarto – pensou Donna, com humor.

– Tchau! Aparece, viu! – ela acenou.

Pelo jeito Beatrice estava tão atordoada que nem se lembrou de lhe mandar um olhar assassino por dizer isso.

Eles saíram para o corredor e desceram as escadas, afinal estavam só no terceiro andar. Quando chegaram à rua, a realidade já havia se intrometido entre eles. Aquele beijo havia mesmo sido uma despedida. Ele ia embora para a Nova York e ela tinha quase certeza que não o veria mais e certeza de que não ficaria mais com ele.

Sean abraçou-a, deu um beijo nos seus lábios, depois abaixou a cabeça e ela sentiu seu nariz e lábios no seu pescoço e no ombro. Ele queria guardar um pouco do cheiro dela, talvez sua mente fosse boa com ele e poderia senti-lo por mais um tempo.

– Eu vou te ligar de novo – ele disse e lhe lançou aquele olhar divertido. – Você ainda vai me atender?

Beatrice não acreditava que ele ia ligar, mas ela também não achou que ele iria na primeira vez.

– Você sabe que sim.

– Eu quero te beijar de novo.

Ela pendeu a cabeça, deu um passo para mais perto e se esticou, dando-lhe um beijo na boca. Ele não se fez de rogado, mas quando ela se afastou de novo, ele disse:

– Não só hoje. Outro dia, outra oportunidade.

Havia um leve sorriso na face dela enquanto prensava os lábios e o olhava. Sean se afastou para o carro parado logo à frente e Beatrice preferiu não ficar observando-o ir embora, entrou no prédio novamente e subiu.

– Se deu bem, patrão? – perguntou Rico que abriu a porta assim que Sean chegou perto do carro.

– O que você está fazendo aqui, Rico?

– Fiquei entediado, resolvi vir com o Don.

Ele entrou no carro e bateu a porta. Don também tinha espiado pela janela fumê, só pra constatar que era a mesma garota de ontem e ter certeza que Marcus não estava doido.

– Tá, eu me dei bem – ele disse, para felicidade de Rico.

– Viu, Don! Ele estava mesmo beijando uma moça no meio da rua – Rico deu um tapinha no ombro do segurança.

– Eu sei que tenho pouca privacidade, mas sinceramente... – resmungou, Sean.

– Pra que horas devo marcar o voo de amanhã? – perguntou Rico.

– Depois do almoço – disse Sean.

– Ok... – Rico franziu o cenho, mas não disse nada.

Beatrice entrou no apartamento novamente e Donna apareceu no meio da sala.

– Cara! Onde você arranhou aquilo? Que moreno! – ela exclamou. – Você não dormiu com ele, dormiu? Seu vestido está amarrotado, mas sei lá... acho que seu cabelo ainda está arrumado demais pra ter estado embaixo daquela coisa toda que saiu daqui – opinava Donna.

– Eu não dei pra ele, se é isso que quer saber – resmungou Beatrice, enquanto abria a geladeira pra pegar água.

– Meu Deus, por quê?!

– Você enlouqueceu?

– Gente... – Donna moveu as mãos no ar, com seus dedos já sujos das embalagens de tinta que ela esteve tentando arrumar. – Estou sem palavras.

Donna limpou a mão num pano e sentou à frente da bancada para mexer no seu notebook.

– Eu também – murmurou Beatrice e voltou a beber água.

– Desculpa, mas eu com certeza dava pra ele. No sofá mesmo. Uma pessoa simplesmente não perde a oportunidade de dar tudo que tem e não tem para um espécime daquele naipe – dizia Donna enquanto balançava a cabeça e olhava a tela do notebook.

– Você deu pra aquele cara do jeans todo rasgado, isso é relativo –
Bea lhe lançou um olhar sarcástico.

– Você mesma disse que ele era gato.

– Sim, mas...

– Qual é mesmo o nome desse Sean?

– Sean Ward?

– Isso! Eu falei que tinha visto em algum lugar – disse Donna,
enquanto digitava.

– Me diz que você não está pesquisando o cara na internet. O que
pode haver sobre ele aí?

– Muita coisa, ué. Você realmente não vai querer saber onde ele
mora, o que ele faz, como faz e stalkear toda a vida do cara? Eu quero.

– Não.

– Você vai fingir que não ficou caidinha por ele? Você até o trouxe
aqui. Esqueceu da nossa regra de só trazer caras importantes pra casa?

– Você quebrou essa regra no primeiro mês – lembrou Beatrice.

– Enfim – Donna olhava para a tela. – Eu realmente acho que você
devia dar um Google nesse cara – dizia Donna enquanto já estava
fazendo isso. – Viu, achei! Pelo menos sabemos que ele existe e não foi
fruto da nossa imaginação.

Finalmente cedendo, Beatrice foi olhar. Ela não queria ficar olhando
coisas sobre um cara maravilhoso com quem passara uma tarde e que
não veria mais. Donna virou o notebook e deixou Bea clicar no que
quisesse na primeira página do Google, ficou do lado só esperando até
ouvir:

– Caramba, devo ficar com dó dele?

– Que droga, você nunca mais vai ver esse cara – disse Donna.

Isso não estava ajudando. Mas explicava aquela perturbação de
secretário, segurança, assessor, etc. Uma pessoa que estava com um
mundo alternativo para comandar, ia precisar de todo auxílio que
pudesse ter.

No dia seguinte, segunda-feira, um dos dias que Beatrice tinha que ir
ao estúdio, seu telefone tocou um pouco antes do almoço. Ela o

atendeu, ainda desconfiando daquele número.

- Alô?
- Você não salvou meu número no celular – disse Sean.
- Como você sabe?
- Seu tom ao dizer alô, sem saber quem era.
- Verdade.
- Você trabalha hoje?
- Sim.
- Tem horário de almoço?
- Sim, por quê?
- Me dá cinco minutos?
- Agora?
- Do seu almoço.
- Tudo bem – ela franziu o cenho.
- Onde é?

Ela lhe deu o endereço e ficou olhando o celular. Ele a fizera errar de novo. Não só ligara como ela acabaria vendo-o mais uma vez.

Deu meio-dia e meia e Bea pegou a bolsa e saiu do escritório. Correu para pegar o elevador e chegar ao térreo bem rápido. Assim que saiu do prédio viu Sean descer o carro. Ela abriu um sorriso e se aproximou. Hoje ele já não era mais o cara da festa e nem seu ficante de ontem. Era segunda-feira, a folga terminara e apesar de ele ter deixado o paletó no banco do carro, o terno estava lá. Seu cabelo estava até arrumado e ele estava perfeitamente barbeado.

- Hum, olha só, Sr. Super Ocupado. Esse é o terceiro dia seguido que te vejo. Você é sempre assim? – ela disse enquanto se aproximava cada vez mais dele.

Ele a puxou para ele e antes de abraçá-la direito, sua boca já estava se colando a dela. Ele a beijou longamente, segurou seu rosto e lhe deu vários beijos. Alguns rápidos, outros não, mas puxava o ar com força quando o fazia.

- Sim, com tudo que quero muito – ele apertou-a em seus braços e voltou a beijá-la, dessa vez demorou mais, apreciou seus lábios, seu gosto e as curvas do seu corpo contra o seu.

Sean separou os lábios dos dela e deu uma boa olhada naqueles olhos que ele achava incríveis. Beatrice também o observava, ela

levantou a mão e passou o dedo por sua sobrancelha e o deixou deslizar e percorrer o formato atraente de sua mandíbula. Ela tinha uma nova cor preferida, verde turquesa com toques especiais de azul.

– Eu gostei de você vir se despedir mais uma vez – ela deixou suas mãos descerem dos ombros dele para seus braços e depois voltarem. Ela olhou aqueles lábios cheios e macios, pois iam ficar na sua memória. O lábio superior era mais protuberante, a curvinha em cima era bem sutil e aqueles lábios davam um danado de um beijo bom demais.

– Eu também – ele tocou seu rosto e a beijou de novo, gostou muito quando ela se abraçou ao seu pescoço, devolvendo-lhe o beijo e deixando-o sentir novamente seu corpo tão colado ao dele.

Ao separar a boca dessa vez, ela também deu um passo para trás e sorriu levemente.

– Boa viagem, Sean.

Ele assentiu, mas continuou olhando-a. Bea enfiou as mãos nos bolsos e se forçou a dar outro passo, sem saber o que ia comer ou onde. Ela só precisava ir e deixá-lo ir. Em algum tempo ela conseguiria apreciar a beleza dessas paixões passageiras e repentinas que passam pela nossa vida e deixam a memória e a experiência. Hoje não, ainda ia ficar uns dias sentindo falta.

Na quinta-feira da outra semana, Jared Ward já estava em Nova York há dias e a maior parte desse tempo ele passou trabalhando com Sean. Os dois tinham que se virar na tarefa de se entender na reestruturação e fazer o braço europeu do GW, comandando por Jared, se integrar perfeitamente com a sede americana e as filiais dos outros países.

– Eu juro pra você que amanhã estarei morto – disse Jared, antes de deixar seu corpo cair contra o estofado no lado direito da mesa de jantar.

– Pelo menos conseguimos sair de lá – comentou Sean, remexendo na bandeja de comida que haviam encomendado.

– Eu vou passar a sexta à noite morto, na cama. Fenomenal – disse Jared e depois riu.

Sean ia fazer a mesma coisa. E no sábado ia acordar cedo, ir aos seus compromissos e se lembrar mais uma vez que queria ir a D.C.

– Você não escutou metade do que eu disse desde que sentamos pra comer – observou Jared, antes de pegar mais carne defumada.

– Eu acho que preciso de outro final de semana livre – comentou Sean.

– Vai em frente, toma um energético e cai na farra.

– Tem uma mulher que eu quero reencontrar – ele pausou e deixou o pedaço do seu sanduíche de pastrami. – Mas não tenho certeza se ela quer me ver de novo.

Jared assentiu e emitiu uns grunhidos enquanto mastigava.

– Sensacional! – ele riu. – Por que você vai rever alguém se já terminou?

– Eu quero.

– Não foi só um final de semana e tal?

– Nem isso.

– Ah, Sean. Desde quando você fica com fixação? A gente não tem esse mal na família, dá problema.

– Eu só quero vê-la novamente – ele olhou o primo. – Eu até liguei pra ela essa semana.

– Cacete! Ela te atendeu?

– Sim.

– Então por que você está me olhando com essa cara de vira lata de beco? Para com isso, vou ficar preocupado. Vou ter que comer mais pra passar o trauma – ele pegou um knish e deu uma grande mordida.

– Eu realmente quero vê-la de novo e ficar com ela, por horas – Sean mordeu seu sanduíche.

Jared largou o que comia e olhou pra ele, nem estava rindo mais. Se seu primo estava falando sério então eles iam ter que tratar disso. O que ele ia fazer com Sean fixado numa mulher logo agora quando estavam metidos na maior merda de suas carreiras. Estavam tão ocupados que por um tempo, aquela sua atividade extra, estava nas mãos só dos seguranças.

– Sério? – perguntou Jared.

Sean só levantou a sobrancelha para ele enquanto mastigava.

– Tá, ok. Acho que isso é meio inédito e estou em choque. Vou precisar de mais pastrami, passa esse prato pra cá – ele pegou duas fatias de pão de centeio fresco e colocou várias fatias de pastrami dentro. – É a mesma garota que você falou semana passada? Aquela do final de semana em D.C?

– E eu por acaso tive tempo pra ver alguma outra?

– Sei lá, vai que você queria rever a Pervy – disse Jared, já com um sorriso sacana.

Sean nem se dignou a responder, só voltou a comer, o que fazia Jared se divertir mais ainda.

– Liga pra ela de novo. Vai pra D.C. Sei lá, vai que aí você finalmente desencanta. Acontece às vezes, sabe? Por isso que vez ou outra eu tenho namoradas.

– Você sempre tem namoradas de uma ou duas semanas, Jared.

– Já me qualifica pra ter mais experiência nisso do que você, não? E o negócio está tão preto que tô solteiro há semanas. Quando foi a última vez que você quis rever alguém depois que acabou o tempinho juntos?

– Nós dois sabemos que não dá. E nem adianta eu me meter com ela. Você sabe o que vai acontecer.

– Não sei de porra nenhuma. Um de nós dois vai ter que testar esse negócio de se envolver. Eu voto pra ser você. Depois se eu vir que funcionou, juro que penso em encarar.

– Filho da puta mentiroso.

– Liga pra garota. Quando você olhar pra ela novamente, vai saber.

Falando assim parecia até que Jared tinha um grama de romantismo nele. Ele tinha era falta de vergonha na cara e isso estava funcionando muito bem pra ele.

Sean havia cometido uma loucura. Estava completamente fora de si quando pegou sua mala, jogou algumas coisas, dispensou o uso do jato e ligou pra conseguir o primeiro voo disponível para Baltimore. Ele nem chamou um dos seguranças, o que já provava sua loucura. Felizmente era um sábado ou ele causaria muita confusão.

Ele havia falado com Beatrice naquela semana, ela parecera muito surpresa ao atendê-lo. Ao menos dessa vez ela sabia que era ele, sinal de que salvara seu telefone. Depois de pronunciar seu nome ela dissera “que bom falar com você”. Eles conversaram por mais de uma hora, ele não tinha tempo e nem paciência para ficar de papo no telefone, mas ficou. E ela comentou que ia para Baltimore na sexta, para passar uns dias em casa antes do início oficial das aulas. Ele até perguntara:

– E eu posso vê-la em Baltimore?

E ela disse:

– Claro que sim.

Ele perguntou porque a ideia era absurda e atraente. E ela concordou porque obviamente não achou que ele falava sério.

Então o que ele estava fazendo no aeroporto de Baltimore-Washington, andando para lá e para cá à frente dos vidros e praticamente rindo de si mesmo? Que merda ele ia dizer quando ela atendesse?

– Sean? – Beatrice franziu o cenho. Ele estava mesmo ligando para ela de novo?

– Oi, eu não te acordei, não é?

– Não, já passa das onze. Tudo bem?

– Você está em Baltimore?

– Sim, por quê?

– Está ocupada?

– Não, vir pra casa é puro descanso. Eu até consigo ser um pouco mimada por aqui.

– Eu posso vê-la?

– O quê?

– Eu pensei se você teria um tempo hoje pra fazer qualquer coisa que quisesse.

– Eu tenho, mas...

– Eu estou em Baltimore. Só que eu não faço ideia de pra onde ir.

Ou melhor, no aeroporto que era um pouco distante, mas nada que uns quarenta minutos de carro não resolvesse.

– Você está... Aqui?!

– Não sei onde é aí, eu... seja lá onde for, eu posso te ver?

Ela estava em choque, sua boca estava até aberta contra o celular e levou uns segundos para ela recobrar a fala e um pouco mais para o raciocínio voltar. Beatrice só sabia que havia piscado várias vezes.

– Pode – ela disse num tom de quem acabara de tomar uma decisão.

– Eu moro na Greenway, ao lado dos Jardins de Sherwood. Qualquer taxista vai saber onde é. Mas, mas... você vem agora? – ela se virou para o espelho em cima do aparador da sala e olhou aterrorizada pra sua cara de sono e o cabelo desarrumado.

– Tem um hotel por aí?

– Tem! Um pertinho daqui, o The Colonnade. Não é o Ritz, mas é super legal.

Ele não queria saber como era, só queria vê-la e completar esse impulso doido que o fez pegar um maldito avião até Baltimore.

– Vou até lá.

– Eu o encontro lá.

– Eu vou pegar um taxi agora.

– Fica a dez minutos daqui, Sean. E a uns quarenta daí se o trânsito estiver bom.

Mesmo quando pegou o táxi, ele sabia que estava doido. Seguir seus impulsos era algo normal, mas isso? Impulsos nos negócios às vezes lhe rendiam boas recompensas. Impulsos naquele trabalho paralelo que ele tinha, às vezes ajudavam muito. O que ele estava fazendo tendo impulsos para rever uma mulher com quem ele não tinha nada? Eles tinham alguma coisa, tinham que ter, do contrário, o que ele estaria fazendo ali? Ela nem ficara na dúvida ao concordar em vê-lo.

Capítulo 6

Você não devia ter me convidado. Agora eu quero tudo. Seu tempo, seu corpo e seu amor são a entrada. Eu não me contento com uma vez.

Pouco depois, Beatrice tinha colocado uma blusa que ela achava favorecê-la, uma jeans que ela também achava que conseguia embelezar seus quadris e até se dera ao trabalho de colocar uma sandália alta, para não ficar tão baixa em comparação a ele. Escolher isso foi rápido, mas ela ficou vinte minutos na frente do espelho decidindo se estava ok, se precisava de uma pinça, se devia pôr o delineador, se devia deixar o cabelo solto, se devia penteá-lo para o lado. Ainda passou uma base para dar mais brilho ao esmalte e ficou andando pelo quarto e balançando as mãos no ar. Sean a deixava nervosa.

– O que você está aprontando aí, Bea? – perguntou sua irmã mais velha, Rose, quando empurrou a porta.

– Nada! – disse Beatrice.

– Por que seu cabelo está todo preso pra cima?

– Não posso mexer nele, minhas unhas!

– Que diabos, garota. Pra onde você vai? – Rose entrou e olhou os pares de sapatos espalhados e a roupa da irmã.

– Vou dar uma saidinha rápida.

– Vovó vai vir aqui só pra te ver – avisou Rose.

– Eu sei. Mas ela só chega de tarde.

Rose olhou a maquiagem sobre a mesa com o espelho.

– Vai sair com quem, hein? Não é aquele babaca do Jamie, né? Se depois de ir morar em D.C. você voltar aqui e sair com ele, eu te bato.

– Não! Claro que não.

Rose pegou o batom da irmã e destampou para olhar a cor.

– Hum... vai usar esse aqui?

– Não vou usar batom.

– E por quê?

– Por que não, só um gloss.

– Você fica muito bonita de batom forte.
– Mas vai borrar.
– Você já dispensou todos os babacas que havia aqui, então quem vai borrar o seu batom?

– Fala baixo! – Bea foi até a porta e fechou. – Daqui a pouco a Cherry aparece e estraga meu humor.

Rose sentou na beira da cama, pegou a sandália da irmã e ficou olhando o salto, pensando que depois de dois filhos, seus pés ficaram sensíveis e aquela coisa ia acabar com o pé dela.

– Ah, não. Você vem pra casa e eu te pego desesperada porque tem algum cara te esperando e você acha que não vai me dizer nada? Faço a Cherry e te deduro pra mamãe.

– Já vou fazer vinte e três, isso não me afeta mais.

Rose gargalhou.

– A fedelha achando que é gente! Você sabe que pode ter quarenta. Mamãe sapateia na nossa cabeça.

Beatrice sentou à frente do espelho e soltou o cabelo. Até que estava decente, um pouco de spray de brilho, umas arrumadas e ia dar.

– Tá, tudo bem – ela soltou o ar de forma resignada. – É um cara que eu vi há umas duas semanas. Eu achei que nunca mais ia ouvir falar dele e não tive a cara de pau de ligar. Mas não conseguia esquecê-lo e aí... Pluft! Ele ligou. Fim da história. Agora some daqui.

– Bea... eu não preciso fazer de novo aquele discurso sobre o uso de preservativos, não é? Afinal, você já está na faculdade – disse Rose, muito séria.

– Sai daqui, Rose!

A irmã dela desatou a rir e realmente foi, deixando-a em paz. Ela sempre se divertia quando Beatrice vinha em casa, mas estava tentando se acostumar ao fato de que a irmã não ficaria ali. Ela tinha certeza que Bea iria morar em algum outro lugar, até para ter mais chances na profissão que escolheu.

Uma hora depois, Sean já tinha ligado para Nova York e até se desculpara por complicar o trabalho dos seus seguranças. Marcus estava se divertindo, mas pegou sua mala e o chefe, querendo vê-lo ou

não, ele partiria para o aeroporto e ia arranjar um quarto bem perto do dele.

O trânsito não colaborara com Sean, ainda bem. Porque se ele tivesse chegado em quarenta minutos, teria passado vinte minutos esperando Beatrice aparecer. Mas quando ele saiu do taxi, ela estava à frente do hotel andando como quem não esperava nada. Ele foi até lá e apesar de seus olhos estarem grudados nela, o sorriso era mais chamativo. Ela se virou para ele e até prensou os lábios, porque se não o fizesse ia acabar dando um sorriso tão grande que suas bochechas iam até doer e ela ficaria com cara de boba.

Apesar disso, quando ele chegou perto e ela viu sua expressão, não conseguiu mais e sorriu, por um momento em dúvida do que fazer. Sean havia pegado um maldito avião para Baltimore, ele não tinha a menor dúvida do que fazer. Puxou-a para ele e beijou num movimento fluido e rápido.

Se alguém tentasse pegar sua mala ele estaria ferrado, porque não estava nem aí para ela. Sua mão a segurou por trás do pescoço e ele lhe deu um beijo de parar o trânsito na frente do hotel. A saudade era uma droga e ele queria muito beijá-la. Ele nem pôde se arrepender por essa demonstração súbita de afeto porque ela se agarrou à cintura dele e cerrou os olhos, beijando-o como se fosse a última vez. Ou melhor, a primeira vez em duas semanas que, duas pessoas que não pararam de pensar uma na outra, finalmente se beijavam.

Dois malditas semanas pareciam dois meses amaldiçoados e demorados. Sean não sabia se odiava ou se regozijava por esse sentimento estranho. E Beatrice estava aterrorizada não só com a alegria e seu coração acelerado, mas toda a mistura de sensações. Por que ela estava sentindo isso?

– Você é doido – ela disse, ainda ofegante do beijo. – E se eu não tivesse atendido, você ia ficar ou voltar?

– Acho que ia acabar no centro de Baltimore, só pra olhar e tentar ligar. E depois ia voltar, o que mais eu faria? – ele não parecia estar se importando com a possibilidade de ter dado errado. Só se importaria se o problema fosse ela não querer vê-lo e pelo menos até agora, esse não parecia o caso.

Ela se segurou à camisa dele e encostou o rosto contra seu peito, ainda pensando nas chances daquilo.

– Foi um impulso – ele acabou dizendo.

– Você costuma sair por aí seguindo seus impulsos? – ela voltou a olhá-lo.

– Não. Geralmente não.

Beatrice ocupou-se com o tecido da camisa simples que ele usava. Ela não estava realmente prestando atenção nisso, estava só segurando-o entre os dedos enquanto pensava e aproveitava o conforto dos braços dele.

– Eu adorei te ver novamente, Sr. Super Ocupado.

Sean olhou para baixo, divertindo-se com o pedacinho de tecido de sua camisa que ela ficava mexendo e depois a olhou, esperando que ela o olhasse novamente.

– Eu também adorei revê-la – ele disse, quando ela o olhou. – Eu só espero que não esteja me dizendo isso porque vai me deixar.

– Não! – ela deu um passo para trás e o pegou pela mão, levando-o para o hotel onde ele ficaria. – Eu tenho tempo suficiente pra você me conseguir um suco de laranja e me dizer o quanto ficou ocupado essas duas semanas.

Eles haviam entrado no hotel, mas Sean parou, franziu o cenho e puxou-a de volta para perto dele, enquanto a olhava daquela forma séria e inquiridora que em pouco tempo com ele, Bea já reconhecia.

– Já comeu hoje, Sean?

Ele continuou olhando-a sem saber se aquela cara que ela fazia era por causa da pergunta ambígua ou porque ainda estava se divertindo por ele ter resolvido ir até lá. Beatrice sorriu e tocou o queixo dele com os dedos, acabou segurando sua mandíbula e acariciou fazendo aquele franzido sumir da testa dele. Ela o achava lindo, ele nem devia poder ser tão atraente porque não só era sacanagem com o resto da humanidade, mas principalmente com garotas como ela que cruzavam o caminho dele. E depois de passar um tempo com Sean, a pessoa fazia o quê? Aposentava eternamente suas chances de ter outro encontro? Porque sinceramente...

Ainda assim, todo mundo tinha seus pontos mais marcantes. E ela achava que ele tinha muitos, mas tirando a cor turquesa dos seus olhos

e isso porque ela era uma garota que amava cores, a mandíbula dele era um dos traços mais atraentes que ela já colocara os olhos. Ela quase caiu dura na primeira vez que ele levantara bem o rosto lá naquela festa. Ou quando ficou olhando-o de perfil. Até então achava que nunca mais veria a cara dele. Agora que ela até já beijara seu queixo e fizera o caminho do seu rosto com os dedos algumas vezes, não ficara menos atraente. Mas a diferença é que podia tocar.

– Não o suficiente – ele disse.

– Ótimo! Aqui dentro vende bolos deliciosos.

– E você adora doces?

– Só bolos, macarons, mousses e outras sobremesas trabalhosas e saborosas.

Ele ficou sorrindo enquanto fazia check in e pouco depois ele tinha lhe comprado um pedaço de bolo que ele escolhera para ver se acertava. Ela havia adorado porque ele escolheu o bolo mais colorido e apetitoso que viu, era um napolitano com biscoito de chocolate.

– E por que você não vai almoçar comigo? – ele perguntou.

– Minha avó. Vem almoçar comigo.

– E sua mãe nunca te ensinou a não comer a sobremesa antes do almoço?

Beatrice ficou comendo seu bolo por um momento e um sorriso foi aparecendo na sua face. Sean já estava começando a reconhecer as nuances dos sorrisos dela junto com suas expressões.

– E você sempre deixa a sobremesa pro final? – ela perguntou, lançando-lhe um olhar sacana demais para ele resistir.

– Não quando posso evitar.

– Viu?

O celular dela tocou e Bea franziu o cenho antes de pegá-lo e levá-lo ao ouvido, falando brevemente com alguém chamado Rose.

– Eu preciso ir.

Quando ela levantou, Sean se virou na cadeira para olhá-la.

– Essa é a parte que você me larga aqui e não diz mais nada?

– Não – ela deixou a bolsa na mesa e sentou sobre a coxa dele que ela já descobrira ser maravilhosa para essa função. – Tenho algo pra te dizer.

Beatrice o beijou e Sean a envolveu em seus braços. O garçom que passava os olhou e o pessoal da mesa ao lado também. Depois desviaram o olhar porque é a reação normal de alguém vendo um casal dar um beijo muito bom e de causar inveja.

– Você beija muito, muito bem. Arrasadoramente bem – ela disse baixo pra ele.

Sean riu, mas não a soltou, apesar de ela não ter tentado levantar, estava mais ocupada acariciando o seu pescoço.

– Quer jantar comigo? – ela perguntou.

– Eu quero tudo que você tiver pra mim.

– Oito e meia – ela disse.

– Você quer dizer nove horas?

– Não, eu ia dizer oito horas, então mudei pra oito e meia.

– Onde?

– Aqui. É perto e prático.

– Concordo.

– E... eu vou estar livre o domingo todo – ela disse mais baixo, como se fosse algo só para ele saber.

O olhar de Sean mudou de instigado para extremamente interessado e logo depois para promessas pecaminosas. Beatrice deu um leve sorriso e levantou, pegando a sua bolsa. Ele deixou suas mãos escorregarem, típico de quem não queria ter soltado.

– E Sr. Super Ocupado, já pensou em aproveitar sua estadia em Baltimore para descansar?

Ele ficou com um sorriso leve, pensando que era uma boa ideia.

Depois de almoçar e fazer companhia à sua avó, Agatha Stravos, Beatrice ainda aguentou sua irmã Cherry e suas alfinetadas. Rose estava olhando-a de forma desconfiada e sua mãe queria saber por que ela não ia ao almoço de domingo na casa da tia.

– Além de todo mundo ficar se metendo na minha vida, me alfinetando e perguntando quando volto ou quando vou embora de vez, eu tenho um compromisso.

– No domingo, aqui em Baltimore? Com quem? Suas amigas do colégio? – perguntou a mãe.

Beatrice teve vontade de gargalhar.

Assim que deitou, Sean achou que ia apagar, porque só ia ver Beatrice daqui a seis horas e na atual situação, ele não podia esnoabar umas horas para repor seu sono. Mas o celular tocou e ele atendeu só porque era Jared.

– Seu filho da mãe, eu acho bom você voltar daí realizado – disse Jared pelo celular. – Fui aquele almoço chato no seu lugar. Só não to puto porque arranjei um encontro pra hoje.

– Desde que não seja ninguém que trabalha pra mim...

– Não, uma tal de Betina. Belas pernas – esclareceu Jared.

– Puta merda.

– Diz que você não pegou.

– Eu não. Só conheço.

– Falar nisso, ligou uma tal de Alva e tá na secretária eletrônica. A garota que você foi ver não se chama Alva, não é?

– Não, ela se chama Beatrice.

– Ok, digo que você está no Japão.

– E minha irmã, retornou a ligação?

– Eu liguei pra ela, desde quando a Tess liga se não estiver encrencada?

– E?

– Vai se formar no maldito curso. Isso quer dizer que você, eu, papagaio, periquito, seguranças, sua mãe e nossa tia-avó, estaremos todos em Florença semana que vem pra formatura.

– Ótimo. E ela avisa só uma semana antes.

– Agradeça o fato de que ela vai terminar o curso.

– E continua limpa – lembrou Sean.

– Graças a Deus e à reabilitação – completou Jared.

Foi difícil para Beatrice conseguir se arrumar dignamente e sair de casa sem ter que explicar à sua avó, sua mãe, Cherry, três tias, quatro primos e sabe-se lá mais quem, para onde ela estava indo. Ela teve que usar Rose pra ajudá-la a sair pelo jardim. Nos finais de semana, todo

mundo aparecia na casa, porque a família toda morava ali em Baltimore e sua casa ficava bem no meio do círculo familiar.

Ela não sabia o que Sean tinha dentro daquela mala, mas ele estava no saguão, andando e um tanto impaciente, com um paletó azul escuro de corte informal, uma blusa branca com o colarinho aberto, calças e sapatos escuros. O cara devia ser expert em mala rápida, mas também alguém que vivia viajando tinha que ser. E ela ainda estava em dúvida se seu vestido burgundy de corte justo estava lhe favorecendo. Rose até dissera “esse cara deve valer muito a pena pra você ter colocado isso”.

Ele valia. Pelo tempo que fosse, mesmo que só por hoje, ele valia muito a pena.

E pelo jeito que ele a olhou, Beatrice esqueceu completamente o que ela achava do vestido. Sean com certeza estava achando perfeito, porque você simplesmente não podia fingir um olhar daquele. E ela nunca havia se sentido tão desejada na vida. Num sentindo bem feminino de ser.

– Nós vamos ser presos, Beatrice – ele havia dito, quando chegaram perto do restaurante dentro do hotel.

– Por quê?

Ele se virou para ela, depois desceu o olhar por ela e por aquele maldito vestido que deixava todas as curvas que ele queria acariciar, apertar e beijar bem delineadas, como uma vitrine feita para sua tortura. E depois ele a encarou.

– Nada disso – ela disse, mas quis rir.

– Antes de entrar lá, então? – ele sugeriu.

– Não, eu quero ter o prazer de te deixar em agonia o jantar inteiro – ela respondeu, adorando isso.

Ele pendeu a cabeça e conseguiu fazer uma cara de sofrimento genuíno. Beatrice se aproximou e lhe deu um beijo rápido e depois mais alguns seguidos, sem deixar se aprofundar, mas ele obviamente a seguiu, mesmo quando ela deu alguns passos para trás, até que ele a capturou e beijou de verdade. Sean só parou porque ela estava sorrindo contra os lábios dele o que lhe causou o mesmo efeito. Mas ele ainda queria muito ficar sozinho com ela e beijá-la por horas.

Foi um pouco tarde que Beatrice percebeu que Sean não era o tipo que te encantava, ele te arrebatava, sem volta. Ela havia descoberto que

ele era naturalmente intenso, mas estava acima do seu normal. O jeito como a tocava e segurava e beijava, aproveitando cada pedacinho, cada segundo do beijo. Ele não parecia só ter sentido sua falta, parecia ter morrido de saudade. Ele era um pouco demais para os seus sentidos, não apenas a sobrecarregava, a assustava também. Mas ela não ia recuar agora.

Nos quarenta minutos que eles gastaram comendo e conversando, enquanto flertavam e não viam absolutamente nada que acontecia à sua volta, os dois se comportaram bem. Só que, uma hora depois do jantar e da pretensão de dar uma volta, algo que acabou sendo como aquela “volta” que eles deram quando saíram do café lá em D.C., Beatrice conheceu a suíte dele.

Na verdade, a primeira coisa que ela viu foi a parede ao lado da porta onde ele a imprensou, abriu o zíper nas costas do tal vestido e só depois bateu a porta. Vale dizer que ele abria um zíper como ninguém, foi todo só em uma puxada.

– Pensei que ia rasgar – ela disse quando ele a virou de frente.

– Hoje não, vou só arrancar.

Ninguém acendeu as luzes, porque quem iria saber onde estava o interruptor. E antes que ela tropeçasse, ele a levantou e carregou, o vestido dela estava caindo por seus ombros e ela empurrou o paletó dele enquanto ainda estava em seu colo, jogando-o para longe assim que foi posta no chão e os braços dele ficaram livres. Ela tentou abrir os botões dele enquanto ele empurrava seu vestido. Beatrice tirou os braços e Sean o desceu pelo seu quadril. Levantou-a de novo e a peça provavelmente foi parar embaixo da cama.

A camisa dele estava demorando, muitos botões, casas pequenas... Ele acabou ajudando-a, se livrou da camisa e certamente dos botões também, deu pra escutar um deles batendo contra a madeira da lateral da cama. Beatrice se abraçou a ele e acabou com as pernas em volta da cintura dele, beijando-o com tanta força e tantas vezes que se ela estivesse olhando outra pessoa fazer isso, ia achar que machucava.

Ela escutou uma de suas sandálias ir ao chão e pouco depois ele a jogou na cama e se livrou da outra sandália. Ninguém estava sendo delicado e cauteloso por ser a primeira vez. Afinal, quem estava pensando direito? Bea achava que tinha perdido o juízo quando veio no

elevador dando um amasso nele, mas não, ela esqueceu o próprio nome quando ele a prendeu naquela parede e ela ouviu seu zíper ir até o final. Não, mentira, foi quando ele arrancou a camisa daquele jeito, aquilo foi muito sexy.

Pensando bem, ser jogada na cama foi...

Sean não estava pensando claramente, ele só queria tudo. Por suas mãos em todos os locais do corpo dela, explorar todo o seu corpo com a boca, senti-la por inteiro e ficar dentro dela, por muito tempo. Ou seja, tudo.

Beatrice ficou de joelhos na cama e abriu a calça dele, empurrando-a logo depois e Sean se livrou dela e do resto, sobrou seu boxer. Ele se inclinou e a beijou, derrubando-a na cama, Beatrice se deixou ir e se segurou ao pescoço dele que ficou em cima dela, deixando seus corpos seminus se encaixarem. Eles não paravam de se mover e puxar um ao outro, gerando mais atrito e mais excitação.

Acabaram rolando na cama e ela ficou em cima dele e se inclinou sobre seu corpo para beijá-lo na boca, no rosto, no pescoço e pelo seu peito. Sean colocou uma mão nas costas dela e soltou seu sutiã, segurou seus braços e a livrou dele. Logo depois a luz fraca do abajur acendeu, porque dava para alcançar, quando ele esticava o braço. Eles se encararam por um momento, ela se apoiava no peito dele e o olhava, Sean a observava por inteiro, ele levantou as mãos e cobriu seus seios.

– Eu quero olhar pra você – ele disse. – E saber que você também está olhando pra mim e tem certeza do que está fazendo.

– Eu tive certeza que queria ficar com você hoje, assim que entrei no saguão e você me olhou daquele jeito...

– Desse jeito? – ele perguntou, porque sabia que devia estar olhando-a com toda admiração e desejo que sentia.

– Agora está ainda melhor – ela se inclinou e o beijou.

Quando Bea tornou a se apoiar nele, Sean segurou seus seios e os acariciou. Ela entreabriu os lábios e soltou o ar, movendo o quadril lentamente sobre o dele. Ele capturou seus mamilos e os esfregou entre os dedos, em resposta ela pendeu a cabeça e fechou os olhos. Sean estava adorando olhar para ela e observar sua excitação crescente. Ele queria ver seus olhos e suas reações, precisava disso para aprender sobre ela, porque agora ele queria saber tudo. Pouco lhe importava suas

experiências, ele queria saber como dar prazer a ela e tratar seu corpo e sua confiança do jeito que merecia.

Ele a derrubou ao seu lado na cama, fazendo-a rir e beijou seus ombros, seu colo, delineou seu corpo com as mãos, capturou seu mamilo com a boca e lhe arrancou uns gemidos. Sean circulou o botão rígido com a língua, descobrindo seu sabor e deixando escapar os sons das sucções, às vezes mais rápidas, outras mais lentas. Beatrice se segurou aqueles ombros largos e não ofereceu resistência quando ele deslizou a calcinha por suas pernas.

Enquanto deixava beijos ternos e repetidos sobre o ventre dela, Sean afastou mais as suas coxas e desceu por todo aquele caminho em V até seu sexo. Bea não estava conseguindo ser racional, nem dava tempo. Para nenhum dos dois. E o que ela ia pensar enquanto ele afastava completamente suas pernas, colocava seus bíceps por baixo de suas coxas e começava a lambê-la? Sim, porque segundo ele...

– Quero muito descobrir o seu gosto – ele murmurou.

As mãos dela tremeram enquanto tentava agarrar alguma coisa, o lençol, um travesseiro, qualquer coisa. Ele brincou com a ponta da língua e ela o sentiu manipulando seu clitóris e provocando a entrada do seu sexo.

– Você gosta assim, Bea?

– Acho que você é descarado demais pra mim, Sean.

– Eu vou deixá-la descarada também, só pra mim.

Ela acreditava nele, já estava sentindo seu nível de falta de vergonha subindo. Especialmente porque estava dando os gemidos mais altos da sua vida enquanto ele usava muito bem o tempo que tinha para chupá-la. Ele nem estava sendo muito lento porque nesse momento os dois ainda estavam acelerados, mas o ritmo que ele escolhera, ia levá-la ao orgasmo rápido.

– Sean... – ela gemeu para ele.

Ele apertou as coxas dela e grunhiu, chupando-a com vontade e provocando-a com os dedos. Era tudo uma questão de descobrir o que ela gostava. E ele adorou quando ela gozou na sua boca; era a primeira vez de muitas, assim ele esperava. Podia senti-la ondulando contra seus lábios e ele continuou a acariciando até sentir que ela soltou o seu cabelo.

– Hum... Bea, você vai ter que gemer meu nome outras vezes – ele disse, inclinando-se na cama.

– E você vai me chamar de Bea de novo? Sou tão sexy com essa sua voz... – ela sentou e acariciou o peitoral dele.

– É só isso que você quer, Bea? Tem certeza?

– Não, eu... quero... te tocar.

Sean ficou de joelhos em frente a ela na cama e Beatrice aproveitou e acariciou seu corpo com o olhar e depois com os dedos, deixando as pontas percorrerem os mamilos, as entradas dos seus músculos e ela nem hesitou em tocar aquele enorme volume que evidenciava sua ereção. Ele tinha mesmo esse efeito de deixar uma mulher descarada só para poder aproveitá-lo ao máximo.

– Como? – ele perguntou, observando-a tocá-lo.

– Do jeito que você me tocou. Eu também quero te descobrir.

O sorriso no rosto de Sean era tão pecaminoso que ele devia ser preso.

– Pode tocar o quanto você quiser.

Incentivada a vencer a timidez junto com ele, Beatrice ficou de joelhos e desceu o boxer dele, passando a língua pelos lábios e olhando-o sem pudor quando seu membro duro ficou entre eles. Bea ficou de joelhos e o beijou no início do peito, lambeu seu mamilo e acariciou seu corpo, deixando seus dedos passearem pelos seus músculos abdominais e descendo pelo V do seu quadril. Ela queria muito saber se também podia afetá-lo com seu toque e pelas reações dele, achava que sim.

A curiosidade dela, seus toques e sua disposição a descobrir o excitavam muito, especialmente porque ele estava disposto a isso, queria que ela se interessasse tanto quanto ele. Puxando-a pelo rosto, ele a beijou com força, enfiando as mãos pelo seu cabelo e deslizando a língua pela sua com desejo. Bea moveu-se contra ele, sentindo seu pênis quente apertar seu ventre e arrancando um gemido dele.

Sean foi para o lado e se livrou do boxer, recostou nos travesseiros junto à guarda da cama e a olhou. Beatrice engatinhou e foi apoiando as mãos nas pernas dele e nas coxas, até ficar entre seus joelhos. Sean deslizou a mão até seu pau e quando ele desceu lentamente pela extensão dele, ela teve noção de como ele estava excitado.

Ele segurou a base do seu pau para ela e Beatrice apoiou as mãos em suas coxas rijas, se inclinou e já estava se sentindo mais excitada só por fazer isso. Ela abaixou os olhos e passou a língua pela cabeça macia, circulou algumas vezes e umedeceu os lábios antes de colocá-lo na boca. Ela chupou a ponta algumas vezes e levantou o olhar quando ele gemeu, não sabia também se estava fazendo direito, mas ele parecia louco de tesão. Por ela, isso que deixava tudo especial.

– Você gosta assim, Sean? – ela perguntou, repetindo a pergunta que ele fez a ela.

E ela só o provocara, mas ele gostava de ser provocado por ela. Desde a primeira frase que ela lhe dissera, era tudo que Bea fazia.

– Gosto. Muito – ele a puxou para ele. – Minha provocadora...

Beatrice ficou sobre ele, se agarrou ao seu pescoço e o beijou. Ele adorou os seios dela se esfregando contra ele e moveu o quadril embaixo do dela, podia sentir o quão úmida ela estava. Sean apertou seu traseiro, mantendo-a no lugar certo para senti-lo e gemeu, com os movimentos que ela fazia contra ele.

Quando ela o encarou daquele jeito, tão cheia de desejo por ele e o querendo mais a cada momento, Sean a beijou e pegou o preservativo. Beatrice se apoiou nele e desceu lentamente, sentindo-o penetrá-la a cada movimento que fazia. Ele segurou seu quadril e apertou, sentindo cada centímetro que ela o deixava ficar dentro dela. Os gemidos terminados em ofegos que Beatrice deixava escapar só aumentavam sua excitação. Ela parou e se moveu sobre ele, voltando a subir, deixando ambos numa mistura de tortura e prazer, querendo mais.

Sean passou os braços em volta da cintura dela, prendendo-a contra ele e a beijando, ele sentiu as unhas dela nos seus braços quando a penetrou por completo e ela soprou um gemido de prazer contra seus lábios. Bea começou a se mover instantaneamente, ainda acostumando-se a ele, mas sem parar. Ela sorriu e mordeu seu lábio, ele obviamente sorriu de volta, mas mordeu seu ombro, seu pescoço e devolveu os movimentos, apertando-a e surpreendendo-a quando a fez subir sobre ele e deixar escapar gemidos mais altos e rápidos.

Ela logo estava apertando sua nuca e arranhando o início de suas costas enquanto ele a mantinha bem presa com um dos seus braços envolvendo sua cintura completamente e nem notara, mas segurara seu

cabelo enquanto lhe dava estocadas mais rápidas, acompanhando os movimentos dela. Ele sentiu perfeitamente quando ela começou a gozar, muito mais do que ele esperava sentir. Naquela posição, estava bem lá no fundo quando o gozo tomou conta do corpo dela e ela se desfez de prazer nos seus braços e precisou dele para se segurar, apertar e arranhar enquanto aqueles gemidos deliciosos de êxtase ecoavam no pé do seu ouvido.

Os braços dele se apertaram ainda mais em volta dela quando a cabeça dele caiu contra a guarda da cama e ele gozou junto, ainda alcançando-a e sentindo-a apertá-lo repetidamente dentro dela. No momento que eles conseguiram se mover novamente, Beatrice tocou o rosto dele com as duas mãos e o beijou devagar, deixando-o sair de dentro dela e Sean soltou um grunhido de protesto.

– Vem... – ela o puxou pelos ombros e se abraçou ao seu pescoço, beijando-o.

Claro que ele acompanhou, queria mais dela. A camisinha foi parar em algum lugar ali, que se danasse. Ele se inclinou junto com ela, mudando de posição e ficando em cima dela, cobrindo-a novamente com seu corpo quente e forte. Sean levou um longo tempo beijando-a, isso era uma novidade, mas ele não conseguia parar. Não se lembrava de ter ficado tanto tempo beijando uma mulher ao mesmo tempo em que fazia sexo com ela; parecia que sempre envolvia outras coisas e tanta conexão emocional nunca foi tão desejável como agora. Mas ele vivia beijando Beatrice, o tempo todo que estava com ela e era muito melhor fazer isso.

Ele pegou outro preservativo tão rápido que ela mal abriu os olhos para voltar ao mundo real e Sean já estava novamente junto a ela, abraçando-a, levando-a de volta àquela nuvem erótica. Beatrice levantou as pernas até a cintura dele e se entregou, segurou-se ao corpo dele, acariciando-o sempre que ele não a obrigava a apertar e arranhar. Sean se apoiou nos braços e olhou para ela, observou as nuances do seu prazer, enquanto se movia sobre ela e escutava seus gemidos. Ele sabia que estava fazendo amor com ela. Isso devia ser assustador para ele, era além dos seus limites de envolvimento. Ele não precisava se forçar a segui-los, era natural.

Só que não dessa vez. E ele não estava nem aí.

– Mais rápido, Bea? – ele perguntou, quando as pernas dela apertaram em volta de sua cintura.

Ela assentiu e subiu as mãos pelos braços dele, nem tentou abrir os olhos, era muito difícil.

– Olha pra mim – ele apoiou os joelhos na cama e foi mais devagar.

Ela até olhou, mas ele estava olhando para baixo, ocupado em acariciar seu clitóris, esfregando-o circularmente enquanto seu pau entrava e saía lentamente do corpo dela, ele podia senti-la se retesando repetidamente em volta dele.

– Sean... – ela moveu o quadril para ele, o que chamou sua atenção, mas ele continuou a tocando.

– Pede – ele levantou o olhar para ela e a tocou com mais força, mas não se movimentou mais rápido.

Ela só gemeu e mordeu o lábio, voltando a fechar os olhos.

– Mais... – ela murmurou.

Apoiando-se novamente nos dois braços, ele estampou um sorriso sacana e ficou completamente sobre ela outra vez.

– De novo – ele pediu.

– Mais – ela tornou a dizer.

Ele subiu mais as pernas dela, deixando-a prendê-las em volta dele novamente e foi gradativamente mudando o ritmo de suas investidas, fazendo-a acompanhá-lo. Sean ficou olhando-a e falou baixo com ela até vê-la se segurar em seus braços para se manter no lugar e soltar um gritinho agudo, de pura surpresa. Tudo porque ele ia fazê-la gozar de novo e ela não tinha nem tempo de ficar abismada.

A sensação tomou conta dela rápido demais e Bea não podia acreditar onde ele levantara seus joelhos para ter todo o espaço que queria. Quando olhou para ele, enorme, todo retesado e completamente concentrado nela, ela gozou para ele de novo. E o levou junto. Sean a cobriu com seu corpo, se abraçou a ela e dava para sentir o seu corpo estremecer sobre o dela.

Levou mais tempo para se separarem, mas ele a livrou de todo o seu peso e a abraçou. Beatrice acabou se virando de bruços e deitando o rosto sobre o antebraço para olhá-lo. Sean descansou a mão nas costas dela e acariciou levemente. Ele estava prestando atenção no que fazia,

mas desviava o olhar para o rosto dela ocasionalmente. Bea levantou a cabeça e beijou seus lábios, de surpresa.

Sean passou o braço em volta dela e ficou bem perto, beijou seus lábios e descansou a cabeça. Eles estavam ao contrário na cama, longe do abajur, mas apesar das sombras, ela conseguia ver seu rosto e notar que ele voltara a olhar para ela. Talvez Beatrice não quisesse saber o que ele estava pensando, porque dava para ver que ele estava imerso em algo. Fosse o que fosse, ele se virou e puxou-a para ficar de lado e se colar a ele e a beijou, demorando-se nos beijos, explorando sua boca com cuidado, como se não houvesse passado todo esse tempo beijando-a.

Não deixou de passar pela cabeça de Beatrice que eles estavam terminando. E era provável que ele estivesse pensando o mesmo, porque já era madrugada de domingo e ele iria embora em breve. E independente do impulso que tomou conta dele e o fez ir até Baltimore para vê-la, Beatrice tinha certeza que isso ia ser sua primeira e quem sabe, última paixão rápida e arrebatadora. Ao menos ela não ia se arrepender de ter se entregado enquanto durou. Só não esperava que ao parar de beijá-la, ele lhe dissesse:

- Você vai ser minha ruína, Bea.
- Não sei se isso soou muito romântico... - ela franziu o cenho, sem pegar o real significado do que ele queria dizer.
- Pode ser, mas é sincero.
- Por que você acha isso?
- Porque você me faz respirar, é como meu ar puro. E quando estamos juntos só há você, nada mais invade a minha mente. E você não faz ideia do que isso é pra mim, mas é tudo que eu preciso.

Ela achava que ele estava falando sobre o seu trabalho, mas não era. Ainda havia coisas demais sobre Sean que Beatrice não fazia ideia. E ele pretendia que ela nunca precisasse saber.

- Eu prefiro que você pense só em mim quando está na minha presença - ela disse.
- Só penso em você agora.
- Bom... - ela assentiu.

Bea chegou a aproximar o rosto para lhe dar um beijo, mas Sean parou e a olhou de forma divertida.

– Espera, essa é a parte que eu deveria perguntar se você também pensa em mim, não é?

– Eu só penso em você! – ela riu dele.

Quando acordou de novo, Beatrice não podia acreditar nele. Ela havia planejado acordar cedo e ir fazer uma média em casa, porque sua mãe adorava fingir que ela ainda tinha dezessete anos e estava dormindo fora e na ilegalidade. Isso porque ela já morava fora de casa desde que fora aceita na faculdade. E com certeza sua mãe havia dito ao seu pai que ela estava dormindo na casa de amigas de Baltimore.

Como se ele fosse tolo, antigamente ele quem tratava desses assuntos de namorados. E como se Beatrice ainda tivesse muitas amigas por ali, o que infelizmente não era o caso.

Só que às sete da manhã, quando ela acordou, Sean estava mais interessado em sexo matinal.

– Não existe maneira melhor de acordar – ele havia dito. – E num final de semana é essencial acordar assim.

Beatrice havia sorrido enquanto continuava de bruços e o sentia beijando seus ombros.

– De todas as qualidades que descobri até agora em você, não imaginei que ser insaciável fosse ser justamente o seu problema – ela brincou.

Sean beijou o ombro dela e descansou os lábios no seu pescoço.

– Eu não sou insaciável. Eu só gosto de sexo. Muito sexo.

– Você gosta muito de sexo ou gosta de muito sexo? Sabe, tem uma pequena diferença... – ela disse, bancando a espertinha.

– Ambos – ele disse, antes de virá-la.

Foi assim que ela acabou acordando de novo às dez da manhã. Quando olhou o relógio, soube que quando batesse em casa ia ter que inventar alguma coisa. Porque dizer a Rose que dormiu fora com um cara maravilhoso que a havia deixado enlouquecida, era divertido. Mas dizer isso para sua mãe era pedir para ser interrogada. E tinha que torcer para Cherry não ter resolvido aparecer cedo no domingo, para não ter que fazer almoço em casa.

– Você disse que tinha o domingo livre – Sean se sentou na cama e passou a mão pelo seu cabelo escuro e completamente bagunçado, a

cara do pós-sexo.

– Eu tenho – disse Beatrice, entrando rapidamente no banheiro dele.

Quando ela saiu, ele tinha levantado e pelo menos tampara suas partes íntimas com o boxer, como se adiantasse muito com todo o resto daquele corpo exposto.

– Então por que você está colocando a roupa? Eu não tenho essa de pudor, mas pode deixar a calcinha se preferir.

– Eu tenho que ir em casa fazer uma média.

– Sério?

– Sim!

– Onde eles acham que você está?

– Depende do que a Rose disse.

– Sua irmã mais velha?

– Ela!

– Você não disse que a linguaruda é sua irmã do meio?

– Isso! – ela virou de costas para ele subir o zíper.

Sean subiu o zíper e ela se afastou rapidamente.

– Acho que estou um pouco perdido – ele comentou, apertando os olhos.

– Não, você está com sono.

– É, preciso de uma ducha fria – ele ficou olhando-a pôr a sandália. – Eu acho bom você voltar, ainda lembro o endereço que você deu.

Ela ficou de pé e o olhou com animação renovada.

– Dá tempo de almoçarmos no píer antes do seu voo?

– Claro que sim. Você me prometeu um domingo livre, lembra?

– Ótimo! Vou tomar banho e trocar de roupa e nos encontramos... – ela olhou o relógio. – Meio-dia, que tal?

– Feito.

– Tenho um bando de coisas pra te mostrar! – ela disse animadamente, o beijou, pegou a bolsa e foi rapidamente para a porta.

– Ei! – ele chamou, antes que ela saísse. – Acho melhor você entrar escondida pelo jardim do jeito que saiu. Se voltar com a mesma roupa, toda amarrotada, já não fosse suficiente, só de olhar pra você eu sei o que andou fazendo.

– Mentira! – ela prendeu o cabelo para cima, pra ver se melhorava. – Melhor?

Ele começou a rir.

– E fizeram tão bem que está estampado em você – ele estava se divertindo. – Solta o cabelo pra esconder as marcas na pele.

Ela saiu resmungando e puxando o cabelo por cima dos ombros e ele disse algo sobre Beatrice precisar aprender a disfarçar melhor se queria continuar fingindo que não estava fazendo nada nesse pouco tempo que passava em casa. Em D.C, isso não seria um problema. E Sean estava achando interessante, porque com a idade dela, ele já estava solto no mundo e também morava longe de casa. Mas não tinha ninguém tomando conta de onde ele dormia, só sua mãe que ligava para saber se ele estava vivo e indo às aulas. E era mais fácil ele sair para descobrir onde seu primo estava do que o contrário.

Capítulo 7

*Essa sua mania de tornar minha vida um paraíso não é saudável.
Como faço pra me curar quando você partir?*

Sean pegou o celular e discou para Beatrice porque já era meio-dia e meia e ela não dera nenhum sinal de vida.

– Beatrice, onde você está?

– No parque.

– O quê?

– É ao lado da minha casa. Pega um táxi e diz pra te deixar no jardim de Sherwood. E coloca uma camiseta, está calor.

Ele seguiu as instruções que ela lhe deu e colocou uma camiseta de mangas curtas, a mais fresca que tinha na sua mala. Ele saiu e Marcus teve que se apressar pra alcançá-lo no saguão.

– Vai sair sem mim de novo, patrão?

– Você pode vir – disse Sean, saindo do hotel. – Mas vai ter que segurar vela de longe – ele sorriu para o segurança. – E sem empatar.

Marcus tinha que contar essa a Don e aos outros. Ele estava com vontade até de começar a anotar num caderninho para não perder tudo que precisava memorizar.

O taxi deixou Sean no lado leste do tal jardim e ele olhou em volta. Era um belo local, mas era uma esquina inteira de puro verde, árvores, gramado e arbustos.

– Sean!

Beatrice cortou caminho pelo gramado e correu até o encontrar. Ela havia trocado a roupa e colocado um short, sapatilhas e uma blusa fina e fresca. Ele achava que ela estava uma loucura com aquele shortinho de fim de semana. E Bea queria apertar os braços dele que a camiseta de manga curta deixava ver tão bem e se enfiar novamente entre eles para ser abraçada com força. Um abraço apertado dele era tão bom quanto o pecado, mas só de olhar, a memória era um tormento.

– Esse é meu parque privativo, brinquei aqui a infância inteira – ela contou.

– Aprontou muito? – ele olhava-a através dos seus óculos escuros.

– Bastante – ela sorriu e o pegou pelo braço.

Ela não tinha o menor pudor de fazer isso, era o contrário de todos os encontros que ele tinha. Sean tinha vontade de contar a Jared que a garota, pois seu primo ainda a estava chamando assim, gostava de puxá-lo por aí. Desde o primeiro encontro, ela achava divertido fazer isso.

– Há quanto tempo você não anda de ônibus? – ela perguntou, enquanto eles iam pela calçada.

– Sei lá – ele deu de ombros. Uma eternidade, muito provavelmente. O que ele ia fazer num ônibus? Para onde ele iria em um?

Ela fez sinal e um ônibus parou mais à frente. Como ela correu até a porta, tudo que ele pode fazer foi correr atrás dela e entrar na maldita coisa.

– Dá umas moedas pra ele – disse Beatrice e o ônibus já estava até andando novamente o que os obrigou a se segurar. Ela pediu isso já esperando que não desse certo, porque estava se divertindo.

Sean pegou a carteira e ele não tinha moedas, só notas.

– Serve?

– Você é terrível nesse departamento! – ela riu dele, tirou uma bolsinha da sua bolsa transversal e deu sabe-se lá qual valor para o motorista, porque Sean não sabia. E o ônibus só aceitava trocado.

Ela quem o empurrou para passar pela roleta e ir sentar lá para trás. Ele ia por mais essa na lista de coisas que ia editar antes de chegar aos ouvidos de Jared ou ia ser zoado pelo resto do ano.

– Isso é ótimo, esse ônibus passa nos principais pontos turísticos da cidade. Está achando interessante? – ela perguntou, sentada ao lado dele, com o braço entrelaçado ao seu e virada para janela. – Vamos almoçar quando chegar lá?

– Estou... – ele olhou pra o interior do ônibus e para as duas senhoras que os olhavam com curiosidade e sorriram quando ele olhou para elas.

– Sim, vamos. Estou faminto.

– Pro seu dia de turista em Baltimore vou lhe mostrar o porto e o Aquário Nacional. Tem um bando de animais lá e trocentas coisas pra

ver.

– Eu não vou num zoológico desde que tinha uns dez anos... – ele disse.

– Não é zoológico, é o Aquário. É muito mais interessante.

– Mas não tem vários animais sem ser marinhos?

– Tem, mas não é zoológico.

Eles finalmente desceram no porto e Sean achava que o maldito ônibus havia dado tantas voltas que eles poderiam ter ido e voltado cinco vezes. Ele não sabia onde estava, mas era a principal área turística da cidade. Beatrice colocou os óculos escuros, pegou sua mão e voltou a falar sobre o local, apontar um bando de coisas, dizer nomes de locais e contar coisas.

– O restaurante do meu pai é pra lá, nós chamamos de velha Baltimore, é super movimentado. Tudo que você quiser ver de noite é pra lá. Nós vamos pro píer três. Que tal comer antes?

– Estou dentro – ele respondeu, faminto.

O comer de Beatrice era entrar em toda sorte de lugar, para ele experimentar um bando das “melhores coisas de Baltimore”. Por fim, ele acabou com uma salsicha no palito, envolva em massa fina e cheia de mostarda que ela derramou em cima e o mandou morder. Sean pegou um guardanapo e limpou a boca dela e depois a sua. Por pouco ele conseguiu fugir da mostarda apimentada e ficou na tradicional.

– Ai, chega – ela deu o seu palito a ele com meia salsicha e se afastou, mexendo em sua bolsa.

Resultado, Sean ficou com suas salsichas de palito na mão e rindo sozinho, pensando na sua imagem no momento. Devia estar mesmo parecendo um turista perdido. Ele podia imaginar o pessoal das Relações Públicas que enchiam o seu saco com imagem, arranjando maneiras de lidar com isso.

O melhor seria seu primo. Não tinha nem o que editar nisso. Só dizer claramente “eu acabei com uma salsicha em cada mão”. Ele podia escutar Jared recapitulando para zoação ficar melhor “depois de sair do ônibus que deu mil voltas, com as velhinhas simpáticas te secando, você foi pro píer, andar no sol e segurar salsichas metidas à besta. Antes ou depois de entrar no zoológico?”.

Ele se livrou das salsichas, porque também não aguentava mais comer nada e terminou de beber o seu suco, enquanto via Beatrice falar com Marcus. Ele nem viu a segurança chegar, coitado, deve ter passado maus pedaços pra conseguir segui-los.

– Sean!

Beatrice voltou rapidamente e chegou a trombar com ele, agarrou-se ao seu braço e apontou pra Marcus.

– Sorria!

Ele abriu um sorriso grande e de surpresa quando Marcus já estava apertando o botão da câmera.

– Eu precisava guardar algo – ela disse, antes de ir pegar a câmera.

Essa era boa, de segurança a fotografia. Não era só Sean que estava marcando mentalmente o que contaria. Marcus ia fazer a festa dos rapazes da segurança. Don e Kevin iam ter que se segurar para manter a cara neutra quando vissem Sean novamente. Cafezinhos, amassos pela rua, fugas para outra cidade, salsichas, ônibus que davam quinhentas mil voltas, zoológicos e a lista só ia aumentando. A hora do almoço quando Marcus voltasse ia ser animada.

– Eu não sei se saiu muito boa – ele opinou, porque foi de surpresa, mas ela já havia olhado e guardado a câmera.

– Saiu perfeita, seu sorriso ficou lindo.

Ele se divertiu muito mais do que podia esperar no tal aquário. Certamente por causa dela, mas ainda assim. E lá dentro você perdia a noção do tempo, eram cinco andares de animais, curiosidades, exposições e shows aquáticos. E ainda havia atrações no outro píer. Verdade que quando se sentavam, não assistiam muita coisa, porque gastavam o tempo se beijando, mas essa era a melhor parte.

Quando acabou, o sol já nem estava tão forte e Beatrice o levou para a beira do píer cinco, o melhor lugar para olhar a vista. Ela tirou os óculos e ficou olhando para os barcos passando, adiando um pouco o momento de se despedir dele. Até que se virou e o pegou olhando para ela, como se só a esperasse.

– Eu me diverti com você, não só por descobrir que há algo no mundo que você não tem jeito, como ser normal e bobo, mas eu também andava sem tempo de vir aqui – ela disse.

– Eu me diverti como nunca, você não faz ideia. Vou ter motivos pra rir por meses. E aquela salsicha, realmente era boa. Devíamos ter começado com ela – opinou Sean, zombando dele mesmo.

– Anotado – ela sorriu e olhou para a senhora que estava próxima, olhando a vista. – Espera.

Ela foi até lá e pediu a mulher para fotografá-los. Dessa vez deu tempo de posar de forma mais ensaiada e ele passou os dois braços em volta dela, aproximou o queixo de sua cabeça e ambos saíram com um sorriso tranquilo. Diferente da foto anterior que nenhum dos dois posou, mas estavam ambos com sorrisos enormes e radiantes. Por isso ela quis outra foto, para ter os dois momentos e a lembrança completa.

– Obrigada – disse Bea à senhora.

– Bonito casal – a mulher disse, dando-lhes um sorriso e voltando para o seu ponto de observação.

Os dois sorriram levemente e Bea olhou para baixo, mas balançou a cabeça e deu um passo para junto dele, o beijando de surpresa.

– Eu já te disse o quanto eu gosto de te beijar? – ele perguntou.

Ela sorriu, mas deu um passo para trás.

– Sim... Eu já disse que você me faz sentir como um jet lag? Mas um jet lag bom. Sabe, desses que nos pegam sem dó pouco depois de desembarcarmos num fuso horário bem diferente. E nos deixam bagunçados, perdidos, sem noção de tempo, como se estivéssemos só flutuando.

Sean abriu um sorriso, não só por convenção, era de genuína felicidade e os olhos dele brilharam enquanto a olhava.

– Um jeito bem pessoal de dizer exatamente a verdade. Pra mim também.

Beatrice balançou a cabeça.

– Isso é errado, Sean! E se eu nunca mais te ver?

– Você não tem essa opção – ele acabou com aquele passo que ela tinha dado para afastá-los e trouxe-a para ele, demorando no beijo.

Mesmo assim, eles voltaram para o hotel dele. Eles fizeram o caminho de volta no carro que Marcus alugara ao chegar porque essa era a política de segurança, conseguir um carro adequado. Beatrice estava dividida entre continuar junto com Sean até que fosse a hora de

ele pegar o voo ou ir embora logo. Não sabia o que demandaria mais coragem para fazer com um sorriso no rosto.

Ela acabou beijando-a enquanto estavam no carro e depois lhe disse que ia para casa, arrumar sua mala, porque ela voltaria pra D.C. amanhã. Era em momentos como esse que Sean não sabia o que fazer. E ele também não tinha tanto tempo assim. Jogara seu voo para o último horário e num domingo, não era tão tarde quanto ele gostaria. E amanhã, às oito horas, ele tinha seu primeiro compromisso do dia.

– Eu posso ao menos vê-la de novo? – ele perguntou, já que ela ia deixá-lo agora, mais cedo do que ele gostaria.

Beatrice balançou a cabeça, pensando se acreditava nele, mas estava com um leve sorriso pelo fato de ele pensar em perguntar. Isso era muito estranho, ela nunca sabia quando era o fim. Devia ter sido quando ele pediu seu telefone, mas ele ligou. Podia ter sido quando eles ficaram após o café, mas ele ligou de novo. Então com certeza o fim chegou a ser naquela última despedida em frente ao seu trabalho. E o fim durou por duas semanas. Até ele aparecer em Baltimore.

Agora era o fim de novo, não é? Mas até quando?

– Então é assim, você dorme comigo e me larga no mesmo dia? Estou destroçado.

Ele estava sorrindo, porque ela ainda estava lhe lançando aquele olhar divertido e travesso. E Sean não queria nem pensar na possibilidade de acabar. Podia ser novidade para ele querer manter uma relação, mas por mais que ela disfarçasse, ele sabia como era. Conhecia aquele olhar.

– Eu vou estar em D.C. Minhas aulas vão começar – ela disse.

O olhar dele se manteve no rosto dela, sério e calmo. Como se tivesse todo o tempo do mundo para ficar olhando-a assim. E isso a deixava nervosa.

– Não precisa fingir que não está louca pra me ver de novo, Beatrice. Eu também quero muito te encontrar – ele a puxou para perto e Bea bateu no peito dele e se segurou em seus braços. – Você tem a semana toda pra pensar, mas não se engane, eu vou atrás de você.

Capítulo 8

Meu amor é insano e faminto. E seu gosto é bom demais para eu conseguir me saciar.

Sean decidiu que ia dar um tempo para Beatrice, ou seja, os cinco dias úteis até o próximo final de semana porque ele não tinha tempo para enrolação. E precisava vê-la. Ambos só tinham os finais de semana para isso. Se perdessem um, eram mais cinco dias até o próximo.

– Então não foi nada do que você planejou? – perguntou Jared, ajudando Sean com as malas.

– Não – Sean negou com a cabeça. – Eu não planejei nada, você sabe.

Eles entraram antes dos seguranças que levavam outras malas negras e rígidas, cheias de conteúdo que eles precisariam.

– Vai ligar?

Não, Sean não ia ligar, ao menos não durante essa semana. Ele sabia perfeitamente o que queria, mas o que ela queria? O que ele havia dito a ela era verdade, mas ela precisava se decidir se queria ao menos começar.

– Não. Agora não.

– Ah, que pena, eu estava mesmo louco pra te ver de amores pelo telefone. Sabe como é, só acredito vendo – Jared se soltou em seu sofá.

– Eu não sei se gostaria que não fosse verdade – ele se sentou na poltrona e tirou um pen drive da pasta sobre a mesa, jogando-o para Jared.

Sentando-se direito, Jared pegou o pen drive e o conectou ao notebook, ficou uns minutos olhando o que havia ali e soltou o ar, virando o rosto. Não era trabalho, era a outra parte. E havia sido feia. Ele passou as mãos pelo rosto, esfregando e deixando o notebook de lado. Aquilo o fazia lembrar demais de Sean. E do que ele sabia.

– Você gosta dela? – ele insistiu no assunto, querendo acreditar que isso podia ser algo bom para todos eles.

Sean moveu os ombros, mas não chegou a dar de ombros, só apoiou os cotovelos sobre os joelhos e ficou naquela posição, olhando o chão.

– Espanta os meus demônios – ele disse baixo e acabou completando. – Ela os espanta – dessa vez ele deu de ombros, porque não sabia o motivo. – E é viciante. Se eu passar muito tempo com ela, sem eles, sem barreiras, sem meus malditos pensamentos e as memórias... Eu vou acabar gostando mais do que deveria.

Jared ficou em silêncio, só o observando e sem saber o que lhe dizer. Era a primeira vez que Sean lhe dizia algo assim.

Na quinta-feira, quando Sean retornou ao seu escritório, Rico entrou junto com ele, falando pelos cotovelos e enumerando uma lista enorme de tarefas.

– E chegou isso – ele colocou cinco embrulhos em cima da mesa, assim como uma pilha de correspondência.

Sean olhou para tudo, mas os ignorou e puxou a cadeira.

– Como me mandou abrir as coisas e me livrar de tudo que não importasse – continuou Rico. – Essa é sua correspondência pessoal. E esses quatro embrulhos são amostras do pessoal do marketing, são dos nossos produtos. E essa é daquela moça de D.C. Aquela que você fugiu do almoço no sábado pra ver... – ele indicou o pacote menor e achatado.

Rico se sentia na obrigação de especificar, porque de acordo com sua experiência prévia, só dizer “aquela moça” não ia trazer a lembrança à mente de Sean. Mas ele ainda não sabia em que pé estavam as coisas.

– Não sabia se devia me livrar... – continuou Rico com sua tagarelice.

Sean esticou o braço e pegou o pacote, abriu e tirou de dentro um CD, duas fotos impressas e um bilhete. As fotos eram aquelas tiradas no pier. O álbum era o Mind, Body & Soul da Joss Stone. E tinha um post it colado nele que dizia: *Decidi que essa é a trilha sonora adequada. Ps: A música dois se chama “Jet Lag”. Escute.*

E o bilhete dizia:

Não consigo mais fingir, pensei em você o tempo todo. E estarei livre esse final de semana. Me ligue quando chegar.

Beatrice.

Nos três meses seguintes, Sean foi a D.C. nos finais de semana em que estava no país e que Beatrice estaria disponível. E foi a Baltimore mais duas vezes. Eles continuavam indefinidos, só respondendo a vontade de se ver, algo que não cedia e nem diminuía. Não estavam escondendo nada de ninguém, quando precisavam tocar no assunto, sempre diziam “estou com alguém”. E torciam para que a outra parte no relacionamento também estivesse dizendo isso por aí.

Beatrice não queria ser a primeira a forçar uma definição, um relacionamento ou simplesmente taxá-los. Até porque, secretamente, ela achava que era temporário. Era um relacionamento à distância, com o cara mais ocupado que ela já ouvira falar na vida. Talvez no próximo final de semana ele não fosse ligar ou aparecer. E o que ela faria com seu coração quebrado se já estivesse completamente apegada a ele e achando que eram namorados e viveriam felizes por anos?

E quem ela estava tentando enganar? Já estava completamente apegada a ele. Então para que piorar a situação?

Não era possível ficar adivinhando o que se passava pela mente de Sean. Isso era a maior perda de tempo da face da Terra. E todo mundo caía na furada de tentar adivinhar o que seu parceiro estava pensando. Sean achava que era complicado. Ele era o tipo de cara que acreditava que quando alguém queria uma coisa, ia atrás. Isso era praticamente filosofia de vida na sua família, ao menos em relação aos negócios, mas acabava se estendendo para tudo. E ele estava indo atrás dela. Claro que só porque estava sendo correspondido. Mesmo assim, por mais que todo mundo goste de dizer essas frases de para-choque de caminhão sobre fazer seu próprio tempo e “quem quer arranja tempo”. Talvez essas pessoas não tivessem a agenda dele.

Quando Sean dizia que estava ocupado, não era porque ia trabalhar o dia inteiro e ter uma folguinha no almoço. Ele não conseguia respirar. Dormir era algo que ele tinha seis horas para fazer porque ou apagava ou morria. Tudo na sua vida acontecia rápido demais. O GW estava indo rápido demais, seu novo cargo estava indo rápido demais, seus

dramas familiares estavam rápidos demais e agora ele estava indo rápido demais com uma mulher.

Seus sentimentos estavam não só indo mais rápido do que ele podia lidar, mas também estavam embaralhados. Ele devia continuar com isso? Tinha futuro? Cabia na sua agenda? Valia a pena? Beatrice valia a pena, ele a queria. Mas ela estava disposta a entrar no mundo dele? Ia conseguir acompanhá-lo e suportar toda a merda que viria junto?

E o mais importante, ele podia mantê-la, apesar da vida secundária que levava? Porque não bastava estar ocupado demais sendo o novo presidente do GW. Sean vinha com um pano de fundo, negro e sombrio. E essa parte de sua vida não aceitava companheiras. Ele não entendia nada de relacionamentos, mas até onde ouvira dizer, mantê-los cheios de segredos costumava estragar tudo.

Se havia algo que Sean tinha na vida, eram segredos. E não estamos falando de segredos empresariais do GW.

– Eu acho que posso – disse Beatrice ao telefone.

Às vezes ele até parecia ser um robô, talvez fosse movido a energético, era coisa demais para fazer num dia, todos os dias, toda semana, todos os meses. Segundo sua família e sua tia, que tinha deixado o cargo que ele ocupava agora; depois do primeiro ano, melhorava. E o GW estava num momento de reestruturação, assim que passasse, melhoraria.

Péssimo momento para entrar num relacionamento, não é?

Especialmente um relacionamento com uma garota que definitivamente não era o tipo que concordava fácil, tampouco parecia uma boneca fácil de manipular. E que estava ocupada numa faculdade que ficava em outro Estado e sua casa também era em outro Estado. Não se engane, se ela fosse fácil e manipulável ele já não estaria com ela, mas fazia parte da lista de dificuldades. Isso e o fato de que ela era muito desconfiada, cautelosa demais com sentimentos para uma mulher tão jovem. Sean sentia que ela ainda não colocava segurança neles.

E ele podia culpá-la?

– Na sexta-feira à noite? – ele perguntou, no intervalo de suas garfadas.

– Sim, eu saio da aula, pego minha mala e o voo.

Na verdade a contagem já estava em três meses e meio. E ele não podia negar que era cansativo, porque quando podia descansar, acabava viajando de novo, para vê-la. Mas ele podia fazer o que quisesse, ela não. Agora Beatrice tinha novas funções no estágio, mais condizentes com alguém prestes a entrar no último ano. Mas isto às vezes ocupava seus finais de semana. E ela precisava fazer seus trabalhos da faculdade. Por isso, ele se dispunha a viajar.

– Eu vou mandar alguém buscá-la – ele disse.

– Não precisa.

– Tudo bem, posso mandar assim mesmo?

– Ok.

Ela tentava não complicar muito. E ele já estava estendendo suas garras sobre segurança pessoal para cima dela e nem haviam assumido um namoro. Ao menos não para eles mesmos, porque os outros que se danassem.

No dia seguinte, antes do almoço, porque Rico era rápido e começava cedo, ela tinha voo marcado e sabia onde o carro a estaria esperando. Era a primeira vez que ela ia a Nova York encontrá-lo e estava um pouco nervosa com isso. Era como se agora ela fosse realmente ser obrigada a entrar no território dele e isso soava como se as coisas fossem ficar irrevogavelmente sérias.

Na sexta-feira, ele entrou em casa e a empregada tinha arrumado tudo, estava brilhando. Para falar a verdade, seu apartamento de solteiro não era o que alguém esperaria do Ward no comando do GW. Não era opulento e nem enorme, mas suficiente. Tinha duas suítes, um escritório, uma sala de estar contígua a de jantar, uma cozinha moderna, lavanderia, um hall e terraços. Era normal para os padrões de apartamentos luxuosos de Nova York. E agora ele estava morando longe de seu usual círculo no Upper East e West. Estava escondido na Tribeca num prédio de tijolos vermelhos, com sete andares e uma boutique na frente do térreo.

O apartamento já vinha decorado por um designer famoso que Sean já não lembrava o nome, mas o cara era bom com espaços modernos e práticos, que era o que Sean precisava. E antes ele não conhecia uma futura designer de interiores. Desde que Beatrice entrara em sua vida, ele passara a se interessar muito mais pelo assunto. Até via revistas

sobre isso enquanto estava sentado no avião. Pensando bem, talvez ela achasse seu apartamento claro, cheio de tons de areia, sóbrio e sem muitos itens de decoração, um tanto sem graça. Pelo menos estava limpo e arrumado, não é?

A campainha tocou e Sean saiu correndo do banheiro, agarrou uma camiseta e vestiu-a enquanto saía para o corredor e abotoava a calça. Ele gostaria de ter ido pegá-la no aeroporto, mas não dava tempo, então foi para casa tomar banho e guardar as compras que encomendara. E pelo jeito o trânsito do La Guardia até a Tribeca estava melhor do que esperava.

– Hey – ele disse, ao escancarar a porta.

– Por onde você andou, Sean? – perguntou a mulher.

Ele franziu o cenho e continuou segurando a porta, havia aberto pronto para ser abraçado por Beatrice e estava rezando para ser um engano, mas não era. Não era, “a mulher”, era Alva. Ele havia dormido com ela umas vezes, bem esporadicamente. Ela era mais uma de suas conhecidas que moravam no Upper East. Nesses momentos ele lembrava porque tinha arranjado um apartamento na Tribeca.

– Eu estava bem aqui – ele disse.

– Não estava, faz tempo que te encontrar no fim de semana está impossível. O GW está tão terrível que você trabalha até nos finais de semana?

– Na verdade está – ele disse e quis olhar o relógio, mas lembrou que tinha acabado de sair do banho e estava sem um. – Eu disse que ligaria pra um de vocês quando tivesse tempo.

Alva ficou olhando para ele e teve vontade de cruzar os braços e fazer cara de mágoa, mas isso não funcionava com Sean. Por isso aquela espécie de companheirismo com benefícios pôde acontecer.

– Sim, mas faz quase quatro meses que você sumiu. Não sou a única que notou. Até a Ruth com quem você sempre fala, disse que você não aparece lá na festa de sábado há meses.

Talvez ele falasse mais com a Ruth porque ela não tinha interesse nele.

– Eu realmente tenho andado ocupado – ele passou a mão pelo cabelo. – E cansado.

E usando três finais de semana do mês para ir ver a mulher com quem ele estava agora. No final de semana que restava, ele viajava para cumprir seus compromissos. E quando Beatrice não podia vê-lo, Sean simplesmente dormia, porque só Deus sabia que ele precisava.

– E nem vai me convidar pra entrar, não é? Também não vai querer ir jantar comigo e uns amigos.

– Eu tenho um compromisso.

Alva desceu o olhar pela camiseta que para azar dela não deixava nada pra imaginar, pelo jeans e seus pés descalços, depois olhou seu cabelo úmido e despenteado. Ele não parecia nada com alguém que ia ter um “compromisso”. Era uma pena que quisesse dispensá-la, só de olhar para ele, já lembrava que fazia meses que não se pegavam. Os encontros que teve com ele foram inesquecíveis e ela gostava de fantasiar que iam ter futuro. Eles só transaram, sem compromisso e como Sean a conhecia há anos, ao invés de se livrar dela rapidinho como fazia com as outras, ele não se importava que ela ficasse por perto e depois fosse embora.

Ela já havia tido que convencê-lo outras vezes, ele se deixava seduzir, dormia com ela e seguiam sua vida. Mas dessa vez ele sumiu da face da Terra. Não podia ser só o seu trabalho.

O elevador abriu a porta e ele praticamente dava no hall do apartamento. Beatrice saiu de lá, com sua bolsa de ombro e uma pequena mala de rodinhas, ela viu Sean com a porta aberta, conversando com uma loira toda arrumada como se estivesse a caminho de uma farra de sexta à noite.

Sem saber o que acontecia, Bea foi até lá e acabou dando um sorriso como cumprimento para ambos. Alva só ficou olhando para ela, esperando que tudo acontecesse, até que um avião caísse sobre o prédio agora, menos que Sean se aproximasse, pegasse a mala que ela puxava e empurrasse para dentro. Mas o prédio tinha só dois apartamentos por andar, a garota não podia estar ali por engano, não é?

Depois de passar pelo espaço ao lado de Alva, Beatrice encostou-se lentamente a Sean e lhe ofereceu um sorriso leve, como se lhe dissesse “oi”. E ele passou o braço em volta dos ombros dela e devolveu o sorriso.

– Belo compromisso, Sean – disse Alva, antes de se virar e aproveitar o elevador que ainda estava no andar.

Ele só prensou os dentes por um momento e fechou a porta. Beatrice levantou a cabeça e olhou-o de forma indagadora.

– Ela é uma conhecida – ele disse.

– Acho que ela não gostou muito de mim – respondeu Bea.

– É... eu dormi com ela umas vezes, antes de te conhecer.

Beatrice levantou a sobrancelha como se ele fosse precisar elaborar aquilo.

– E eu desapareci porque agora passo boa parte do meu tempo livre em D.C.

– Isso não foi uma boa despedida... – ela comentou, mas estava pouco se lixando pra fulana.

É, não foi mesmo. Sean balançou a cabeça como se isso não importasse, abraçou-a bem apertado e a beijou. Já fazia uma semana desde que a beijara pela última vez, a saudade que sentia também vinha evoluindo rápido demais.

– Desde quando você tem tempo livre? Pensei que agora eu fizesse parte da agenda.

– Nem pensar, você é só minha. Não vou cedê-la nem pra minha agenda.

Ele a levantou e Bea passou as pernas em volta da sua cintura, depois se divertiu penteando seu cabelo com os dedos enquanto Sean a levava pelo corredor até a sala, onde a colocou no chão.

– Bem, é aqui que eu moro.

– É legal, Sean – ela deixou a bolsa na poltrona, avançou e deu uma olhada em seu enorme sofá cor de areia. – Espaçoso e claro. Sabe, eu até esperei algo meio sombrio...

– Por quê?

Ela moveu o ombro e seguiu sua exploração para a mesinha de centro de ferro e vidro onde havia um grande vaso negro com uma planta de folhas bem verdes que havia dado duas flores compridas de cor violeta.

– Você tem... alguma coisa, não sei bem. Me faz pensar em algo com um toque sombrio, mesmo que seja sutil como esse vaso completamente negro abrigando uma planta de flor colorida.

– Eu escolhi isso pra você – ele disse, enquanto ia até a janela e encostava ali.

– Eu gostei, é exatamente algo que você escolheria.

Sean só assentiu e cruzou os braços enquanto a observava em seu apartamento, finalmente invadindo sua intimidade e olhando todos os detalhes. Ela com certeza já sabia que não havia sido ele quem escolhera todos os móveis e cores e era observadora o suficiente para enxergar o que havia sido ele. Como o vaso e a estátua negra no canto, os quadros espelhados e quase incompreensíveis. Olhando bem, Sean notou pela primeira vez que seus quadros eram um tanto sombrios, por mais que a moldura deles fosse branca e moderna.

– E você acha que esse meu algo sombrio vai mantê-la afastada de mim ou impedi-la de se aproximar? – ele perguntou, tentando soar só interessado para ela não saber que estava tocando na verdade. Ele, seu passado e seus segredos eram sombrios e o melhor seria que ela preferisse se afastar.

Beatrice se virou de onde estava, lá perto da mesa de jantar que tinha cadeiras de um lado e um estofado cinza que pegava todo aquele espaço da parede e para o seu lado direito ficava a cozinha, comprida e repleta de aparelhos e armários de madeira do chão ao teto. Ela ainda pareceu estar ocupada demais observando a cozinha enquanto o deixava em agonia com seus pensamentos e ela nem sabia disso.

– Não seja bobo, Sean! – ela riu e foi até ele, jogando-se nos seus braços e ainda rindo da cara que ele fazia, aquela super séria. – O último lugar aonde eu viria seria a sua casa!

Ele deu um sorriso aliviado e a pegou no colo, dessa vez por baixo de suas pernas, levou-a de volta para o corredor e entrou no quarto dele.

– Espero que goste dele, porque é aqui que vai passar boa parte do seu final de semana – ele avisou.

Sean a beijou nos lábios e no rosto. Beatrice abraçou o pescoço dele e lhe deu incentivo em sua exploração.

– Sabe o que eu quero ver agora, seu banheiro.

– Sério?

– Diz que não é cinza! Eu fui obrigada a fazer uns banheiros e agora estou cismada.

– Nem tem nada cinza.

Ele a levou ao banheiro, mas tinha de passar por dentro do pequeno espaço de vestir do closet para entrar nele.

– Adorei – ela andou até o final onde ficava o enorme Box de banho, revestido por vidro esverdeado. – Grande o suficiente pra um cara como você.

– O melhor é que dá pra dois – ele completou.

Beatrice voltou a se virar para ele.

– Você está tão educadinho e comportado hoje.

– É sua primeira vez aqui, eu quero muito que você volte outras vezes e sem pensar que eu vou só arrancar sua roupa no minuto que passar por aquela porta.

– Ah, Sean. Você é tão atencioso, eu não penso isso de você – ela até revirou os olhos e sorriu, caçoando dele. – Mesmo que arranque minha roupa todas as vezes que eu cometo a sandice de ir ao seu quarto de hotel. Assim que passamos pela porta, claro.

– E como você não vai ao meu quarto no hotel tanto quanto eu gostaria, pensei em... esperar. E provar minha boa fé – ele lhe deu um sorriso sacana.

Ela inclinou a cabeça e riu dele, depois o surpreendeu ao começar a abrir os botões da blusa.

– Eu quero um banho, você se importa?

– Não, eu...

– Já tomou banho, eu notei – ela se livrou da blusa e chutou os sapatos, abriu a calça e a desceu lentamente.

Os punhos de Sean estavam apertados e ele continuava no mesmo lugar, mas daí a desviar o olhar já era pedir demais. Sair do banheiro e deixá-la sozinha? Ele estava grudado no chão. Ele nunca precisara bancar o cavalheiro comedido até começar a sair com Beatrice.

– Sim – ele disse. – Um banho corrido.

Depois de deixar a calça de lado, Bea prendeu o cabelo no alto da cabeça e andou pelo banheiro em seu conjunto de calcinha e sutiã azul como doces de tutti frutti. Não é nem preciso citar o que Sean estava achando dessa cor.

– Eu adorei esses quadradinhos verdes na banheira e dentro do chuveiro. Você com certeza não escolheria algo assim.

– Não ligo.

– Sei disso. Que cor você preferiria?

– No momento, eu quero tudo azul.

Ela sorriu e colocou as mãos para trás, Sean sabia que ia abrir o sutiã.

– Vou tomar banho, tive que pegar a mala e ir direto para o aeroporto. Você pode ficar aí, ou... ir sentar lá naquela espreguiçadeira em frente à cama. Eu a adorei, parece ser super confortável.

Ele ia fodê-la em cima daquela droga de espreguiçadeira, ah, ia.

– Se você for pra banheira, eu fico aqui.

– Aí onde você está?

– Onde você quiser.

– Bem aí, quero só ver.

Ela olhou a banheira e mordeu o cantinho do lábio enquanto ainda segurava o sutiã. Três meses com Sean e ela estava muito mais provocativa do que jamais havia sido, ele evocava isso nela. Também lhe dava mais autoconfiança e fazia com que se sentisse muito sexy, especialmente quando ele estava olhando para ela daquele jeito. Ele mal piscava, como se só conseguisse enxergá-la e dependesse disso. O desejo dele era tão explícito que não havia como se enganar sobre ele querê-la ou não. Mesmo assim, ficar nua bem ali no meio do banheiro e entrar na banheira em frente a ele era uma nova barreira que ela teria de eliminar em suas inibições.

– Pode ficar encostado na bancada.

Ela foi até a banheira, abriu a água e tampou o fundo.

– Você não costuma ter tempo pra banho de espuma, não é? – ela perguntou.

– Não consigo nem lembrar quando tomei um.

– E você tem sais aí?

– Adoram me dar coisas que não uso.

– Devem te dar muitas coisas.

– Mais do que preciso, mas eu sei o que eu quero – ele abaixou e abriu as portas das bancadas de madeira e não achou o que queria. – Claro, coloquei no quarto de hóspedes pra ver se alguém usa.

Beatrice não pareceu se abalar nada com isso, ela sentou na beira da banheira e cruzou as pernas.

– Vai pegar – ela sugeriu.

Assim que ficou sozinha, Bea pulou de pé e olhou para baixo, imaginando se cruzar as pernas fazia pneuzinhos aparecerem. Grande coisa, ela quem ficara de calcinha e sutiã. Até parece que ele já não

havia arrancado sua roupa antes e a colocado em posições que fariam até pneuzinhos inexistentes aparecerem e Sean não estava nem um pouco preocupado. Além disso, ela havia perdido um quilo. Yay, para ela!

– Aqui – ele disse ao voltar com um vidro fechado.

A única coisa que ela fez foi ficar olhando para ele e depois dar uma olhadinha na banheira. Sean entendeu, abriu o vidro e colocou o que ele achava que não transformaria a casa numa fábrica de espuma.

– Pouco, é só um banho, não uma festa – ela sorriu.

Com ela sorrindo e a ponto de entrar no banho, ele não ia cumprir o que prometeu.

– Pare de sorrir pra mim, Bea. Vou acabar mudando de ideia.

– Amanhã eu te convido.

Ela tirou o sutiã e botou para o lado, tirou a calcinha e colocou junto. Sean estava até meditando. O desejo que ele sentia de tocá-la não podia ser normal. Mulheres sem roupa na sua frente não era nenhuma novidade, mas a forma como ele a queria, era.

– Eu fiquei feliz de você ter vindo na sexta – ele apoiava as mãos na bancada, segurando ali para ficar parado.

– Eu também – ela sorriu e esfregou o pescoço delicadamente, pendendo a cabeça e o fazendo desejar estar com a boca ali.

Ela não demorou no banho, mas aproveitou a água morna e nem se surpreendeu quando ele a esperou com a toalha aberta e a envolveu nela.

– Eu preciso participar de alguma parte, você não acha? – ele perguntou.

– Não vou ficar pingando por aí – ela apertou a toalha.

Como se Sean estivesse ligando que ela deixasse pegadas molhadas pelo apartamento inteiro. Para respondê-la, ele pegou-a no colo e levou para o quarto.

– Você está me carregando demais hoje.

– Eu gosto, me deixa mais perto de você.

Ele a colocou sobre o tapete que cobria a maior parte do quarto, inclusive o espaço sob a cama e a espreguiçadeira. A toalha felpuda foi retirada e Sean se ocupou em secá-la, tomando seu tempo para isso.

– Com frio? – ele perguntou ao se levantar e secar sua cintura e depois os seus seios com delicadeza e carinho.

Os mamilos dela estavam rijos e ele passou a toalha macia sobre eles como se estivessem sensíveis e precisassem ser muito bem tratados. Até ao secar seus ombros, ele continuou fazendo-o com calma e observando cada parte.

– Não... – ela estava torcendo para não corar logo agora e isso porque achava que a parte difícil já havia passado.

Antes de voltar ele deixou a toalha em volta dela, pegou seu roupão e trouxe, ajudou-a a vesti-lo e sentar-se na espreguiçadeira branca e macia. O formato do móvel era moderno como um C aberto e anatômico.

– Eu acho que vai ser muito divertido passar o final de semana inteiro com você aqui em Nova York – ela disse, quando ele se ajoelhou e secou seus pés e pernas.

– Eu tenho certeza que vai.

– E ver o que você faz no seu tempo livre quando está em casa.

Ele secou suas coxas e colocou os pés dela sobre a espreguiçadeira, deixando seus joelhos dobrados e afastados. Beatrice sentiu-se completamente exposta nessa posição, muito mais do que quando tirou a roupa no banheiro, mas o olhar dele era tão quente e desejoso que era tudo que precisava como incentivo.

– Vai ser um problema – ele beijou sua perna e foi subindo, beijou a parte interna do seu joelho, o que a arrepiou. Sean sorriu e beijou o outro joelho, deslizou o nariz por ela, sentindo o cheiro de sua pele misturado ao perfume que seu banho deixara.

– Por quê? – ela perguntou baixo, afetada pelos toques dele.

Sean afastou mais as coxas dela e Bea chegou a morder o lábio enquanto um sorriso aparecia no canto da boca dele que estava adorando o que via. A mão dele deixou sua coxa e acariciou seu ventre, parando ali e o cobrindo. Ele estava olhando bem para ela quando a tocou, porque queria ver e hoje ela estava disposta a deixá-lo fazer isso.

– Esse final de semana você é minha única ocupação.

Ele passou o polegar pela língua e tocou o clitóris dela, moveu-o circularmente e devagar, excitando o corpo dela sem pressa enquanto ainda sugava e beijava a pele de suas coxas.

– Sem celular e tudo? – ela soltou o ar longamente, deixando-o escapar com um gemido baixo e suas coxas penderam ainda mais para o lado, abrindo-a totalmente para o olhar dele.

O olhar que ele lhe deu foi cheio de significado e Sean substituiu seu dedo pela língua, lambendo aquele ponto excitado antes de chupá-lo. Ele soltou um grunhido de satisfação pouco depois de seus lábios se fecharem em volta do clitóris inchado de desejo e ele conseguiu sentir seu gosto.

Enquanto se deleitava a chupando, ele fechou os olhos por um momento, aproveitando a sensação que lhe causava e os sons que Beatrice emitia. Ela chegou a se mover contra a boca dele e acabou segurando nos próprios joelhos porque a sensação era boa demais para conseguir ficar quieta.

Quando tirou a boca do clitóris dela, Sean voltou a tocá-la com o polegar e passou a língua pela entrada úmida do seu sexo. Ele a penetrou com a língua e sentiu seus músculos se retesando. Sean sorriu e voltou a chupá-la, colocando dois dedos dentro dela para acariciar aquelas terminações nervosas atrás de onde ele estava com a boca e onde diziam ser o ponto certo. Ele só sabia que a levava à loucura. Desde a primeira vez deles que estava viciado, adorava fazê-la gozar assim.

Beatrice gemeu mais alto e gozou tão gostoso na boca dele que Sean grunhiu em resposta e tirou a boca com um som de sucção antes de acariciá-la com a língua para acompanhá-la no seu orgasmo. Ela o olhou por olhos entrecerrados e Sean a observou, seus olhos ficavam absolutamente lindos depois que ela gozava, ele achava que era o momento mais dourado e límpido.

– Isso foi delicioso, Bea – ele se inclinou sobre ela e a beijou. – Sabe o que me deixa mais louco? Quando você confia em mim desse jeito.

Sem esperar, ela agarrou a camiseta dele e puxou para cima, ajudando-o a arrancá-la pela cabeça, depois abriu seu jeans e o desceu para ele. Sean a levantou e Bea se abraçou ao pescoço dele, grudando seus corpos enquanto ele invertia as posições e sentava com ela no colo.

– Sabe o que me deixa mais louca? Você. – ela passou as mãos pelos ombros dele, pelo seu peito e seus braços e se esfregou contra ele. –

Tudo sobre você me deixa tão louca que faço um bando de coisas inexplicáveis.

– Inexplicáveis e erradas? São as melhores – ele apertou o quadril dela, podia senti-la se movendo sobre ele, como se tentasse encaixar.

– Muito erradas – ela se moveu sobre ele, sentindo a cabeça do seu pau ir ao lugar certo o que a fez se mover mais e arrancar um gemido dele. – Droga, Sean. Faz amor comigo.

– Não pede isso, Bea – ele a ajeitou em cima dele.

– Não?

– Não! Eu perco a noção.

Antes que eles parassem de pensar, ele levantou e caiu na cama com ela e Beatrice riu, divertindo-se com a mudança brusca. Sean conseguiu pegar a camisinha na gaveta do criado mudo e colocá-la em tempo recorde.

– Aquela coisa é só pra você, nós dois íamos cair – ele referia-se à sua espreguiçadeira moderna.

– Ainda vamos experimentá-la.

– Puta merda, Bea – ela estava mesmo querendo enlouquecê-lo hoje.

Ela soltou um grito de prazer quando ele ficou dentro dela e imediatamente moveu o quadril, querendo mais da sensação. Bea estava deitada, com as costas na cama e as pernas no ar como ele a colocara, mas Sean estava com um joelho no colchão e o outro pé no chão e segurando suas pernas juntas no ar para penetrá-la. Ele as apoiou no ombro direito e colocou as mãos no colchão, movendo o quadril ritmadamente e usando seu apoio no chão para manter a força das estocadas.

As pernas dela foram mantidas juntas para ela sentir bem a penetração e ele continuou levando-a no ritmo perfeito até ela gozar. Beatrice soltou uma das pernas, as afastando e o puxando para mais perto.

– Mais, Sean – ela pediu, porque já sabia como deixá-lo doido. Pedir por mais dele sempre costumava fazer efeito, porque ele sempre lhe dava e gozava junto.

Ele segurou suas duas pernas, dobradas e afastadas, com aqueles bíceps fortes prendendo cada uma e as mãos dele enterradas em sua

pele. Aquelas marcas iam ficar, mas ela não estava pensando nisso. Ela adorava fazê-lo se concentrar no próprio orgasmo e Sean acabava com ela.

Beatrice se arqueou na cama e do jeito que ele a prendera, ela não podia sair do lugar, ele chegara a levantar seu quadril da cama. A sensação de estar dominada pelo corpo dele e ao mesmo tempo à beira do orgasmo era mais do que ela podia aguentar. Ele estava penetrando-a até o fundo, indo no lugar certo, sem parar e a expressão dele, os arquejos e os gemidos enquanto a fodia daquele jeito, eram brutais. E se transformaram em libertação quando ele jogou a cabeça para trás e soltou um gemido alto, gutural e repleto de prazer, enquanto gozava, mantendo-se todo dentro dela.

Sean só soltou as pernas dela quando a sentiu parar os espasmos do orgasmo em volta do seu pau. Beatrice piscou algumas vezes, porque por um tempo foi tudo que conseguiu fazer. E ela mal sentia as pernas agora, ainda bem que ele as esticou. Sean desabou sobre ela, abraçando-a e enfiando o rosto na dobra do seu pescoço, beijando-a ali e apertando-a em seus braços. Ele deixou seu corpo descansar sobre o dela, que o abraçou e se aconchegou, suspirando e sentindo-se confortada pelo peso daquele corpo grande e forte sobre ela. Sean virou um pouco para não esmagá-la.

– Você acaba com minhas resoluções, Bea. Eu tentei não jogá-la na cama, mas eu não resisto – ele passou a mão pelo cabelo dela e se aproximou, beijando-a carinhosamente pelo pescoço, mandíbula e rosto.

– Estou confusa, isso foi antes ou depois de você me por na espreguiçadeira? – ela só ficou sorrindo e deitou a cabeça para ele ter mais espaço.

– Quando você abriu os botões da blusa lá no banheiro.

– Por que isso não me surpreende?

Sean deu uma risada e a soltou, sentando-se na cama.

– Vou pedir comida do Zabar's, é decente – ele avisou.

– Faminto ainda, bonitão? – ela brincou e puxou o roupão que tinha caído na cama junto com eles.

– Tenho que alimentá-la com algo decente.

– Acho bom.

- Você foi muito mal acostumada por esse pai chef de cozinha.
- Claro que fui!

Capítulo 9

Só faço acordos em que eu ganho. Agora você é minha, o jogo acabou. Aproveite o seu prêmio, eu vou aproveitar o meu ao máximo.

Na manhã seguinte, havia acabado de dar nove horas e Sean acordou para o melhor bom dia existente: sexo matinal. Às dez horas da manhã, ela já havia empurrado-o de cima dela e ele quem terminou de costas na cama, com os braços abertos, se agarrando ao lençol e tendo seu último orgasmo de bom dia.

Dessa vez ela não estava só provocando-o. Mantinha uma mão apoiada na coxa dele e segurava a base do seu pau com a outra mão. Ele via sua cabeça subir e descer no ritmo perfeito e ela movia a mão enquanto tentava que ele coubesse um pouco mais em sua boca. Ela o tirou da boca e passou a língua pelo membro grosso, acompanhando uma veia sobre toda a extensão latejante até abocanhar a ponta e achar um ritmo para chupá-lo até ele gozar.

Beatrice levantou a cabeça e o olhou, admirando a beleza do êxtase dele. Ela abriu um sorriso e se esticou ao seu lado, aninhando-se ao seu corpo. Ela estava cada vez melhor com aquela boca provocadora.

– Depois que eu me recuperar da sua disposição matinal, vou lhe fazer o café – ele disse, ainda com aquela voz rouca de sexo, de quem usara bem a garganta para gemidos prazerosos.

– Minha disposição? Mas foi você que uma vez disse que é o melhor jeito de acordar e que num fim de semana é essencial. Hoje é sábado...

– Adoro quando você cita minhas frases – ele riu, porque ela sempre as usava em favor próprio.

Ela ficou com um sorriso satisfeito e puxou as cobertas, encolhendo-se junto ao corpo dele.

– Você quis dizer que vai me comprar o café, não é?

– Não, vou fazer. Comprei umas coisas.

– Você? – ela deu uma risada de pura gozação.
– Ok, eu pedi pra encomendarem do mercado pra mim.
– Sua secretária?
– Estella é ótima. Ela sabe absolutamente tudo sobre um bando de coisas que não faço ideia. Nem precisei fazer uma lista; disse que queria fazer o café da manhã pra minha... – ele pausou no meio da frase e franziu o cenho.

Beatrice abriu os olhos depois que ele permaneceu tempo demais em silêncio e quando ela levantou a cabeça, o pegou com o olhar na parede oposta à cama.

– Vai fazer panquecas? – ela perguntou.
Sean virou a cabeça e a olhou.
– Você vai vir aqui outras vezes, Beatrice?
– Eu acho que sim. Eu quero... – ela franziu o cenho, estranhando a pergunta.

Ele soltou o ar e colocou as mãos atrás da cabeça, apoiando-as sobre o travesseiro.

– Sabe a mulher que estava aqui na porta ontem?
– A loira toda empetecada?
– Eu disse que tinha um compromisso. Por isso ela falou aquilo quando saiu. Ela achou que eu estava mentindo. Eu poderia dizer que ia ficar com a minha namorada, ela provavelmente não ia acreditar em algo assim vindo de mim, mas dane-se, eu saberia que era verdade – ele voltou a olhá-la. – Mas ainda seria uma enganação – ele pausou, pensando se deveria entrar no assunto, mas decidiu que sim. – O que eu sou pra você, Bea?

Beatrice ficou de bruços na cama e se apoiou nos cotovelos para vê-lo.

– Você é meu... Eu não achei que você quisesse nos taxar. Pensei que tentar definir um nome pra o que estávamos fazendo ia... sei lá. Estragar. E eu só queria ficar com você, então não me importava de ficar mais um tempo junto e sem... pensar além.

Como ele só voltou a olhar para frente daquele jeito pensativo e sério, Beatrice achou que devia dizer mais alguma coisa.

– Sério, Sean. Você não pareceu o tipo de cara que queria ser taxado.

– Verdade... – ele disse baixo. – Na verdade, era bem isso. Mas quando as garotas duravam uma noite, cinco noites, no máximo. Estou há três meses e meio correndo atrás de você, literalmente. De um Estado pro outro. Acho que você se esqueceu de pesar meus sentimentos. Você resolveu ficar comigo um tempo sem pensar além e agora que já se passaram uns meses, nós fazemos o quê?

– Continuamos juntos.

Ele assentiu.

– Ok, é bem isso – ele se sentou. – Vou fazer o café.

Beatrice o observou empurrar as cobertas e se afastar até a beira da cama e colocar o boxer. Aquilo não parecia ter sido muito bem discutido, parecia?

– Sean...

Ao ouvi-la chamar, ele parou de costas, mas acabou se virando e olhando para cama. Beatrice prendeu o lençol sobre os braços e andou de joelhos sobre o colchão até ficar perto dele.

– Eu quero muito continuar com você. Eu não estava planejando ficar com ninguém nem agora e nem tão cedo, mas aí, você apareceu e mudou tudo. E eu acho que é novo pra você também. Nós temos dado uns tropeços, mas... Está indo – ela disse, só olhando para ele.

Sean não achava que estava só indo. Ele não estava acostumado com essas situações e nem queria que fosse indefinido. Era novidade mesmo, ele queria ter certeza de que eles estavam juntos. Precisava disso, era horrível seguir a semana imaginando não só o que ela estava fazendo, se estava bem e se estava pensando em vê-lo em algum momento. E com o que ele já conhecia de Beatrice, ela estava se forçando a ficar bem com essa situação também.

– Você está me fazendo viver de incertezas, Beatrice. Eu já fui a Baltimore umas três vezes e a D.C. sei lá quantas... – ele deu de ombros. – Minha vida não funciona bem assim. Às vezes eu olho pro telefone e não penso se eu devo te ligar, eu penso se eu posso. Porque quem vai saber? Vai que você enjoou, cansou, não quer mais. São como encontros marcados em finais de semana por pessoas sem nenhum compromisso. E um encontro não depende do outro, vai da disposição de cada um. No meu caso, da sua disposição, humor ou seja lá o que eu esteja imaginando no dia que ligo, torcendo que você queira me ver.

– Você tem muito mais compromissos do que eu, Sean. Eu ligo pra saber como você está e torço pra você dizer que pode me ver. Eu também fico lá imaginando se vamos continuar ou se você vai finalmente cansar de ter que ir a D.C me ver.

– Até quando você vai me deixar em banho-maria pra usar ao seu bel prazer em finais de semana e feriados? – ele chegou mais perto e colocou as mãos na cintura dela, ignorando deliberadamente esse negócio de cansar.

– Você é o único cara que eu quero. Eu sofro de saudade crônica nos fins de semana em que não ficamos juntos.

– Certo, então que tal ficar só comigo?

– Você por acaso acha que vejo mais alguém?

– Não foi isso que eu quis dizer. Eu também não fico com mais ninguém desde que saí com você. Esse é o ponto. Por quê? Eu acho que pessoas só se submetem a algo assim se estiverem juntas, não é? Juntas de verdade, como eu acho que estamos.

Ela olhou para o lado.

– Às vezes eu penso se... não tem outra pessoa perto de você durante a semana. Uma mulher com a vida mais bem resolvida e... bem, com uma proposta melhor. Eu sei que é complicado.

– E o que me impede de ficar aqui, a semana toda, imaginando uns quinhentos universitários que moram bem perto de você, oferecendo algo mais condizente com o seu momento? Eu fico enlouquecido com isso. Nós estamos no mesmo barco aqui. Nem pense que é diferente.

Ela pensava que era diferente sim, mas agora isso não importava se ambos queriam a mesma coisa um do outro.

– Quer ficar comigo? Só comigo?

– Eu já estou só com você, Beatrice. Quero saber se você está pronta pra assumir que é parte da minha vida. E que nós temos um compromisso. Um com o outro. Eu cansei dessa instabilidade. Não estou dizendo isso porque quero que você me dê satisfações ou porque vou passar meu dia te ligando pra dizer cada coisa que faço. Eu só preciso saber que droga está acontecendo aqui.

Beatrice sorriu e se abraçou à cintura dele, levantando o rosto para olhá-lo.

– Você está ferrado, Sean. Vou dizer pra todo mundo que você é meu namorado. Todo mundo mesmo. Vou até ligar pra minha avó e dizer que tenho um namorado e ela vai dizer: Aleluia! Ela desencalhou! E ela ainda vai sair pra beber uns uísques pra comemorar. Porque ela é dessas.

– Sobre a sua avó de quem você fala tanto... Quando vou vê-la?

– Sei lá.

– Lembra que eu disse que fui a Baltimore umas quatro vezes.

– Três!

– Enfim... Até te deixei na porta de casa e você continua me escondendo da sua família. Nem me deixa ir comer lá no restaurante famoso do seu pai.

– Não! Ia ser um desastre! Todo mundo ia querer ver você, todas as tias, primas e agregados iriam aparecer só pra vê-lo. Você não faz ideia. E minha avó... não!

– Eu juro que quando me visto direito e penteio o cabelo, sou decente.

– Sean! Você quer parar com isso. Você é decente até despenteado e de camisa furada.

– Eu tenho alguma camisa furada?

– Não! O ponto é que...

– Vou contar pra minha tia-avó que tenho uma namorada, ela se ocupa de fazer as ligações internacionais pra avisar a família toda. Até à minha mãe.

– Sua mãe não vai vir aqui só por isso, não é?

– Só por isso? Só? Você acaba comigo, Beatrice. E não, ela não vai pegar um avião pra cá por isso, primeiro porque não vai acreditar, segundo porque vai achar que quando desembarcar aqui, eu já terei dito que é uma piada.

– Você era tão ruim assim?

– Eu só não... fazia essa de namoro.

– Não diz isso pra minha mãe. Pode dizer pra minha avó, ela vai gostar. Ela curte os sem vergonhas.

– Desses que se endireitaram?

– Ah, não. Ela endireitou meu avô na marra. E à base de tortura, coitado, ele se apaixonou por ela, mas era um filho da mãe. Pelo que

sei, descarado que nem você.

– Você disse que puxou os olhos dela... Só os olhos? Acho que o gosto também.

Ela riu dele. Talvez quando chegasse à idade da avó, Beatrice se parecesse mais com ela, ao menos seria muito divertido.

No sábado seguinte, Sean chegou muito cedo a Baltimore. Não deu para pegar um voo de sexta à noite porque estava ocupado. Então, ele pegou o voo mais cedo de sábado, chegou ao hotel de sempre, dormiu por duas horas, tomou banho, se vestiu, trocou de paletó duas vezes e foi para casa de Beatrice.

Ele não estava exatamente nervoso, mas era sua primeira vez nisso. Até quando ele era adolescente e teve sua última namorada séria, já conhecia a garota e os pais dela há tanto tempo que nem precisou se apresentar.

Quando o carro parou à frente da casa, Rose já estava espionando pela cortina.

– Acho que ele chegou... – ela espiou enquanto ele saía do carro e parava, olhando a casa para ter certeza que não errara. – Gente, aquilo é de verdade?

– Cadê?! – Belinda Stravos, mãe de Beatrice, correu até a cortina para espiar também. – Cadê meus óculos?

– Você não usa óculos, mãe – lembrou Rose.

– Agora eu uso, acho que não to vendo bem! – ela riu junto com a filha.

– Tirem esses traseiros grandes daí e finjam que não estão parecendo adolescentes com o namorado da garota. Ela é a fedelha e vocês que estão aos pulinhos – reclamou Agatha, lá da poltrona.

– Não sou mais fedelha, vou fazer vinte e três – disse Beatrice, passando pela sala e indo abrir a porta agora que a campainha tocara.

– Daqui a quatro meses! – lembrou a mãe.

A porta abriu e Sean viu Beatrice abrir um enorme sorriso para ele. Ela sempre abria aquele sorriso radiante quando o via de novo após

uma semana, era toda recompensa que ele precisava depois de fazer uma pequena mala mais uma vez, pegar um voo de cerca de quatro horas, ficar um tempo no carro para chegar onde fosse e ir encontrá-la.

Ela fechou a porta atrás de si e praticamente se jogou nos braços dele, ficou nas pontas dos pés, se abraçou ao seu pescoço e o beijou, repleta de saudade. Afinal não o via desde domingo de noite. Bem, isso também era a recompensa que ele precisava.

Dentro da casa, Rose deu mais uma olhadinha pela cortina e avisou:

– Só mais uns dois minutinhos... – ela sorriu. Estava tão interessada em ver o namorado da irmã, que deixara seus filhos irem passear com a outra avó, nem se preocupara com almoço em casa e viera comer na casa dos pais.

Quando conseguiram parar de se beijar, Sean passou a mão pelo cabelo de Beatrice, tentando consertar a bagunça que ele fizera.

– Você não estava de batom, estava? – ele perguntou, passando os dedos pela boca, esperando que não estivesse brilhosa. Ia ser o máximo aparecer de brilho na frente da família dela.

– Não – ela sorriu. – De propósito. E eu vi que você penteou o cabelo. Juro que não estraguei.

– Eu disse que era um cara decente.

Ela abriu a porta novamente e cochichou para ele.

– Você não está nervoso, está? Porque não parece.

– Não estou – ele sorriu pra ela. – Muito menos agora.

Quando eles entraram, Belinda fingiu que estava vindo da cozinha e Rose já tinha escancarado as cortinas, como se elas já estivessem abertas antes. Agatha era a única que nem precisara se mexer lá de sua poltrona preferida, de onde via toda a sala de estar.

Beatrice os apresentou e Sean abriu seu sorriso encantador de um bilhão de dólares e já patenteados pelos Ward. Suas três vítimas não tiveram outra escolha senão sorrir de volta, era inevitável. Felizmente só havia elas na sala, porque Beatrice fizera uma baita armação, se valera até de chantagens para conseguir que a casa estivesse sem toda a patota que aparecia ali no fim de semana. Estava todo mundo achando que não tinha ninguém em casa.

O pai de Bea veio correndo da cozinha e deu de cara com o namorado da sua caçula sendo apresentado. Ele ainda estava com

sentimentos conflituosos sobre isso, porque era sua última filha. Era como diziam, a “raspinha do tacho”, eles nem a planejaram. E ele fora o primeiro a incentivá-la a ir embora procurar o que queria. Agora ela aparecia com um namorado que tinha que inclinar a cabeça para passar no arco que separava o hall da sala. E ainda morava mais longe. Assim como Rose, o pai também achava que Beatrice não voltaria para Baltimore.

– Nikolas Stravos – disse o pai dela, cumprimentando Sean. – Mas todos me chamam de Niko.

– Sean Ward – ele disse, aceitando sua mão.

Foi aí que Niko conectou toda informação que sua filha fora obrigada a dar sobre o tal namorado super ocupado de Nova York e que era chefe de Gerry, com o nome e a imagem. Ela não deu todos os detalhes, resumiu o início e se focou no que pais queriam saber. A procedência do indivíduo.

– Agora eu sei de onde ela herdou os olhos mais lindos que eu já vi – Sean disse, quando se sentou perto de Agatha.

Claro que Beatrice o colocou sentado exatamente no lugar mais perto de sua avó. Porque se ele caísse nas graças dela, pronto, estava aprovado. Mas ela o deixou lá para se virar com sua avó de temperamento forte e língua afiada e foi à cozinha com a desculpa de buscar bebidas. Seu pai também voltou para lá porque eles o haviam convidado para o almoço e Niko que era o chef de cozinha. E todos os namorados de suas irmãs tiveram que passar pelo almoço do papai.

– Beatrice, onde você encontrou esse rapaz? – o pai dela perguntou, escondido atrás da porta da geladeira enquanto Sean estava sentado na sala, confortável e charmoso, seduzindo sua mãe e sua avó. Rose já parecia seduzida o suficiente.

– É uma longa história, pai – desviou-se Beatrice, querendo sair da frente da geladeira.

– Longa é o caramba. Quero saber como um desses Wards veio parar na minha sala.

– Você sabe quem ele é? – ela franziu o cenho, achando o cúmulo ela ter precisado procurar no Google enquanto seu pai já sabia tudo.

– Beatrice! Você acha que eu sou um ignorante? Eu leio o caderno de economia todo dia – o pai voltou para o balcão gourmet e continuou

cortando os legumes enquanto resmungava.

Beatrice colocou as bebidas no canto do grande balcão gourmet que não estava ocupado com a preparação do almoço.

– Sério?

– Eu li na terça-feira que eles estavam comprando uma rede inteira de fábricas europeias e iam pagar pouco porque estava pra falir. Todo mundo sabe que eles têm esse passatempo. E eu sei lá o que eles estão arrumando lá que quase todo dia sai pelo menos uma nota os envolvendo – disse o pai, picando pimentões. – Sou antenado, garota. Ta pensando o quê? E eu acompanho a bolsa todos os dias. Lembra que juntei um dinheiro e comprei umas ações há uns anos? Ah, você não lembra, era nova demais. Eu só quero saber, como um desses Wards acabou aqui pro almoço grego do papai.

– Ele é um amor, pai.

– Duvido que muita gente ache isso, meu bem. Especialmente os concorrentes dele que são jantados todos os dias e sem nem um azeite como consideração.

– Ele é comigo... – Beatrice foi abrindo o que cada um queria beber.

Niko balançou a cabeça, um pouco preocupado com essa novidade. Ele parecia ser o único se importando com isso, provavelmente porque era o único que sabia. Mas ia manter seus olhos e ouvidos bem atentos a essa história.

– Pegue aquela garrafa de vinho pra mim – ele apontou. – Vou servir aquela receita de cordeiro e batatas à moda grega com azeitonas especiais. E moussaka, meus tomates recheados... E fiz aquele meu pão com ervas. Pra comer de entrada com minha taramosalata de assinatura.

Bea ficou sorrindo e foi dar o vinho ao pai.

– Você é sinistro, pai. O melhor chef de todos – ela o beijou.

– Pelo menos eu sei onde encontrar esse rapaz se você sumir. Posso ir aos jornais e fazer um escândalo – ele se ocupou em abrir o vinho. – E vai ter kourabiethes.

– Pai! Não posso comer até cair dura.

– Se vira que hoje eu quero fartura e nem sabia com o que você ia aparecer aqui. Acho bom ele comer bem, viu? Senão vai ser reprovado já na entrada e nem sua avó vai salvá-lo.

Sean não decepcionou ninguém. Agatha estava a favor e depois de conversar um tempo com ele, disse por aí que “os sem vergonhas são os melhores quando caem aos nossos pés”. E ele também comeu tudo que colocaram à sua frente, com apetite genuíno. Cherry chegou pouco antes do almoço, porque ela havia descoberto que a história de não estarem era mentira. Mas queria fingir que não estava ligando para quem a chata da sua irmã caçula namorava.

Até hoje ela ainda achava que Bea roubava muito a atenção dos pais e era a favorita da avó. Achou que a irmã indo estudar em outro lugar ia melhorar, mas piorou, pois todos iam para lá vê-la quando estava em casa. E agora ela tinha um namorado podre de rico e de Nova York. Claro que Cherry fez questão de dizer que não ia durar. Afinal, ela ainda queria esfregar na cara de todo mundo o seu casamento com um ex-ídolo da música country que praticamente só teve um grande hit de sucesso e não lançava um álbum novo há quatro anos.

O namoro deles teve seus altos e baixos como qualquer um e era feito à distância, mas eles ainda podiam se ver quase todos os finais de semana. Mesmo que isso estivesse ficando cada vez mais difícil. Para os dois. Bea estava se ocupando mais com o desenvolvimento no trabalho. E Sean já tinha aquela rotina doida que toda hora aparecia com uma surpresa.

– Sean, você passou a manhã inteira no telefone... – Beatrice se soltou no sofá da sala do apartamento dele, esticou as pernas sobre o canto do estofado que fazia uma curva e olhou em volta, procurando possíveis distrações.

Ele levantou o dedo, pedindo um minuto e atendeu ao telefone de novo. Ela já havia entendido que só porque era sábado as responsabilidades dele não acabavam. Ele quem as empurrava para segunda e delegava o que podia para ter o final de semana livre. Nem sempre dava para escapar de uns telefonemas.

Para se distrair, ela pegou uma pilha cheia de convites de cima da mesa de centro e ficou verificando-os. Sean recebia pilhas e mais pilhas

de convites para todo tipo de evento. Eles passavam pela triagem de Estella que já se livrava de tudo que fosse maluquice e não interessasse. Depois, iam para as mãos de Rico, que sabia quem era quem, o que era o que e deixava principalmente coisas enviadas por conhecidos, amigos, instituições de interesse, etc. Resultava no bolo que estava nas mãos de Beatrice agora e Sean nem tinha olhado.

Ela ficou olhando e jogando para o lado tudo que não lhe chamava atenção. Tinha gente que ia querer arrancar o pescoço dela com uma foice se soubesse do descaso com que ela ia ignorando seus convites. Eles ainda não sabiam que agora ela quem decidia para onde Sean iria nos finais de semana, então era melhor começarem a convencê-la a aceitar seus convites se quisessem Sean Ward confirmado nas listas dos seus eventos.

– Desculpe, eu já resolvi – ele jogou o celular desligado em cima da mesa de centro e se soltou no sofá, ao lado dela. – O que você está fazendo? – ele olhou mais um papel cartão voar para o lado e aterrissar em algum lugar da sala.

– Olhando isso tudo que você ignorou.

Ele passou o braço em volta dela e encostou o nariz em seu pescoço, acariciou ali, depois beijou seu rosto. Beatrice estava muito entretida com os convites dele.

– Aonde vamos hoje? – ela perguntou.

Antes de chegar a Nova York ela via coisas que lhe interessassem e já o obrigara a ir a uma feira de bugigangas e artesanatos feitos por artistas locais. Além de peças teatrais e outros locais que ele não sonharia em pôr os pés se ela não tivesse dito que queria ir.

– Vamos a algum lugar?

– Mais tarde, nós vamos comer alguma coisa, não é?

– Espero que sim – ele respondeu.

Ela balançou um convite no ar, o único que lhe chamara atenção. Sean ficou lendo o que estava escrito e fez cara feia.

– Ah, Sean! É uma feira de comida, não é?

– É só o nome simpático que eles dão.

– É pra caridade.

– É, eles adoram isso. Eu posso doar sem precisar ir lá.

– Mas aqui está dizendo que vai haver chefs de várias partes do mundo servindo comidas típicas! Vários tipos.

Ele tirou o braço e se virou, começou a rir, mas acabou gargalhando, chegou a se inclinar. Como ele não conseguia parar de rir, Bea balançou o braço dele, danada da vida.

– Para de rir, Sean!

– Você quer ir ver os chefs, pra experimentar tudo – ele riu mais.

– Mas é claro! – ela balançou o convite. – Podemos experimentar algo em cada barraca.

– Não tem barracas – ele estava se divertindo. – São espaços de preparo, infelizmente não parece uma feira, Bea. Talvez uma feira metida à besta.

– Ainda vão ser chefs de várias partes do mundo...

Ele riu mais.

– Sean! – ela o empurrou pelo ombro.

Ele acabou se recostando e pegando o convite dela para ler, enquanto ainda sorria.

– E você ficou interessada na parte dos chefs servindo o que você pede – ele disse.

– Claro.

– Eu te levo, comilona. Deve ser por isso que você se deu bem com o Jared, ele adora experimentar.

– Não sou comilona! Mas o Jared é...

– É o único motivo pra irmos, a comida é boa. Fora isso, não vale a pena. E você não vai ficar por aí comendo com o Jared. Não sem mim.

Ela riu dele que sempre falava do seu primo, pelo jeito era a pessoa mais próxima dele. Porque Bea sabia que a mãe de Sean vivia fora do país e a irmã continuava em Florença, atendendo a mais um curso de artes. Era Jared quem sempre aparecia e lhe fazia companhia. Sean na verdade ficava sozinho em Nova York.

– E também te livra de fazer o jantar. Lembra que você prometeu que faria?

– Estou com amnésia seletiva. Mas vai haver umas pessoas chatas por lá, Bea. Bem chatas e linguarudas.

Ela deu de ombros, sem saber que mesmo que não soubessem seu nome ou quem ela era, a “garota do Sean” já havia caído na boca do

povo. Tudo ia às mil maravilhas, até ela pôr os pés em Nova York. Alva era fofoqueira e não gostou nem um pouco de como foi “avisada” que Sean estava “hospedando” alguém. Agora ela estava dispensada e ignorada e fez questão de contar por aí, até para alguma outra “dispensada” saber também.

O evento era de Alicia Dorough, mãe de Alicinha, que às vezes aparecia no meio do pessoal com quem Sean socializava. Ele era nascido e criado em Nova York, óbvio que conhecia muita gente, mas não queria ninguém fincando suas garras venenosas em Beatrice.

Começava às oito horas, mas eles só chegaram às nove. Não foi fácil entrar discretamente e depois de chegar lá dentro, Beatrice achou que arrancariam Sean de perto dela. Ele já não aparecia muito, de repente sumiu completamente e nessa noite resolveu aparecer do nada. Claro que metade da festa tinha coisas para lhe contar, fossem importantes ou não. E muita gente queria perguntar por onde ele andava, como estava sendo comandar o GW e também puxar seu saco, forçar intimidade, fazer lobby e até se oferecer.

– Sean não é de trazer as vagabundas dele pra nenhum dos nossos eventos – comentou Alicia.

– Nunca vi – respondeu Maribel Petterson, que era a co-organizadora da feira desse ano. Ela estava começando a fazer eventos bem badalados entre o pessoal da área. – Ouvi dizer que ele estava hospedando garotas.

– No plural? – Alicia olhou para ela, escandalizada.

– Você sabe muito bem que esses garotos Ward são da pá virada – disse a outra mulher da organização, esticando o braço para pegar champanhe. – Haja história nessa cidade desde que eles eram adolescentes. E aquela irmã dele também não fica atrás.

– Foi uma garota só, a Alva quem viu – corrigiu Alicinha.

Elas olharam de longe, mas Alicinha foi conversar com ele. Sean só queria ir atrás de Beatrice em sua exploração pelos chefs. Ela não se fazia de rogada, quando viu que iam ficar presos, olhou para um lado e depois para o outro, viu as placas e disse:

– Vou ser ousada, vou começar pelo chef coreano!

E saiu em busca do que queria.

– Beatrice! – ele esticou o braço tentando pegá-la, mas ela era rápida.

Não havia tanta gente assim para ele dizer que ela sumiu, mas parecia que pelo menos noventa por cento dos convidados havia comparecido.

Um pouco depois, ele já estava com fome, mas queria alcançá-la. Para Beatrice, ir mastigar alguma coisa, longe daquela confusão, era sua maneira de respirar fundo. Já tivera de sobreviver aos flashes na entrada e agora toda aquela gente, olhando-a de cima a baixo, julgando, pesando e descartando. E ela escutou alguém dizer “quem é a vagabunda nova?”, sério? Sabe-se lá quem disse. Mas ela preferia ir comer algo apetitoso e antes de voltar.

– Ouvi dizer que você estava morando com uma mulher, Sean – disse James, um dos caras que Sean conhecia desde o colégio. – Que loucura!

Beatrice havia acabado de parar perto de Sean, segurando um pratinho de Gimbap que eram rolinhos de arroz, com recheios distintos e misturados, tão bem feitos que dava pena de comer. E na outra mão ela tinha uma cumbuquinha com Tteokbokki, que eram bolinhos fatiados de arroz com bolinhos de peixe e cebolinha, mergulhados num apetitoso molho vermelho-laranja, doce e apimentado, feito de pasta de chilli. O tal chef ficou cinco minutos lhe falando de seu molho especial, com ingredientes secretos.

Como o evento era para circular, a maioria dos espaços era para a pessoa pegar seu pratinho e sair. Então Bea deu a cumbuca a Sean.

– Hospedando – corrigiu a acompanhante dele que também era mais uma das conhecidas em comum. – Morar é demais até pra ele.

– Hum... – disse Beatrice, assentindo e os outros dois deviam estar pensando que ela era alguma doida. – A loira toda embonecada que disse? – ela perguntou, como se estivesse entrando na conversa e super curiosa.

– Quem? – perguntou James.

– Alva – esclareceu Sean.

– Deve ter sido – disse a mulher.

Beatrice passou seu pratinho para a mão esquerda.

– Ah! Sim. Sou eu que ele ainda está hospedando – ela estendeu a mão direita. – Beatrice. Prazer – ela até se forçou a dar um sorriso.

James ficou olhando para ela e a mulher pegou a mão estendida, mais por reflexo.

– Beatrice é minha namorada – Sean quase se divertiu com o choque deles e voltou a olhar o que ela havia lhe dado. – O que é isso?

– Come, é diferente! – Bea incentivou.

Ele foi em frente e comeu o Tteokbokki, parando para ver se gostava daquilo.

– É diferente... – ele comentou.

– Vamos – ela disse, se virando. – Quero ir ao espaço de comida mediterrânea. Vi na placa que tem dois chefs lá.

Mais tarde ela acabou sendo apresentada a pessoas que não sabia se gostaria um dia. E a maioria tentava esconder o choque quando o “namorada” era adicionado a ela, mas estavam falhando. E pelo menos duas vezes quando disse que era de Baltimore, alguém respondeu “Baltimore?!”, como se fosse algo muito estranho e até desagradável.

– Sim – ela, já um pouco sem paciência, levantou a sobrancelha e disse – Baltimore, a maior cidade do Estado de Maryland. Sabe, ele faz fronteira com D.C., a capital do país. Não fica muito longe daqui. E certamente devem ter ensinado no colégio em qual cidade nasceu nosso querido hino nacional. Foi Baltimore.

Sean estava achando aquilo divertidíssimo. Ela falara com ele nesse exato tom quando se conheceram naquela festa e agora ele tinha vontade de rir toda vez que ela o usava.

Não demorou nada até todo mundo que ele conhecia e estava lá, tendo ou não falado com ele, saber que ele agora tinha uma namorada. De verdade. Afinal, se saíra da boca dele, não era só fofoca. Tinha gente chocada e com todo tipo de opinião sobre essa novidade. Como é que Sean Ward tinha a cara de pau de virar o presidente do GW, desaparecer, mas marcar plantão no noticiário econômico, dar uma boa esnobada em todos eles e ainda aparecer com uma namorada? Quem era a desgraçada da namorada dele?

Em certo momento da feira, depois de escutar muita coisa por aí e já terem parado de experimentar as especialidades dos chefs, Beatrice se virou para ele e disse baixinho, com ar chateado.

– Meu vestido não é barato. Eu nem devia ter comprado ele, mas não resisti, era a entrada da coleção nova e eu conheço a garota da loja. Ela

sempre me dá boas dicas.

Ele franziu o cenho para ela e passou os olhos em volta dela, como se procurasse a fonte de uma ideia tão maluca ter entrado em sua mente, mas voltou a olhá-la.

– É o vestido mais bonito da festa – ele passou os braços em volta dela, grudando-a a ele e a beijando. – E pare de me deixar sozinho.

Depois de beijá-la, Sean tornou a levantar o olhar sobre a cabeça dela e pegou no flagra cada uma das pessoas que os observava atentamente demais e o olhar dele não foi nada além de hostil. Se ele pegasse quem a andou chateando, não ia ser bonito. Ela podia usar o que quisesse, desde algo da avó dela até a merda de um vestido mais caro que o guarda-roupa inteiro de todos aqueles babacas. Ela era sua e estava perfeita.

– Sean... – ela chamou baixo e tornou a levantar a cabeça.

Ele colocou as mãos no seu rosto e tornou a beijá-la, antes de deixá-la falar. Era o final de semana deles, amanhã ela já iria embora. Era supostamente para passarem a maior parte do tempo juntos, conversando e se beijando o máximo possível, ao menos durante todo o tempo que não estivessem fazendo amor. Aliás, podiam ir conversar na cama, ele adorava o pós-sexo com ela.

– Me leva de volta? Eu cansei, quero ficar só com você – e longe daquela gente chata e linguaruda. Com certeza iam passar a semana procurando por ela, quem sabe enviar uns convitinhos chatos, o problema é que não iam encontrá-la em lugar nenhum.

– Agora – ele deu um passo e agarrou a mão dela para ir com ele.

Capítulo 10

Você já fugiu demais. Tire essa armadura, essa barreira e essas roupas e fique aqui comigo.

Com seis meses de namoro, eles já haviam ido e voltado e tiveram a última discussão depois de um evento bem parecido com a feira de comida metida à besta. Só que era de tarde e sem chefs. Agora ele a levava a qualquer evento chato que entrava no caminho deles no fim de semana ou simplesmente para saírem juntos. Não dava para ficar só trancado o tempo todo.

Beatrice até arranjou uns simpatizantes e o contrário também. Ela reviu aquela loira emperiquitada, que já havia encontrado umas três vezes. Mas dessa vez ela estava mordida com alguma coisa e sobrou para Bea. De todos os comentários e perguntas nojentas e indiretas antipáticas que Beatrice escutava por aí e geralmente ignorava, aquela mulher conseguiu bater o recorde.

– Você sabe que ele é uma vadia, não é? – Alva disse, olhando-a através do espelho do banheiro luxuoso. – Mais rodado que táxi no Central Park.

Beatrice pensou que se fosse rolar cabelo puxado, ao menos ia ser um banheiro chique e limpo. Ia dar para manter a dignidade.

– Ele e aquele primo dele, são duas vadias que gostam de putas – Alva desceu o olhar por ela. – Putas de todos os tipos. E agora estão gostando muito das baratas. Pena que vadias sempre serão vadias. E putas baratas sempre serão baratas.

Beatrice olhou para ela, imaginando o que havia mudado. A mulher havia até sido cordial da última vez que a viu. Mas ela não era boba, podia concluir o que era. Estava durando tempo demais na vida de Sean e isso a tornava diferente e especial. Ao menos para ele. E isso incomodava.

– E isso me torna a puta atual, não é? – disse Beatrice, encostando o quadril no mármore creme sobre as bancadas e olhando diretamente para a mulher. – A puta que está durando muito mais tempo do que

todas as outras. E isso faz de você o quê? Uma das putas dispensadas antes do almoço? – ela fez um som de ardência, puxando a saliva e o ar entre os dentes. – Deve doer.

– Escuta aqui sua putinha metida a... – disse Alva, virando-se para ela também.

A porta do banheiro abriu e outra das novas conhecidas de Beatrice apareceu, a tal da Alicinha, uma louca que adorava colecionar apartamentos. Alva fechou a boca e Beatrice estalou a língua, balançando a cabeça uma vez.

– Creio que a vadia agora é minha – disse Bea, sarcasticamente e desistindo de dar uma checada no espelho.

– Porque você quer, né – disse Alva.

Alicinha chegou perto da loira e a olhou, notando a animosidade dela.

– Que droga é essa agora, Alva? Até você?

– Vira uma dose de vodka. Arde, mas desce mais fácil – Bea disse, ao se afastar. Não queria ninguém puxando seu cabelo, seus cachos estavam num dia bom.

Esse foi o último exemplo que ela precisou para aprender que se queria sair ganhando, ia ter que aprender umas coisas. Como segredos alheios, pontos fracos e a hora de atacar ou parar. Coisas que Sean falava sobre seus negócios, mas ela ia usar ali, na vida real.

Ela não pretendia que Sean soubesse disso, principalmente porque eles brigaram na saída daquela festa. Era uma confusão de motivos, começou girando em torno da pressão e de problemas sobre estarem passando muito tempo separados, especialmente por causa dos dois últimos finais de semana seguidos que não puderam se encontrar. Mas acabou na possessividade dele, na dificuldade dela de se comprometer definitivamente e ainda misturou as neuras de ambos.

– Você é um filho da mãe desconfiado e cheio de caraminhola na cabeça! – ela disse, enquanto pegava suas coisas e jogava de volta na mala.

Ela o havia surpreendido, haviam brigado na saída, entrado no carro, voltado em silêncio e assim que entrou, ela foi para o quarto e começou a catar suas coisas. Ele perdeu a noção quando viu o que ela estava fazendo.

- Para com isso, Beatrice. Você não vai a lugar nenhum essa hora!
- Me solta! - ela puxou o braço. - São sete horas, se você sair da minha frente eu ainda pego o voo pra casa!
- Eu não acho nenhuma daquelas merdas que eu disse! Foda-se aquele babaca! E eu sei que você está se esforçando, eu estava irritado. Mas que merda!
- Droga nenhuma. Eu não acho que isso esteja dando certo. Só você pode pensar idiotices? Eu penso toda sorte de maluquice e não fico te acusando! E se essa droga de fim de semana fora do país que você passa todo mês for só uma desculpa pra se divertir?
- Você enlouqueceu?!
- Não, você enlouqueceu! Só porque você é super ocupado, acha que pode decidir tudo! E ainda acha que eu não me comprometo!
- Beatrice, você está se escutando? A única merda que eu decido é a hora que eu chego. Cada final de semana eu não sei nem se vou a D.C ou a Baltimore! Enquanto você fica por aí, agindo como se não fizesse uma merda de diferença!
- É você quem age como se isso fosse uma grande coisa! Cada coisa minúscula! - ela puxou a mala com brusquidão e ela bateu no chão com força, estava com mais coisas do que trouxera, porque ao longo desses meses, a cada vez que ela passou o final de semana ali, deixou algo para trás. E agora agarrara tudo que vira e enfiara na mala.
- Você não presta atenção no que me diz. Cada coisa minúscula? Já percebeu que cada merda de coisa minúscula é tudo o que temos? Cada final de semana e cada momento, porque nós não temos tempo e oportunidade pra desperdiçar nada! E você age como se nada disso fizesse diferença.
- Você vai me culpar agora pela loucura que é a sua vida?
- Isso não é justo - ele disse, voltando ao seu tom normal.
- Também não foi justo quando você me acusou, bem na saída daquela maldita festa, de não saber me comprometer e de ser imatura! E teve a cara de pau de dizer que passo todo o meu tempo agindo como se você fosse minha diversãozinha de fim de semana! O cara com quem eu durmo! Vai se ferrar!
- Ela puxou a mala pelo apartamento e foi para a porta.
- É assim que você está me fazendo sentir, Beatrice.

– E como eu devo me sentir? Como a sua puta de fim de semana? Pelo menos de todo mundo nessa maldita cidade, eu achei que você não pensasse assim!

Ele não podia acreditar que ela havia dito isso. Assim como ela também não acreditava que ele havia dito aquilo para ela. Além do vestido e dos saltos, ela vestia coragem para entrar naquele mundo dele. Não ajudava nada quando eles brigavam justamente na saída de um daqueles covis de cobras.

– Eu acho melhor você pensar em tudo que eu já te disse e fiz e no que você está dizendo – ele disse, saindo da frente da porta.

– Você também, Sean – ela murmurou e passou pela porta do apartamento.

Ele deu um soco na parede quando escutou o elevador e sem saber se devia ficar, impedir ou deixá-la ter um pouco de espaço para pensar. Por enquanto, ele foi até seu telefone e ligou.

– Don, ela está saindo. Mesmo se ela não aceitar que você a leve, pode por favor ver se... droga, vai atrás dela – ele disse.

– Feito, chefe – respondeu Don.

Ele enlouqueceu com essa última dela. O jeito foi pensar mesmo. Mas Beatrice chorou o resto do domingo, na segunda-feira se escondeu no banheiro do trabalho e chorou mais. Na terça-feira, Donna ainda estava vendo caixas de kleenex vazias pelo apartamento e na quarta ela estava um lixo.

Sean viajou, mas sobrou para Jared porque ele estava mal. E distraído. Jared nem estava mais desconfiado de seu primo ter alguém fixo, estava com medo do contrário acontecer e seu namoro acabar. Sean estava apegado demais à garota. Jared gostara dela, mas não era ele quem decidia. Se ela estava sendo boa para o seu primo, então tudo estava ótimo. Mas ele via que a relação, do jeito que estava no momento, não estava fazendo muito bem a eles.

Podia ser porque Sean não estava acostumado a namorar alguém, fosse por muito ou por pouco tempo.

– Em que porra você se meteu que está mais jururu que meu gato quando eu viajo? – perguntou Jared, quando sentou ao lado de Sean no carro.

– Aquele seu gato velho já não morreu?

- Exatamente, pra você ver como sua cara está boa.
- Nada demais...
- Ta, agora corta a palhaçada, aquela sua namorada espertinha te sacaneou?
- Não, nós brigamos.
- Prova que vocês são humanos.
- Ela pegou todas as coisas dela, enfiou naquela maldita malinha e vazou.
- Pera aí, quando ela se mudou pro seu apartamento, desvirtuando toda a vibe de solteirice? Da última vez que chequei, você estava pra morrer porque quase não a encontrava.
- Nunca, ela só fica lá um final de semana ou outro quando está livre.
- Aí ela pegou as calcinhas extras e vazou e você está com essa cara por causa disso?
- Sean deu de ombros. Era exatamente isso, ele estava praticando a paciência. E odiando cada segundo. Sofrendo também.
- Eu avisei. Agora aconteceu – Jared se ajeitou no assento e puxou as mangas do paletó, ajeitando-as.
- Avisou o quê? – Sean levantou a sobrancelha.
- Sobre a tal mulher que ia chegar e acabar com seu coração e seus dias de fódidas casuais pelo mundo. E aí você entenderia o que é sofrer de amor.
- Você está doido? Você nunca me disse nada disso. Se você tivesse dito algo assim eu tinha te internado.
- Estou dizendo agora. Esse é o momento que alguém tem que ter o gosto de esfregar um "eu te avisei" bem no meio da sua cara. E eu quero tomar esse gosto pra mim.
- Vai se ferrar, seu puto descarado – Sean até sorriu. – Um dia eu vou esfregar isso na sua cara, agora tenho a experiência.
- Um dia. Agora seja forte e aguente mais um pouco. Depois pega a porra de um avião e vai buscar sua garota e as calcinhas dela. Mas faz um charme, capricha nessa cara bonita de sofrimento. Isso! Essa mesmo. Nessa família não viramos bundões apaixonados, só ficamos insanos de amor. Acho mais digno. E deixe-a ficar com dor na consciência pra não te abandonar mais.

– Você vai se ferrar quando acontecer com você – Sean se recostou e olhou através da janela escura.

– Já terei usado todas as suas merdas como aprendizado – disse Jared.

Fato que a briga terminou em Beatrice aparecendo subitamente na porta do apartamento de Sean, numa quinta-feira de noite, depois de ela burlar a última aula para pegar aquele voo noturno e já ter ligado para o trabalho dizendo que estava doente. Ele abriu a porta e estacou, com aqueles lindos olhos turquesa se suavizando assim que os pôs sobre ela.

– Eu senti sua falta – ela disse assim que o viu. – Eu devia ter ligado antes de aparecer, mas... essa semana foi horrível – ela abaixou o olhar e seus olhos arderam, ela não queria chorar na frente dele, mas duas lágrimas desceram.

– Entra, Bea – ele disse, pegando-a pela mão e fazendo-a entrar no apartamento.

Beatrice não planejava ter dito logo aquilo assim que Sean abrisse a porta, pois ele poderia já ter colocado um ponto final e não planejava vê-la nunca mais. Só que assim que olhou para ele, a verdade simplesmente saiu.

Sean não deixou de notar que ela estava sem sua pequena mala rígida, viera apenas com a bolsa de ombro e um casaco que ela segurava. Ele fechou a porta e a olhou.

– Eu senti sua falta como o inferno, Beatrice – do tipo desesperadamente, mas ele preferia deixar para adicionar esse detalhe quando descobrisse se essa noite ela ia terminar nos seus braços.

Ela não se moveu para seguir pelo corredor e entrar, só ficou ali abraçada ao casaco e o olhando, mas puxou o ar e o soltou lentamente, porque tinha segurado o fôlego quando ele fechou a porta e se virou pra olhá-la. Sean queria segurá-la e balançá-la, obrigá-la a soltar aquele casaco e se abraçar a ele. Qualquer coisa, menos aquele olhar que ela lhe dava agora, uma mistura de tristeza e desconfiança porque ainda não se decidira se devia ter aparecido. Mesmo após estar dentro do apartamento.

– Na sala está quente – ele colocou a mão nas costas dela para levá-la, mas ao tocá-la acabou a acariciando porque era mais forte do que

ele.

Eles passaram pela porta do escritório e ela viu a luz acesa lá dentro.

– Eu não quero te atrapalhar, hoje é quinta...

– Você não me atrapalha.

Em cima da mesa de centro da sala tinha um bando de papéis e uma caneta sobre eles. Sean a levou até o sofá e a sentou ali, colocou as mãos em seus ombros e desceu até seus braços onde apertou levemente, enquanto a olhava.

– Com frio? – ele perguntou.

– Não...

Ele pegou o casaco que ela segurava, deixou sobre a poltrona e também colocou a bolsa dela ali. Pelo menos agora ela já não podia sair correndo tão facilmente.

– Você está com fome? Quer alguma coisa? Eu tenho...

– Não, nada – ela balançou a cabeça.

– Espere um minuto.

Sean foi até a cozinha e voltou pouco depois com uma caneca de chá quente, ele colocou nas mãos dela e sentou sobre os papéis na mesa de centro em frente à Beatrice. Ela bebeu um gole do líquido quente e se recostou.

– Eu queria dizer que sinto muito, disse um bando de coisa que não devia. Eu não realmente acho nada daquilo, só estava muito danada da vida.

– Eu também não acredito no que eu disse, me perdoa, eu... perdi a noção.

Beatrice assentiu e bebeu mais chá. Sean continuou olhando para ela.

– Você saiu daqui e levou tudo – ele disse. – O que você não colocou naquela mala, foi porque esqueceu. Você precisava fazer isso, Beatrice? Eu fiquei essa semana e meia achando que você nunca mais ia voltar. Foi difícil te dar um tempo, mas eu ia pegar um voo no sábado pra você olhar pra mim e dizer na minha cara que era o fim. Não só pegar sua mala, suas coisas e sair.

Ela ficou olhando-o também e Sean ainda estava magoado por isso. Ele havia voltado no quarto e olhado as gavetas do closet, sem saber o que fazer. Pensando se era certo dar um tempo depois de gritar e

magoar. Ou se devia gritar mais e acabar magoando mais e se machucando também. Nada do que acontecera na vida dele antes de Beatrice importava, era tudo novidade para ele também.

– E o que eu ia fazer? Eu só achei que devia pegar minhas coisas e sumir. Só queria ficar sozinha e naquela hora, eu queria tudo, menos ficar aqui. Mas eu sou uma idiota e chorei o tempo todo querendo te ver de novo.

Ele chegou para frente e a tocou, porque ele estava desesperado ali. Queria conversar, resolver a primeira briga séria deles, dar um jeito... mas precisava tocar nela. Beatrice deu a caneca vazia para ele, que colocou do lado na mesinha de centro e desistiu, pulou para o sofá e a abraçou.

– Não faz mais isso, Bea – ele a beijou, segurou seu queixo e a beijou de novo, como se precisasse pedir a ela para lhe dar espaço, mas ela estava ajudando, agarrando-se aos seus braços e procurando abraçá-lo também.

– Não... – ela balançou a cabeça, mas o olhou. – Não sei mais de uma daquelas malditas festas brigando comigo? – ela pediu.

– Nunca mais – ele levou um momento apreciando os lábios dela, como se houvesse passado muito mais tempo que as quase duas semanas. – O que acontecer, vamos guardar até em casa, que tal?

Ela assentiu, passou as mãos pelo cabelo dele e o beijou.

– Mas você nunca mais vai fazer isso. Pode bater portas, gritar, xingar e toda a sorte de coisa. Pode até levar a maldita mala vazia, mas se você for voltar, não leve tudo novamente. Deixe algumas coisas pra me dar esperança.

– Você fala como se eu fosse ficar brigando com você e caindo fora toda vez.

– Espero que toda vez não, pelo bem da minha sanidade mental. Mas eu sei que se alguém aqui vai ter coragem de deixar tudo, vai ser você, não eu.

– Como você pode saber disso, Sean? Eu acho que é exatamente o contrário.

– Eu sei... – ele dizia isso baseado na forma como se sentia sobre ela. Nem precisava dizer que era “lá no fundo”, ele sabia que estava não só apaixonado demais por ela. Também estava apegado e viciado. E era tão

forte que era como Jared dizia que acontecia com os Ward, ficavam insanos de amor. Sabe-se lá do que eram capazes. Mas até hoje ninguém precisara ser preso.

– Não, não sabe – ela se inclinou deixando seu peso contra ele e abraçando a sua cintura. Depois virou o rosto e o escondeu no peito dele. – Eu senti falta disso.

Ele sorriu e passou a mão pelo cabelo dela, deixando as ondas passarem por entre seus dedos e observando enquanto alguns cachos se enrolavam neles. Sean simplesmente adorava isso.

– Só disso?

– De absolutamente tudo – ela levantou a cabeça e lhe lançou um olhar cheio de segundas intenções que espelhavam o dele.

Sean colocou-a em seu colo e agora ele quem escondeu o rosto entre os seios dela, puxando o ar e respirando seu cheiro.

– Você saiu fugida e só com essa bolsa? – ele perguntou.

– Não. Deixei minha mala no hotel.

A cabeça dele levantou subitamente.

– Que hotel?

– Aqui perto.

– Onde?

– O Hilton aqui pertinho. O táxi levou cinco minutos pra chegar aqui e...

– Por que você foi para um hotel?

– E se você não quisesse me ver?

Ele só ficou olhando bem para ela, sua expressão dizia o que ele pensava dessa ideia absurda.

– Não precisa fazer essa sua cara hiper mega séria e ameaçadora, Sean – ela apertou o nariz dele como se fosse algum botão para desfazer aquela expressão.

Ele só esticou o braço e capturou o celular, mas antes de ligar a olhou.

– E você vai ficar aqui comigo?

Beatrice sorriu e se abraçou bem apertado a ele, virou o rosto e ficou beijando-o no pescoço.

– Qual o quarto? – ele perguntou e ela respondeu, com a boca contra o pescoço dele. – A chave? – ele pediu.

– Minha bolsa. Nós vamos lá agora?

– Não, vamos ficar aqui, o tempo todo, pra eu me convencer de que você não vai sumir de novo – ele levantou com ela no colo e as pernas em volta dele, segurou-a com um braço e pegou a bolsa com o outro.

Quando Beatrice tirou o cartão chave lá de dentro, ele já havia sentado novamente e a ajeitado em seu colo e estava com o celular no ouvido, dizendo pra alguém ir lhe buscar algo. Pouco depois a porta abriu, Beatrice não escutou, mas levantou a cabeça e se sobressaltou quando Marcus apareceu na sala. Sean levantou no ar o cartão chave que ela lhe dera.

– Oi, Marcus – Bea deu um tchauzinho pra ele.

Marcus pegou o cartão e piscou para ela. Era o segurança que mais os via juntos e graças a Deus a garota havia voltado. Não estava dando para lidar com Sean naquele humor. Don ia gostar de saber disso. Era uma pena que Marcus estava perto de se aposentar daquela rotina. Ele dizia que faltava só cinco para os cinquenta, ia se casar pela segunda vez, planejava ter filhos dessa vez e Sean ia transferi-lo para coordenação de segurança. Portanto, nada mais de viagens, perigos, vida no limite e coisas do tipo.

Assim que ficaram sozinhos, Sean levantou com Bea prendendo novamente as pernas em volta dele e foi carregando-a para o seu quarto.

– Sabe uma das melhores consequências imediatas de reatar? – ele perguntou.

– Hum... – ela respondeu, muito ocupada em olhar para ele enquanto era carregada e pensar como ia ficar completamente louca se não estivessem juntos novamente. Ele parecia ainda mais atraente agora, totalmente perfeito aos seus olhos de garota apaixonada.

– Sexo de volta. Eu vou me deleitar em você, por dias. E hoje ainda é quinta. Há quanto tempo não temos tantos dias juntos?

– Nunca ficamos juntos desde quinta!

– Exato. E eu quero voltar no tempo, direto pra sua primeira noite aqui. Você não me convidou pro banho – ele empurrou a porta com o pé e foi levando-a para o banheiro.

– Como não? No domingo você me fez demorar tanto na ducha que quase virei uma sereia.

– Não seja espertinha, quero ser convidado pro seu banho de espuma. Estou até hoje com inveja, amargando por ser deixado de fora – ele a colocou no chão quando entraram no banheiro.

– Pobre Sean... Sabe, hoje, só pra mudar as coisas, você pode tirar a roupa enquanto eu ligo a banheira, que tal?

– Feito.

– Como eu queria ter esse desprendimento com a minha roupa – ela comentou enquanto ia até a banheira, tampava e ligava a água quente.

– Que tal só calcinha e camiseta enquanto estiver sob os meus domínios?

– Você vai se comportar?

Ele inclinou a cabeça e riu do tom que ela usou, como “se comportar” fosse sequer uma opção para ele.

– Claro que não – ele puxou a camisa pela barra e a arrancou pela cabeça.

Beatrice olhou por cima do ombro e seu olhar deu uma descidinha por aquele torso rijo, longilíneo e cortado por músculos. O olhar dela chegou até o caminho do paraíso já que a calça estava baixa, mas ela virou o rosto para a banheira de novo. Sean deu um sorriso leve e foi até perto dela, parou ao seu lado e abriu a calça, depois a deslizou para baixo e chutou para o lado.

– Mas apesar do que diz, você não gosta quando me comporto – ele disse baixo para ela.

Virando o rosto novamente, Beatrice abaixou o olhar e viu seu boxer negro, ainda desceu mais um pouco o olhar por aquelas coxas grossas e rígidas que ela adorava usar como colo e apertar com as pontas dos dedos. Elas com certeza ajudavam muito na carona quando ela estava por cima.

– Ou não ficaria sempre tão molhada pra mim – ele falou ainda mais baixo, mas ali no banheiro, só com o som da banheira enchendo, ela o escutava perfeitamente.

Sean passou as mãos pela cintura dela, acariciando e puxando a barra da blusa de mangas que ela usava. Beatrice virou o rosto para ele e lhe deu aquele olhar acusador, ele até sabia do que ela o estava acusando. De ser descarado.

– Por que você tem que ser tão tentador? – ela perguntou. – Assim não dá nem pra disfarçar.

– Você tem cinco segundos pra começar a tirar a roupa ou vou jogá-la aí dentro assim mesmo – ele avisou.

– Não! – ela se afastou dele rapidamente e foi pegar os sais de espuma, jogou na água e ficou longe dele – Você nem tirou tudo ainda.

Sean segurou a barra do boxer e desceu, a primeira coisa que ela viu obviamente foi aquela ereção massiva. E ele não estava nem um pouco preocupado com isso. Nenhum cara com aquele corpo, aquela ereção e aquela cara de pau estaria. Depois ele entrou na banheira e se ajeitou, colocando os braços por cima das bordas e a olhando. Pronto para o show. Beatrice se virou e tirou sua roupa, deixando-a na bancada e pegando uma toalha que ela só desenrolou quando entrou do outro lado da banheira.

– Feliz agora? – ela perguntou.

– Ainda não a estou sentindo em cima de mim, com esses lindos mamilos eretos na minha boca, então não.

Beatrice se moveu na banheira e apoiou as mãos nas pernas dele.

– Você tem esses mamilos masculinos e pequenos que são uma graça e uma delícia de morder, sabia?

Como se ele estivesse ligando para os próprios mamilos, mas com ela falando, os malditos passavam a ter toda uma nova graça. Se ela gostava, então agora ele os adorava. Não era um item que ele reparava muito, mas eram pequenos, bons de mordiscar e só um pouco mais escuros que sua pele. Beatrice realmente os achava uma graça e gostava de passar um tempo brincando ali. Especialmente porque era uma zona erógena a qual ele respondia muito.

– Então vem cá, eu a deixo morder o quanto quiser – ele chamou-a muito mais com o olhar.

– Quer ser bem tratado hoje, não? – ela caçoou da pose dele de rei da banheira lá no canto enquanto ela se aproximava e ficava sobre as coxas dele.

Ele olhou para os seios dela, parcialmente escondidos pela espuma.

– Espuma demais, Beatrice. Você despejou o troço aqui dentro...

– Bom que escorrega – ela brincou, passando as mãos pelos ombros dele e depois pelo peito e pelos mamilos.

– Você já é escorregadia demais sem espuma – ele agarrou a cintura dela, puxando-a pra ele.

– Isso era um banho – ela disse, segurando-se a ele.

– Eu estou desesperado pra ficar dentro de você, o que me diz? – ele passou a mão pelo corpo dela, ainda circulando sua cintura com o outro braço.

– Espuma, Sean. Espuma... – ela se inclinou para cima dele, o beijando e fazendo sua cabeça encostar na beira da banheira.

As mãos dele estavam realmente escorregando por ela, mas isso não o impedia de apertar cada parte do seu corpo que pegava e nem de levantá-la para capturar seu mamilo na boca. Os dedos dele também escorregaram fácil entre suas pernas, descobrindo seu clitóris excitado e o acariciando. O fato de escorregar tanto a deixou inquieta sobre ele, movendo seu quadril, querendo mais do que o toque delicioso dos seus dedos.

Beatrice perdeu um pouco de contato com ele quando o empurrou pelos ombros e abaixou a cabeça, lambendo sobre o mamilo dele, causando atrito de temperatura por causa de sua boca quente e a pele dele que estava acima do nível da água morna da banheira. Sean xingou, algo bem sujo que saiu junto com sua respiração. Ele a puxou de volta e a moveu sobre ele, Beatrice apertou seus ombros e desceu, fazendo-o deslizar para dentro dela facilmente.

Ela inclinou a cabeça e deixou escapar um gemido de prazer que se ele já não estivesse louco, teria levado-o à insanidade agora. Sean apertou-a ainda mais contra ele, segurando sua nuca e devorando seus lábios e dizendo contra sua boca como estava...

– Louco de saudade de fazer amor com você.

– Eu também – ela sussurrou de volta, antes de puxar os fios do cabelo dele e mover o quadril para cima e para baixo.

A cintura dela escorregava nas mãos dele, seus corpos deslizavam um pelo outro com facilidade e dava uma sensação de descontrole por não conseguir segurar nada por tempo demais e isso fez o desejo deles também perder o controle. Ao mínimo movimento do seu quadril, Beatrice podia senti-lo todo dentro dela. Sean apoiou os pés na parede oposta da banheira e apertou as coxas dela que logo escaparam do seu aperto, ele podia sentir os mamilos eretos de Bea indo e voltando

contra seu peito e quanto mais rápido ela ia, mais ele sentia que não ia conseguir segurar seu orgasmo.

– Não, não, não... – ela repetiu várias vezes com a voz saindo um pouco mais fina entre seus gemidos e apoiou as mãos nos ombros dele, tentando parar de ir e voltar sobre ele, mas não conseguia.

Sean ficava abismado como ela conseguia fazê-lo não pensar em nada mais no mundo o tempo inteiro que estava com ele. Mas ele sabia e deve ter dito uns dez palavrões quando colocou as mãos embaixo das coxas dela e a levantou, os dois gozaram instantaneamente. Beatrice estava ofegante, não era exatamente assim que eles haviam planejado, mas os planos perdiam a forma quando ficavam juntos.

Ela se levantou e segurou no puxador dourado, ficando de pé e saindo da banheira. Sean soltou o ar algumas vezes antes de apoiar as mãos e sentar na beira da banheira. Agora eles estavam saciados e ao mesmo tempo precisando de mais, já que ele teve que sair antes do tempo, porque por mais que ela estivesse tomando anticoncepcionail há meses, eles sempre usavam preservativo. Não dava para brincar com o destino e eles não podiam ser surpreendidos por mais um membro naquela relação agora. E nem em suas vidas pessoais, profissionais e bagunçadas.

Ele se levantou e a olhou ao lado do box, com o corpo brilhando por toda aquela água repleta de espuma. Os bicos dos seios dela continuavam rijos, apontando para ele que ainda não passara tempo suficiente com a boca neles. Ele desceu o olhar pela sua barriga e apreciou a cintura estreita em comparação ao quadril arredondado que ele achava tão bonito. Sean não se cansava de olhar para ela e desejar mais e mais.

Bea o pegou olhando-a e lhe lançou um olhar antes de entrar no chuveiro, ele foi logo atrás para terminarem o banho e mais algumas coisas. Eles transaram no chuveiro, com as costas dela escorregando contra a parede de quadradinhos verdes. Eles saíram, ainda molhados e sem interesse na toalha. Ele abriu a gaveta e conseguiu uma camisinha, colocou Beatrice em cima da bancada e dessa vez conseguiu gozar dentro dela.

As pegadas molhadas ficaram marcadas no closet e depois no quarto. Ele a colocou por cima e eles transaram na espreguiçadeira,

acabaram no chão e o tapete deixou marcas nos joelhos dela.

O problema de passar a noite ocupado com sexo pós-briga, conversas de travesseiro para saber o que aconteceu nos dias que passaram separados e carinhos extras enquanto se aconchegavam, era que o despertador de Sean tocava às seis da manhã para ele ir se exercitar. Ele já tinha feito exercício demais hoje. Mas quando aquele som irritante os acordou de novo, às sete horas, chegou a doer. Ele bateu com a mão no maldito relógio digital e acabou com aquele som, se moveu e voltou a se aconchegar em Beatrice.

– Esse é o problema das quintas-feiras, a sexta entra no caminho – ela disse baixo e se virou, empurrando-o para ficar de costas na cama.

Sean a levou junto e abriu os olhos. Estava frio, ele estava em sua cama confortável, embaixo de cobertas quentes, abraçado à namorada que ele amava e mal tinha tempo de ver, por que ia cometer a loucura de sequer se mover?

– Sean – Beatrice se aproximou mais e o olhou. – Acordou?

Ele fechou os olhos novamente e negou com a cabeça. Ela se moveu, abraçando-se a ele e passando as pernas pelas suas.

– Você tem que trabalhar, não é?

– Esquece isso.

– Você deve ter milhões de coisas agendadas pra hoje, já que me disse que ia a D.C. amanhã.

Com certeza, ele tinha uma vida de compromissos. Bea se apoiou nele e ficou passando as duas mãos pelo seu peito como se isso fosse convencê-lo a acordar.

– Se você continuar me acariciando, eu jamais sairei dessa cama – ele disse, ainda de olhos fechados.

Ela parou imediatamente e ele abriu os olhos.

– Não, continua. Só mais cinco minutos... – ele colocou as mãos dela de volta.

– Já se passaram cinco minutos – ela disse, mas voltou ao que fazia.

Sean continuou aproveitando o carinho, mas voltou a olhá-la.

– Me explica porque eu preciso sair do melhor lugar do mundo, ir me enfiar no chuveiro e sair pra um dia frio.

– Ora essa, porque você é um homem responsável. Um profissional que sempre dá conta dos seus compromissos.

– Até demais – ele resmungou.

– E pensa que não é só você. São várias pessoas envolvidas nos seus compromissos, com quem você precisa encontrar e resolver questões. Lembra que você me explicou? Além das milhares de pessoas que de alguma forma são afetadas pelo que você fizer ou deixar de fazer no GW, há as pessoas do seu dia a dia. Aquelas que organizam a vida dela de acordo com a sua, com seus horários e dependendo de você. É um dos seus motes diários pra sair da cama.

Ele ficou olhando para ela.

– Usando minhas frases contra mim de novo, Bea?

– Sempre do melhor modo – ela sorriu.

Ele a abraçou e a derrubou na cama, ficando parcialmente sobre ela.

– E eu te encontrei numa festa chata, tão entediada quanto eu e fugindo daquele fedelho. Não dá pra acreditar.

– Ei, que eu saiba quem falou com você fui eu.

– É, você acabou comigo. Mas eu praticamente a persegui pela rua e consegui o telefone de um china! – ele abriu um grande sorriso.

Beatrice começou a rir.

– Só por isso, vamos comer comida chinesa hoje! Em homenagem aquele dia – ela decidiu.

– Você quer que eu a leve pra jantar ou que traga o jantar?

– Pode trazer. Completo?

– Com tudo que tem direito – ele sorriu e tomou coragem para levantar.

Capítulo 11

Você é a dona dos meus demônios. Só fique comigo e me mantenha aquecido junto ao seu corpo e eles não vão nos alcançar.

Assim que conseguiu uma folga, Beatrice foi encontrar Sean em Nova York, mas não para ficar lá. Ela ia conseguir viajar com ele pela primeira vez. Eles iam ter quatro dias livres, tirando o tempo de voo. Sean deixou Rico, Estella e seus diretores cheios de tarefas e com uma mensagem de “se virem”, porque ele queria viajar com sua namorada. Eles iam ter que se virar.

Eles pararam na França e encontraram Jared e alguns outros Wards. Foi a primeira vez de Beatrice com tantos deles e ela entendeu o que Hillary disse sobre a “maldita genética da família”. Aliás, Hillary finalmente se recuperara do choque de Beatrice estar namorando Sean. E já parara de dizer para ela tomar cuidado, como se Sean fosse um ser ultra perigoso. Agora só quem dizia na sua cara que ele ia passar por cima dela como um trator era Cherry. Os outros pelo menos falavam pelas suas costas.

Havia também o pessoal da fofoca em Nova York, mas como ainda era um choque que Sean estivesse namorando e não havia parâmetros para comparar com alguma outra namorada, além das peguetis conhecidas que ele teve, ficava difícil formar uma opinião.

– Eu também achei o irmão do Jared legal – ela disse, porque estava falando do que mais gostara nos parentes dele. – É o adolescente mais pegável que já vi. Ele nem tem espinhas! – ela riu.

– Ele não é mais adolescente, tem dezenove anos – disse Sean, tirando os braços de trás da cabeça. – E você não tem que ficar achando ninguém pegável, muito menos aquele fedelho metido – ele deu um leve beliscão no seu traseiro e se sentou.

– Ele não é metido! – ela deu um tapa na mão dele.

– Claro que ele não é metido pra você. Nunca ser metido com mulheres é o básico pra pegar alguém decente. E você ainda se livra de

parecer um babaca.

– Ah, é? E você praticava essa?

– Eu fui um modelo de simpatia com você, não fui?

– O suficiente pra deixar a Hillary aterrorizada e conseguir meu telefone.

– Exato.

Sean se sentou na cama e apoiou os pés no chão. Era cedo, mas as cortinas eram claras e entrava uma luz branca e difusa de um dia nublado. Beatrice se recostou contra a guarda da cama e ficou olhando as costas dele.

– Você conseguiu descansar? – ela perguntou, porque quando o encontrou antes da viagem, ele estava exausto por ter adiantado seu trabalho e pronto para passar uns dias de folga.

– Sim, aquela sua massagem foi sensacional.

Foi exatamente enquanto massageava as costas dele, que Beatrice ficou olhando suas tatuagens, algo que ela vira, mas até então não prestara tanta atenção. Ela mesma tinha uma tatuagem, foi uma de suas primeiras “rebeldias” assim que saiu de casa e foi para a faculdade. Mas a dela era colorida, bonita, chamativa e ficava atrás do seu ombro. As de Sean eram só negras, sem nenhum significado aparente. Era intrigante, como quase tudo sobre ele. Ele achava que era um cara prático, provavelmente ele era no trabalho, mas só lá.

Ela andou sobre os joelhos até parar atrás dele e colocar a mão em suas costas. Ela acariciou, admirando os músculos bem definidos, se havia algo que ela achava atraente, eram costas masculinas como aquela. Mas sua mão acabou exatamente sobre aquele dezesseis que era grande o suficiente para as partes de cima dos números ainda aparecerem entre seus dedos, mesmo com a palma dela ali.

– Sean, por que dezesseis?

Ele moveu o ombro direito só como resposta ao toque dela, a tatuagem ficava atrás do seu ombro, só que mais embaixo, quase sobre a escápula. E ele levou mais tempo do que deveria para responder, sabia que um dia ela acabaria perguntando e tolo como fosse, no início ele tentou nem ficar de costas para ela. Temendo o momento. Depois acabou esquecendo, não dava para evitar.

– Por nada, é só um número.

– Mas logo esse?

– Essas tolices que fazemos na adolescência. Depois fiquei com pena de apagar, só pelas memórias... – ele completou, dizendo a verdade em parte. Mas só ele sabia que memórias eram aquelas.

Beatrice percebeu que ele havia se retraído e só pelo seu tom e pelo fato de ter ficado imóvel e nem ter tentado olhar para ela, demonstrava que ele não queria tocar naquele assunto. Às vezes ele lhe dizia umas coisas que não condiziam com a imagem que ela tinha da vida que ele levava. Afinal, ele foi criado em uma família estruturada e repleta de recursos, não é? Além dos típicos dramas adolescentes, o que poderia haver de errado?

Ela já contara quinhentas mil coisas sobre sua infância e adolescência. E depois desses meses juntos, ela notou que ele não fazia isso. Ele até falara da namoradina que teve desde os treze e só disse que terminou e havia sido seu último relacionamento duradouro, até Beatrice aparecer. Mas daí em diante era como se houvesse um buraco. Ela só sabia um pouco sobre seus anos da faculdade, porque ele compartilhara algumas experiências que teve.

Deixando-o em paz, pelo menos por hoje, Beatrice deslizou a mão, subindo pelas costas dele, passando sobre seu ombro e aproximando o corpo até se grudar nas costas dele. Ela atravessou o antebraço à frente de seu peito e descansou a mão sobre seu coração. Sean ainda estava quieto, mas relaxou contra ela, especialmente quando ela beijou seu pescoço e a lateral do seu rosto.

– Você ainda acha que vou ser sua ruína? – ela perguntou baixo.

Ele virou o rosto para ela e agora sorriu levemente, porque talvez ela não chegasse a entender isso. Ele preferia que não.

– Você é a dona dos meus demônios.

– Isso parece muita responsabilidade.

– Só cuide bem deles.

– Como?

– Fique comigo.

Beatrice virou mais a cabeça e o beijou nos lábios antes de dizer:

– Não se preocupe, eu vou protegê-lo – ela abriu um grande sorriso ao dizer isso e conseguiu fazê-lo sorrir também.

– Eu sei que vai. E eu vou proteger você – ele disse.

- Eu não tenho demônios – ela franziu o cenho.
- Dos meus... – ele murmurou.

Com oito meses de relação, às vezes eles não sabiam se o tempo se arrastava ou passava rápido demais. Manter o namoro continuava um desafio, ainda havia picos e quedas e a distância já era terrível. A agenda de Sean continuava impossível. E Beatrice estava trabalhando mais, concluindo o curso, não tinha mais tempo livre. Não houve mais quintas-feiras. Muitas vezes eles sentiam que o elo ia se romper. Então eles se encontravam e tentavam mantê-lo de todas as formas. Eles queriam mais, sentiam que precisavam cada vez mais e mais, como se não fosse mais suficiente continuar brigando com o tempo e pulando os problemas.

- Eu não sei como você espera que eu reaja a isso, Sean – Bea disse, quando ele falou que precisava ficar fora, de novo.

Sean também tinha seu lado profissional para resolver, ele não só participava de congressos como espectador, mas também fazia parte de alguns. Eles envolviam encontros profissionais e ele tinha duas participações agendadas pra falar sobre os novos rumos do GW e como estava sendo para ele, como um profissional, ter assumido isso. Jared iria também. Nem era preciso citar como mais isso estava pesando em sua rotina.

- Você podia vir comigo – ele sugeriu.

- Eu não posso, você sabe. Tenho meu próprio projeto pra entregar, tenho um prazo.

O emprego dela também tinha um prazo. Consegi-lo já foi um tormento para ambos, porque ela ficou nervosa e ocupada demais não só no processo seletivo, como no trabalho que iniciou. Depois desse semestre, ela só tinha mais o semestre de Outono e aí acabou, estaria livre no mundo, fora da faculdade. E Sean não entendia nada disso, ele vinha tentando entender, mesmo que ela estivesse odiando o emprego.

Segundo Beatrice, não era o que ela esperava e até sua criatividade estava afetada por isso. E ele não queria apontar isso, mas ele pagava o

triplo do que ela recebia aos trainees do GW de todas as áreas. E a menos que alguém estivesse burlando as políticas de estagiários e trainees do Grupo Ward, eles estavam trabalhando por horários bem mais justos do que ela.

– Tirando a sua faculdade que em breve vai acabar, me diz se há algo mais que a prenda a D.C?

– Os últimos anos da minha vida foram lá.

– Você não respondeu o que eu perguntei.

– Não...

– Então por que você não termina o que tem pra fazer lá e recomeça? Aliás, começa a sua vida profissional em outro lugar.

– Você vai me dizer pra vir pra Nova York?

– Sim. Vem pra Nova York e começa aqui, comigo. Até agora você não gostou realmente de nada que fez lá.

– Eu não tenho nada em Nova York e a vida aqui não é fácil.

– Você também não tinha nada em D.C. E agora está com medo de ir embora de lá. Sabe o que tem em Nova York, eu. Não sei se parece muito, mas eu faria qualquer coisa por você. E por nós dois.

– Você sabe que significa muito pra mim, é só que é a minha carreira e eu estou insegura. Como eu vou lidar com a estruturação da minha vida profissional, a relação com você e a minha vida? Tudo de uma vez.

– E como eu vou lidar com o inferno que é minha vida profissional no momento, minha relação com você e qualquer outro aspecto da minha vida? Eu simplesmente vou dar a cara a tapa.

Beatrice passou a mão pelo cabelo e andou de um lado ao outro, tentando pensar direito. Ele não era intransigente, mas ela estava a ponto de mudar sua vida, ia acabar a faculdade e cair no mundo, sem paraquedas. E se mudar de novo era uma adição grande à sua bagagem. Não tinha o que a prendesse em D.C além da faculdade, mas e depois? Ela não tinha só inseguranças normais de uma mulher sobre sua relação. Era sobre tudo. Mas a ideia de ficar longe dele e perdê-lo era aterradora.

– Você não entende – ela disse de repente. – Eu acho que não...

– Sim e não – ele respondeu. – Já me mudei umas vezes, já senti medo e eu já recomecei e também já terminei a faculdade duas vezes e em ambas eu pensei se era mesmo aquilo que queria pra minha vida.

Eu não sei nada, não vou fingir que sei o que você deve fazer. Eu só queria ser parte de uma das milhares de opções que você tem agora.

Ela sentiu vontade de chorar, seus olhos até arderam. Suas emoções estavam numa montanha russa.

– E do jeito que vai, eu não vou ser – ele completou.

Sean se forçou a desviar o olhar de cima dela e cruzou os braços como se agora ele também estivesse precisando manter todas as suas partes presas. Ele havia dito que ela seria sua ruína. E ele vinha sentindo que estavam a ponto de perder a batalha, a menos que fizessem uma mudança drástica ali. Bea estava um pouco perdida e estava deixando-o perdido. Ele queria ficar com ela a qualquer custo. Como fosse e do jeito que fosse. Só que precisavam estar juntos para isso.

– Você tem que ser – ela chegou perto dele e quando ele descruzou os braços, ela se abraçou ao seu corpo e encolheu os ombros, enterrando o rosto no peito dele. Era algo que ela fazia e o deixava sentir como se nada no mundo pudesse separá-los. – Eu disse que você não entende, porque eu não acho que saiba realmente como eu me sinto. Eu não quero perder você. Eu já comecei uma vida nova e você está nela. Mas ao mesmo tempo em que eu não consigo me separar de você, eu odeio toda essa necessidade. É desesperadora e dolorosa. Eu não consigo ficar longe, não consigo mais esquecê-lo. E eu não sei o que fazer da minha vida pra equilibrar tudo e ainda ter você.

– Você só precisa continuar comigo – ele a fez olhá-lo. – Eu sou apaixonado por você. E eu vou lutar pra ser uma das suas opções.

Beatrice sorriu pra ele.

– Você não precisa lutar, se você não estiver no pacote, eu não quero.

Sean olhou-a muito seriamente e acariciou seu queixo por um momento, enquanto pensava em algo, mas quando ele piscou e percebeu que tinha divagado, já havia decidido. Ele sabia que eles estavam em momentos diferentes da vida e que também era um pouco mais velho do que ela e mais maduro. E nada disso mudava o fato de que viveram aquela novidade que era sua relação, igualmente. Mesmo que com reações diferentes. Estavam juntos nisso.

– Eu te amo é uma frase curta demais pra explicar o quanto eu preciso que você fique comigo. – ele balançou a cabeça. – Eu não só te

amo como estou viciado, fissurado, dominado e todas essas drogas que um cara não devia sentir e muito menos confessar. E eu não vou perder você antes de realmente tê-la na minha vida. – Sean passou as mãos pelo cabelo dela, mantendo-a ali como se houvesse alguma chance de ela desistir e fugir. – Casa comigo e fica aqui pra ser a melhor designer da cidade ou o que você quiser fazer. Qualquer decisão, eu apoio. Só fica comigo.

– Sean... – ela arregalou os olhos por um momento, depois achou ter ouvido errado e ficou segurando na camisa dele.

– Beatrice, eu... – ele tornou a balançar a cabeça e deu um passo para trás. – Droga, eu não tenho um anel agora. Mas eu tenho uma chance? Pensa, pra que esperar? Que diferença vai fazer agora ou ano que vem? Eu nem sei se estarei vivo até lá, só sei que se estiver, estarei te amando mais. Mas eu já amo agora. Eu nunca fui muito de esperar, não é uma filosofia de família ficar esperando, é melhor arriscar e se machucar do que esperar ao lado do medo. E pra mim, nada vale mais o risco do que você.

A única coisa que ela conseguia fazer era piscar, respirar e olhar para ele. Até que ela piscou várias vezes e voltou a encará-lo. Arriscar? Meu Deus, ele era louco. E ela era louca por ele. Mas será que estava pronta para arriscar tudo?

– Eu também te amo, Sean. Com tudo que dá pra esconder nessa pequena frase. E obrigada por você ser o mais corajoso da nossa relação.

Ele assentiu, mas só deu de volta o passo que os havia separado.

– Quer casar comigo? Quer me dar uma chance? Quer ficar comigo agora, amanhã... sempre? O que você quiser, Bea, eu to dentro.

– Quero, quero e quero. E eu quero você. E caramba, isso vai ser louco. Eu não acredito que estou dizendo isso! Mas sim. Sim! Eu arrisco com você.

Ele não começou a rir ou sorrir como um doido, porque esse era Sean. Ela quem o fazia rir. Ele olhou-a seriamente por um momento, porque eles estavam entrando num sério comprometimento ali. E bem inesperado, tinham de estar falando sério sobre fazer isso. Mas ele a puxou para ele e a beijou, num daqueles beijos em que ele a apertava

com força e tomava seu fôlego e quase a entortava. Depois disso que ele sorriu para ela e assentiu algumas vezes.

– Vamos fazer isso, Bea. Vamos arriscar pra valer.

Sean Ward Vai Se Casar!

Saiba tudo sobre a sortuda que conquistou Sean Ward!

Quem é Beatrice Stravos e por que ela vai virar uma Ward?

Presidente do Grupo Ward vai se casar, como isso pode afetar os negócios?

Casamento do ano em Nova York! Um Ward vai subir ao altar!

Um Ward vai para o altar essa semana!

Veja todas as fofocas sobre o casamento de Sean Ward!

Irmã de Sean Ward sai da reabilitação para o casamento do irmão.

Os Ward estão na cidade!

Casamento de Sean Ward traz toda a família a Nova York, sistema de segurança é digno de um presidente.

Todas as novidades sobre a volta dos Ward ao cenário nova-iorquino.

Sim, eles se casaram. Foi lindo, foi enorme e o vestido estava sensacional. Eles se mudaram. Eles fizeram um bando de coisas. Boas e

ruins.

Mas o “felizes para sempre” não começou aí. Muito pelo contrário, eles não fazem ideia do que os espera.

Quer saber como é ser uma Ward? Quer descobrir o que Sean tanto esconde? Por que tantos seguranças e por que ele viaja tanto? Quer saber o que acontecerá com Bea depois que ela virar uma Ward?

Quatro anos depois... Tem muita história para contar.

Descubra tudo no livro #1 dos Ward: Quando Eu Olhar Pra Você.

Leia as cenas extras nas próximas páginas

Cenas Extras

- 1- Madame Ward
- 2- O Noivado
- 3- A Festa de Aniversário
- 4- O Triplex
- 5- Quase Casando

Madame Ward

Beatrice saiu do carro e entrou no prédio antigo na Park Avenue. Essa era a principal pessoa da família de Sean que ela precisava conhecer e até agora era quem a deixava mais apreensiva. Jared havia sido ótimo. Tess, a irmã de Sean, fora uma surpresa e ainda por cima estava com uma barriga enorme e ocupada demais em ficar nervosa por isso. E agora ela veria Candace Ward, a mãe de Sean.

– Tem certeza que estou bem? – ela virou-se para o espelho no saguão do prédio e ficou se olhando, abaixou um pouco a saia do seu vestido. Ela escolhera um modelo no mínimo modesto, com mangas três quartos, botões e saia alguns dedos acima dos seus joelhos.

– Está perfeita. A lingerie também – Sean sorriu e apertou o botão do elevador.

– Dá pra você não falar da minha lingerie quando estou prestes a olhar pra cara da sua mãe?

– Tudo bem, vou tentar não pensar nisso.

– Além disso, eu coloquei uma calcinha enorme – ela entrou no elevador antes dele. – Daquelas que apertam a barriga e tudo.

– E modelam o corpo? Acho sexy, você fica muito atraente com roupas de cintura alta. Você sabe que tenho uma queda por coisas retrô.

– E cobrem o traseiro todo!

– Assim eu vou ficar excitado. Adoro desembulhar meus presentes – ele deu um sorriso super sacana enquanto olhava para o mostrador do elevador. – Chegamos.

– Oh, Deus – ela disse virando-se mais uma vez para o espelho do elevador e verificou o penteado que fizera.

– Acho que seu batom está borrado – ele disse, aproximando o rosto do dela para olhar a imagem do espelho.

– Não! Mentira! – ela chegou mais perto para olhar.

Sean a puxou pela cintura e a levou com ele, arrancando-a do elevador, mas beijou seus lábios no processo.

– Agora está – ele divertiu-se com o olhar que ela lançou, e tocou a campainha.

O mordomo da sua mãe, uma figura que a acompanhava aonde ela fosse, abriu a porta e assim que o viu fez uma mesura, daquelas que você acha que não verá mais neste século.

– Tudo bem, Aroldo? – Sean fez Bea entrar antes e apertou a mão do mordomo. – Essa é minha noiva, Beatrice.

– Muito prazer, madame – disse o mordomo, que não ficou em choque porque ele sabia o motivo de estarem de volta a Nova York.

– Aroldo está na família desde que os Ward chegaram ao país no século dezenove... – brincou Sean, enquanto levava Beatrice para a sala e o mordomo ia atrás, com um leve sorriso.

Aroldo estava mesmo há muitos anos trabalhando para os Ward e por isso escolheu viajar atrás de Candace, porque continuaria trabalhando para eles e ainda veria um pouco do mundo. E ele estava há tanto tempo ali que conhecia Sean desde pequeno, vivera aquela época terrível na adolescência dele e aguentara ao lado deles. Também ajudara nos cacos que ficaram depois de tudo e do golpe final que foi a morte de Trent Ward, pai de Sean. Então, vê-lo saudável e agora até com uma noiva, fazia bem ao seu espírito.

– Você tem um mordomo vampiro! – disse Bea, entrando na brincadeira.

– Vampiro não, mas múmia egípcia eu até me candidataria – disse Aroldo, fazendo pose na entrada da sala.

A configuração do apartamento oficial dos Ward na cidade, onde Candace morava quando estava lá, era bem diferente do atual apartamento de solteiro de Sean. A sala, para começar, era muito ampla e toda uniforme com uma mobília bem mais tradicional do que os cortes retos e modernos de onde Sean vivia sozinho.

– Madame foi ao cabeleireiro e deve estar retornando – informou Aroldo. – Posso lhes servir um café, chá, água, suco, refrigerante ou alguma outra bebida de sua escolha?

Beatrice quis água com gás e Sean não quis nada, só andou por ali, olhando em volta, evocando algumas lembranças e fugindo de outras.

Quando Candace entrou, ele estava recostado na janela e Beatrice estava sentada no sofá, ainda ocupada em olhar a decoração.

– Sean! – Candace deixou a bolsa sobre a poltrona, desceu o degrau que levava ao centro da sala e se aproximou.

Beatrice não sabia o que fazer enquanto a mulher loira e bonita, que ela sinceramente não diria que tinha um filho do tamanho de Sean e ainda uma garota como Tess, se aproximava. A mulher realmente merecia ser chamada de Madame Ward. E era tão bonita e sua imagem parecia ter sido toda medida e tramada pelo melhor Relações Públicas.

– Oi, mãe – Sean se aproximou e por um segundo defronte a ela, ele pareceu também não ter certeza do que fazer, mas se curvou e a abraçou com carinho.

Candace abriu um grande sorriso, abraçando-se a ele também, acariciando suas costas e depois tocando seu rosto. Ela parecia emocionada em vê-lo. Havia algo ali, uma história por trás deles mais complicada que um simples encontro entre mãe e filho que não moravam na mesma cidade. Eles tinham recursos para viajar e se encontrar toda vez que quisessem. Mas havia algo mais, Bea podia ver, mas não conseguia imaginar.

– Bem, eu só posso imaginar que essa moça linda é minha futura nora – disse Candace, após um momento para se recompor. Ela se virou para Bea e sorriu.

– Beatrice, essa é minha mãe, Candace Ward – Sean parou ao lado delas. – Essa é Beatrice Stravos, mãe. Minha noiva.

– Você realmente disse sim pra ele? – Candace perguntou a Beatrice, surpreendendo-a.

– Eu disse... – respondeu Bea, surpresa.

Elas apertaram as mãos e Candace lhe deu beijos leves, antes de segurar sua mão e sentar-se ao seu lado, deixando Sean para se virar e sentar onde bem entendesse. Ele voltou para perto da janela.

– Sean me contou um pouco de como vocês se conheceram inesperadamente – comentou Candace.

– Numa festa – disse Bea. – Foi muito estranho descobrir que o Gerry trabalha pra ele.

Candace riu e elas falaram por cima sobre como foi em D.C. Mal sabia Beatrice que sua futura sogra quase tivera um colapso ao receber a notícia de que seu filho ia se casar. Sean, casar? Com quem? Em que mundo e por quê? O que está acontecendo? Muitas perguntas precisavam ser respondidas para tentar começar a justificar um motivo para Sean se casar com alguém. E especialmente, quem seria essa mulher?

– Então você está terminando a faculdade – Candace assentiu e seu olhar encontrou o de Sean, por cima da cabeça de Beatrice.

– Sim, falta bem pouco. Não é algo usual, mas é o que eu gosto de fazer – comentou Beatrice.

Ela já havia explicado sobre sua faculdade na George Washington.

– Ele é lindo – disse Candace, olhando o diamante dourado que reluzia no dedo de Beatrice e acompanhado de outros quatro, dois de cada lado, negros e bem menores do que o principal. Todos adornando seu anel de noivado. – Você não o deixou escolher, não é?

– Deixei. Ele não é tão mal... um pouco exagerado, talvez. Mas é surpreendentemente bom com cores – ela não se importava, mas os pequenos diamantes negros dos lados deram um toque que era de acordo com a personalidade dele. Podia ser brilhante, mas um tanto sombria.

– Olha só, Sean. Aqueles milhares de lápis, giz e latas de tinta pra escola devem ter ajudado em algo – brincou Candace, lhe lançando um olhar que ele entendia muito bem. – E quando posso conhecer seus pais? – perguntou Candace.

– Quando quiser – disse Beatrice.

– Ótimo, sábado está bom pra você? Estarei livre.

– Claro... – Beatrice esperava que sua mãe não pirasse com mais essa, já havia sido complicado o suficiente chegar em casa e tentar explicar que ia se casar. Em poucos meses. – Minha irmã mais velha está na cidade comigo, estamos fazendo umas compras.

– Ótimo, vamos tomar um chá. Vou adorar conhecer sua irmã.

Candace queria conhecer todo mundo, até o cachorro dos Stravos se eles tivessem um. De tudo que ela sabia sobre essa moça até agora, parecia normal demais. Seu filho não podia estar se casando com uma mocinha tão normal como essa. Ela parecia até ser boa. Imagine só. Sean com uma dessas garotas boas. Não ia dar certo. Era um terror. Ele ia fazer alguma merda gigantesca.

– Ah... a senhora também gosta de chá – ela sorriu.

– Nada de me chamar de senhora, esqueça a educação da mamãe. Só Candace. E sim, adoro chá. Mas não, eu não fui obrigada a beber litros e litros de chá com a minha tia-avó como Sean foi – ela abriu um sorriso.

– Então foi assim! – disse Bea.

– Você não faz ideia, mas vai fazer. Ninguém casa nessa família sem ir visitar a “tia-avó”, não é, Sean? Quando você vai levá-la?

Ele voltou até elas e se sentou no outro sofá, do lado oposto da mesinha de centro.

– Quando ela puder ir.

– Você também é um tanto ocupada, não é? – perguntou Candace.

– Só um pouco. Nada perto da rotina do Sean.

– Eu acho que é difícil mesmo chegar nesse nível de insanidade – brincou Candace.

Ela chamou Aroldo para trazer o lanche, ficou ainda mais preocupada quando a moça disse que gostava de tudo, adorava bolinhos, doces, macarons, etc. Ela era até saudável. Como Sean arranhou essa moça?

– Sean, querido, eu trouxe uns quadros, dois são pra você. Que tal escolher seu primeiro presente de casamento?

Ele levantou a sobrancelha, mas ficou de pé e deu uma piscada para Bea antes de sair. Sua mãe queria ficar sozinha com sua noiva. E ele deixou, afinal, Beatrice o deixou sozinho com sua avó e foi uma experiência que ele não esqueceria.

Candace continuou o assunto agradável sobre comida e perguntou se Beatrice já havia pensado sobre esse detalhe para o casamento.

– Não eu... na verdade não pensei em nada – ela pausou. – Não é que eu não esteja ansiosa, é só que... é tudo tão rápido.

– Ele colocou um prazo em cima da sua cabeça?

- Dois meses e... alguns dias.
- Três, no mínimo. Não aceite menos. Vai dar trabalho.
- Acho que sim...
- Você não está devendo nada a ele, não é? Não estou falando sobre dinheiro, no caso, favores que o fariam ter algum poder sobre você – disse Candace.
- O quê? – Beatrice franziu o cenho.
- Vai aceitar isso por livre e espontânea vontade e não faz parte de nenhum tipo de plano do meu filho, estou certa?
- Eu creio que sim. Espero que ele não tenha planos estranhos pra mim.
- Eu também. Enfim... Ele pediu e você aceitou, simples assim?
- Não achei nada simples. Eu não estava pensando em me casar antes dos trinta. E acabei de fazer vinte e três.
- Eu não achei que ele fosse se casar. Nunca.
- É, eu acho que outras pessoas tinham a mesma opinião – comentou Beatrice.
- Já tentaram enfiar as garras em você, não é?
- Imagino que esse seja o termo.
- Vamos nos encontrar novamente, vou ficar aqui até o casamento. Tenho certeza que posso ajudá-la. E caso mude de ideia, juro que posso protegê-la.

Beatrice começou a rir.

- Se eu tivesse que me assustar, ia começar agora.

Candace riu.

- Não se engane, meu bem. Estou preocupada com você, não com ele. Sean sabe se cuidar bem até demais pro meu gosto.

Sean voltou para a sala pouco depois que sua mãe soltou essa frase, quase como se tivesse adivinhado. Mas Beatrice os deixou porque tinha planos e estava no Hilton com a irmã mais velha ao invés de levar Rose para o quarto de hóspedes do apartamento de Sean. Segundo ela, assim podiam fazer tudo que quisessem.

O Noivado

A decisão de se casar foi muito repentina para os dois lados. Quando Sean ligou para Jared e disse “eu vou me casar com ela”, seu primo até se engasgou. Ele não perguntou se Sean estava doido ou se a garota aceitara. Assim que recuperou a voz, avisou “se eu não for o padrinho, não tem casamento”. Como se houvesse alguma outra pessoa no mundo que Sean iria querer para isso. E aí ele ligou para a mãe, que o proibiu de casar antes que ela chegasse. Tudo bem, não era como se ele fosse casar amanhã. Em seguida foi sua tia-avó que convidou a família inteira, antes mesmo dos convites serem enviados.

Os Ward ficaram surpresos com a notícia. Mesmo que muitos deles não partilhassem da opinião de que Sean nunca se casaria, todos sabiam que ele não tinha relacionamentos sérios. Mas sabiam também que a namorada atual estava durando muito mais que o esperado. Só que falou em casamento, todos estavam dentro! Não era todo dia que um Ward casava, eles já queriam todos chegar em Nova York, aproveitar a festa e fazer um encontrão de família. Falou em festa, eles estavam de malas prontas.

Já os Stravos ficaram em níveis diferentes de choque. Niko não estava muito convencido com essa história de sua garota casar com “um desses Ward”, como ele chamava. Mesmo quando Sean foi lá ser educado e pedir, porque Bea disse que os noivos de suas duas irmãs pediram. E nas tradições gregas, o noivo ainda pedia. Mas ela riu da cara dele por uma semana quando isso aconteceu.

– Minha filha... – seu pai a havia puxado para o cantinho da sala, onde podiam falar em particular. – Você tem certeza disso? Não é nada com... Eu tenho que perguntar, sou seu pai. Você não está iludida por causa dele, não é? Aquela vida diferente que ele leva. Todo o dinheiro e enfim... tudo mais.

– Não, pai, ele podia ser um aventureiro começando uma start up como eu achei que era assim que o conheci. Eu gosto dele, de verdade.

– Ele vai arrastá-la pra essa bagunça toda que eu só consigo começar a imaginar porque sou só um chef de cozinha de Baltimore e não faço ideia. Mas eu sei do que estou falando.

– Pai, eu amo esse cara. Eu não queria casar nem tão cedo, lembra? Achava tudo a maior bobeira. Mas com ele, eu quero.

– Ok... Vou me enfiar num maldito smoking e te levar pro altar – disse o pai, lhe oferecendo um sorriso.

– Vai ser o pai mais gato do casamento!

– Puxa saco! – ele riu.

Sean e Beatrice não planejaram festa de noivado e nem nada do tipo. Quando ela aceitou, ele encomendou um anel e no final de semana seguinte colocou no dedo dela antes do jantar e eles ficaram que nem dois idiotas, olhando e aceitando que era verdade, iam mesmo se casar.

Mas os Stravos não eram como os Ward e nem estavam espalhados por aí. Além disso, eram todos descendentes de gregos. E na Grécia ficar noivo e ter o período de noivado era importante. Como assim Beatrice ia se casar, do nada, rápido, se mudar para outra cidade e a família não tinha se reunido sequer pra um noivado? E isso porque mal tinham ficado sabendo do namoro dela. As tias e primas nem tinham passado cada detalhe da novidade em fofocas de fim de semana.

– Ah, parem de drama! Se ficarem de muita história falo pro noivo barrar todo mundo no casamento, já to íntima dele – disse Agatha, a avó de Bea, dando com a bengala nos traseiros de todos que estavam à sua frente e abrindo caminho. – Até parece, vocês já são todos menos gregos que eu. E ela é ainda menos. Sosseguem o facho. A família do noivo é inglesa, com sei lá mais o quê, e a família da mãe da noiva é uma mistura infame de americano com cinco nacionalidades! Pelo amor de Deus!

– Na Inglaterra as pessoas ainda ficam noivas – disse uma das tias.

– Mas nós mantemos mais as raízes gregas.

– O padre nem abençoou a união – disse outra.

– O maldito homem não vem aqui hoje encher a pança? Então, ele abençoa o maldito anel aqui – disse Agatha, sentando no seu lugar de preferência no jardim traseiro da casa e soltando o muxoxo. – Mas eu não ia deixar nem ele e nem vocês chegarem perto da minha mão se

tivesse com um diamante daquele tamanho preso nela. Sei lá a procedência desse bando de grego.

– É grande assim, vovó? – perguntou uma das garotas.

– Maior do que o espaço útil que vocês têm dentro da cabeça. Vai buscar meu chá gelado, anda! Sou velha, minha garganta seca rápido.

Resumindo a confusão, Sean e Beatrice não conseguiram escapar da festinha de noivado que era obrigatória na família Stravos. Pelo menos era algo só deles, já tinha gente suficiente na família para não convidarem ninguém de fora, além dos já agregados à família.

– Sean? – Beatrice foi se aproximando e franzindo o cenho para os acompanhantes dele. – O que você está aprontando?

– Ué, sua mãe disse pra eu trazer familiares porque um noivo não pode ir a uma festa de casamento sem um familiar – Sean deu de ombros. – Ao menos foi o que ela disse.

– Essa festa nem deveria estar acontecendo! – ela sussurrou para ele.

– Já era.

Beatrice se virou e olhou para Madame Ward que estava em Baltimore pela segunda vez, porque na primeira ela foi lá por conta própria investigar a família da noiva. Ela mexeu em seus óculos escuros de grife e os retirou lentamente, dobrando-os e enfiando na bolsa, depois abriu um sorriso.

Era estranho vê-la agora, tão perto do casamento. Beatrice já notara que os Ward eram estranhos, ao menos o seu lado que era o novaiorquino. Sean e a mãe quase se evitavam, ou melhor, ele a evitava. A irmã dele, Tess, era praticamente uma estranha e apareceu do nada com uma barriga enorme. Fato que o deixou estressadíssimo. O único que estava sempre aparecendo e era muito próximo de Sean, era Jared. Todos os outros iam e vinham e pronto.

De alguma forma, agora que ela estava prestando atenção nisso, Beatrice achava que Sean os mantinha afastados. Ela não sabia exatamente como, mas era assim. Ele fazia isso com todos, querendo ou não. Ela não conseguia entender como que ao contrário disso, ele a atraía para ficar perto dele.

– Meu bem, que bom conseguir vê-la novamente, antes da loucura do casamento começar – Candace esticou as mãos para Beatrice.

– Já começou... – Bea a cumprimentou.

– Eu já gostei daqui – disse Jared, se adiantando e olhando em volta.
– Passamos pelo píer antes de vir, lugar bonito, garotas lindas... – ele sorriu.

Eles entraram na casa e como a mãe sabia que o noivo estava chegando, se plantou na sala. Logo depois, Belinda Stravos estava em choque olhando para os dois Ward ocupando todo o espaço do portal entre o hall e a sala.

– É ótimo encontrá-la novamente – disse Candace se adiantando para cumprimentar a mãe de Beatrice.

– Também acho – respondeu Belinda, ainda surpresa.

Beatrice saiu de trás dos dois e deu um sorrisinho amarelo para a mãe que lhe lançou um olhar assassino por não avisar que eles vinham, para ela preparar seu psicológico. A família mal começara a lidar direito com Sean. Agora tinham três Ward em casa.

– Vem, vamos lá pra fora onde está todo mundo – disse Belinda.

A maioria do pessoal nem fora apresentada a Sean ainda, foi realmente uma relação pessoal.

– Só tem gente da família aqui – disse Belinda.

Eles foram pelo jardim, conhecendo todo mundo. Sean foi direto falar com Agatha, seu membro preferido da família Stravos depois de Beatrice. Ele nem casara e já era o novo marido de neta preferido dela. Em breve, seria o agregado da família que ela mais gostava. Ela já estava esfregando isso na cara de todo mundo, fazendo todos os maridos se esforçarem para agradá-la.

– Então, vocês vêm em pacote duplo – ela disse quando Sean apresentou Jared.

Ficou mesmo animado depois que o tal padre abençoou as alianças, que não eram bem alianças. Sean usava uma simples e Beatrice tinha aquele anel chique de diamantes que ela nem usava quando estava sozinha por D.C. Logo depois os familiares tinham que gritar seus desejos de um longo e feliz casamento. E quebrar pratos. Eles adoravam essa parte, quanto mais bagunça, mais felicidade.

– Se eu soubesse tinha trazido uns cem pratos – disse Jared, dando um prato para Candace e entrando no clima também.

A mãe de Sean jogou um no chão, deu um pulinho de surpresa e começou a rir.

Eventualmente tiveram que dar um jeito nos cacos, porque tinha gente à beça, crianças e andar por cima deles era complicado para quem estava de salto. Claro que Cherry nem pensou em ajudar, ela não estava aí para isso.

– Eu espero que você a faça feliz – disse Cherry.

Sean se virou e olhou sua futura cunhada; ela estava lhe dando uma checada bem indiscreta. Até hoje eles ainda não haviam tido a oportunidade de conversar. Ele fora interrogado por Rose, que era psicóloga e ficou tentando analisá-lo enquanto descobria qual era a dele com sua irmã mais nova. Mas Cherry nunca pareceu se importar o suficiente para falar com ele. Ela mal parecia se dar ao trabalho de conversar com Beatrice, imagina com o cunhado.

O que era atípico, porque ela era a irmã do meio, mais próxima da caçula, teve mais chance de ficar junto com ela. Geralmente era a mais velha que acabava mais distante da mais nova, mas não ali.

– Eu também – ele respondeu.

– Eu dei uma pesquisada. Mas eu acho bom não enfiá-la num desses casamentos escandalosos de celebridades.

– Eu nem sou uma celebridade. Sou só um empresário.

– Famoso o suficiente pra sobrar pra ela – ela andou por perto dele, enrolando seu cabelo muito bem colorido de loiro. – E eu também vi que você nunca foi chegado em garotinhas.

– Não, não sou mesmo.

– E está fazendo o que com ela? Não prefere algo mais maduro? – ela lhe deu outra olhada indiscreta.

– Ela tem vinte e três anos e é madura. Isso é adulta o suficiente pra mim.

– É uma garota, fedelha que nem terminou a faculdade. E é disso que você gosta? – ela o olhou de cima a baixo. – Pra controlar mais fácil?

– Já vou casar e ainda não consigo controlar. Estranho, não? – ele disse, só sacando a dela.

– Eu já falei que ela vai quebrar a cara, mas não significa que eu queira que minha irmã seja um brinquedo. Sei bem o seu tipo... – dessa vez o olhar dela perdeu a apreciação.

– Sei... sou tipo o seu marido que era cantor de musica country. Festeiro e cheio de mulheres?

– Ele é um cantor. E não é do seu tipo.

– Sim, porque ela também não é do seu tipo. Então fica tudo bem. É assim?

– Afinal, qual é a sua? – perguntou Cherry, insolente.

– Esse é seu teste pra ver se sirvo pra casar com a sua irmã? Você vem, joga charme, mostra outra opção e vê se eu caio?

– Você acha que nunca a livreii de babacas facilmente?

– Ela sabe disso?

– Ela ainda é muito ingênua.

– Talvez, mas não tanto quanto você pensa.

Cherry estreitou o olhar para ele.

– Não sou a Rose, não passo a mão na cabeça, não boto fé nisso e nem sou o tipo irmãzona, mas gosto do meu jeito. Se a devolver destruída, faço picadinho de você – ela estreitou o olhar para ele mais uma vez, chegando bem perto, para ninguém escutar.

– Eu não vou devolver – ele respondeu, correspondendo o olhar.

Cherry lhe lançou outro olhar hostil e insolente e se afastou. Pouco depois Beatrice chegou perto dele e se recostou, passando os braços em volta de sua cintura.

– O que a Cherry estava fazendo por aqui? Estava te cumprimentando?

– É, estava sendo uma irmã mais velha pra variar – ele sorriu e tocou o rosto dela, dando-lhe um beijo leve.

Enquanto isso, Jared estava lá sentado na poltrona ao lado de Agatha Stravos no maior papo da festa. Ele conseguia ser pior do que Sean e ela se divertia muito com o que ele contava. Em certo momento ficaram ambos emitindo opiniões sobre as garotas da festa e olha que eram parentes dela e era ela quem comentava acidamente quando ele dizia que “pegaria”.

Niko Stravos ficou muito à vontade com Candace Ward, os dois tinham assuntos intermináveis sobre culinária mundial. Ela estava a ponto de começar um programa em que um dos quadros seria sobre culinária e, no final da festa, já o queria como convidado para um especial de culinária grega.

– Falei que a avó dela era o máximo – disse Sean, quando Jared se juntou a ele para irem embora.

– É uma pena que ela tenha a idade da nossa tia-avó e isso realmente não faz o meu tipo. Se ela tivesse vinte anos a menos, ia ser uma experiência e tanto. Até cinquenta, se tiver tudo em cima, to pegando. Dava até pra ficar mais de duas semanas.

– Jared! – Candace lhe deu um tapa no traseiro. – Segura essas calças! Eu te proíbo de chegar perto da Madonna, hein!

– Qual é. Não se acha garotas legais assim facilmente. Pelo menos podemos ter uma amizade sincera. Ela me disse que Sean levou a única neta que prestava, dá pra acreditar? São netas dela... eu mentiria.

– Dá pra você não comer ninguém da família Stravos? Se eu não puder trazer você, vou trazer quem? Seu irmão? Pra pegar as adolescentes da família dela? – dizia Sean.

– Seria no mínimo embaraçoso reunir as famílias e você ter passado o rodo em metade das garotas – disse Candace, rindo antes de entrar no carro.

– Você viu a quantidade de garotas que tinha lá dentro? Como é que eu vou saber? Amanhã já não vou me lembrar da cara de nenhuma. Eu vou bastante à Grécia, soube que elas curtem ir lá também... – disse Jared, se divertindo.

– Pergunta antes! – Sean o empurrou para dentro do carro e entrou logo depois.

A Festa de Aniversário

Quando chegou ao apartamento de Beatrice em D.C., Sean já havia ligado para ela umas cinco vezes. Ela não atendia, o que não era o seu comum e ele até ficou preocupado. E para desgosto dele, o prédio era desses que ninguém impede a entrada. Dá para imaginar todas as coisas que ele tinha para dizer sobre isso e ela diria “nunca me aconteceu nada até hoje”?

Ele tocou a campainha e esperou. E esperou. E ouviu coisas caindo lá dentro e o som da chave caindo também e alguém abriu a porta ao mesmo tempo que acendeu a luz. Sean piscou e de repente estava de cara com Donna, lançando-lhe um olhar confuso, com aquele seu cabelo colorido todo bagunçado e com os seios de fora. Após os segundos que ela precisou para acordar, Donna começou a gritar.

– Ai, meu Deus! – ela tampou os seios e fez um escândalo.

Ele até inclinou a cabeça por causa do grito que ela deu.

– Eu juro que não estou olhando – ele disse, mantendo o olhar acima da cabeça dela.

– Não! Não! Piscar meus seios branquelos logo na sua cara? – ela exclamou, puxando um casaco que estava pendurado perto da porta e se cobrindo.

– Não foi bem na minha cara... – ele franziu o cenho. – Beatrice não está aí.

Ele nem precisou perguntar, só pela comissão de boas vindas, já sabia. E logo depois um cara também todo confuso e com as coisas de fora apareceu atrás de Donna. Aquele era o tal cara do jeans rasgado.

– Ah, cara... Tampa isso – disse Sean, mantendo o olhar acima de Donna. – Seios tudo bem, mas esse troço balançando...

– Sai daqui, Ron! – disse Donna o empurrando.

– Quem é esse cara? – perguntou o tal de Ron, com uma voz grogue de sono.

– Não te interessa, some! – ela puxou a porta.

– Eu não ia gostar muito da garota com quem acabei de dormir me mandando sumir assim – comentou Sean.

Donna empurrou a porta de novo.

– Desculpa, Ron! Vai lá pro sofá, ok? É o noivo da Bea.

– O noivo? Ué, ele se perdeu dela? – perguntou Ron, lá do sofá.

– Por que eu teria me perdido dela? – perguntou Sean, agora encarando Donna.

Donna coçou a cabeça e olhou pra ele.

– Ela não disse que ia sair com você esse final de semana... Hoje é aniversário de uma amiga dela lá da faculdade. Eu até ia, mas aí o Ron apareceu...

– Onde é? – perguntou Sean.

Uma hora depois, ele encontrou o lugar, porque Donna era péssima dando direção de qualquer coisa. E nem tinha certeza do endereço. Sean olhou a casa de onde vinha o som e de onde pessoas saíam atrapadas e outras entravam. E Beatrice ainda não estava atendendo o celular. Bem, ele dissera que viria na sexta-feira de noite.

– Ela está aí dentro, patrão? – Marcus franziu o cenho, fazendo cara de escandalizado.

– Eu devia ter trazido o Don, ele é mais chegado em festas – ele brincou.

– Don é um caretão.

– Se ele é tão caretão, por que a esposa deu um pé no traseiro dele de novo? Caretice não foi.

– Não mete o dedo no vespeiro – Marcus riu.

Sean entrou e ninguém perguntou nada. Pelo jeito, pelo horário avançado, se em algum momento houve alguém controlando a porta, a pessoa já estava bêbada. Aquele ambiente não era novidade para ele, mas fazia tempo que não entrava numa festa dessas. Completamente louca e saindo de controle. E ele esperava que Beatrice estivesse ali dentro em algum lugar.

Ela não vivia em locais assim. Para sua idade ela até era calma e responsável demais. Ao menos mais do que a maioria das garotas da idade dela com quem ele foi para festas na época da faculdade, quando ele também tinha vinte e dois. Mas independente do quanto ela não vivesse indo em festas, ainda era uma universitária, livre, leve e solta e sem papai e mamãe para regular o que fazia e que horas voltava.

Sean não se importava, só esperava achá-la bem. E era bom ele não encontrar ninguém com as mãos em cima dela ou alguém ia ter que chamar a polícia e não ia ser para reclamar do som alto. Ele não era tão ciumento; na verdade, se fosse para comparar defeitos, ele era mais possessivo do que ciumento e havia uma boa diferença nisso.

Conforme eles avançavam, viam gente muito bêbada, gente que perdeu peças de roupa, gente que estava sob o efeito de algum alucinógeno, rapazes e garotas brigando, se pegando ou pegando alguma coisa, porque não estavam mais distinguindo. E Sean estava mais preocupado em achá-la bem. Ou simplesmente achá-la.

O primeiro andar estava o caos, tinha uma piscina nos fundos e Marcus tinha certeza que ia achar gente afogada ali. E passavam pessoas ensopadas e quase sem roupa pela frente dele o tempo todo. No segundo andar ficava o som, ali ainda tinha gente vestida e dançando, no momento uma versão dance de Celebration, da Madonna. E havia um bar, com bartenders trabalhando. E pessoas faziam coisas nos cantos escuros, você nem precisava ver para saber.

– Achei, patrão – disse Marcus, agarrando seu ombro e o impedindo de ir mais à frente. Não era fácil ser segurança no meio dessa bagunça.

Tinha um grupo de meninas fazendo a maior arruaça no bar e uma garota no centro, em cima da cadeira, já para lá de bêbada e levantando o copo, brindando a ela mesma e as outras acompanhando. Essa devia ser a aniversariante e amiga de Beatrice. O bartender colocou outra rodada de bebidas e uma delas estava fazendo chafariz, jogando bebidas nas outras. As quase sóbrias fugiam para não molhar o cabelo. As três mais bêbadas abriam a boca para o céu. A aniversariante perdeu o equilíbrio e ia cair, provavelmente de cara no chão.

Marcus estava fazendo multitarefa. Ele conseguiu segurar a garota, rodar, não perder Sean de vista e pôr a garota de pé de novo.

– Você com certeza já virou mais do que dois copos – Sean disse a Beatrice, impedindo a tempo que ela bebesse mais alguma coisa colorida e doce.

Ela piscou várias vezes enquanto o olhava, parecia estar super acordada, provavelmente porque ingeriu alguma coisa com energético. Era tudo colorido, chamativo e doce. Desses que você vira e só percebe

que subiu à cabeça quando levanta e tropeça. Como ela já estava de pé, deu um passo e se apoiou nele.

– Que horas são? – ela perguntou.

– Hora de vazar antes que a polícia chegue – ele disse.

Parecia até que ele estava prevendo. Alguém chamou a polícia, por causa do barulho ou de um corpo na piscina, ele não sabia. Mas os policiais entraram e ele saiu com Marcus e Beatrice, que ele quase carregava, só não a levantou porque os espaços para passar entre aquele bando de gente dançando era apertado.

– Festão! Fiquei lá dentro dez minutos e já me sinto de volta à loucura da faculdade. Devíamos ter trazido o Rico! – disse Marcus, zoando.

Sean foi obrigado a rir da sugestão, enquanto colocava Beatrice no banco de trás e entrava logo depois.

– Esqueceu que eu vinha hoje, garota festeira? – ele disse, sabendo que ela não ia se lembrar disso.

– Não sou festeira... – ela murmurou.

– Sei...

Ela se encostou nele e pouco depois já estava apagada, com os efeitos da mistura de bebidas e o álcool lhe causando sonolência. Sean a carregou para o seu quarto no hotel e ela não parecia estar de porre o suficiente para precisar de um banho gelado. E ele sinceramente não queria fazer isso com ela. Por isso, entrou no banheiro com ela e a sentou e fez perguntas práticas.

– Está se sentindo bem? Quer alguma coisa? Quer botar tudo pra fora?

– Não estou tão bêbada assim...

– Você vai negar isso eternamente – ele disse, soltando as sandálias delas.

– Meu celular...

– O quê?

– Meu celular... – ela balançou a mão.

– Nada de celular essa hora, Bea.

Sean entrou embaixo do chuveiro quente com ela e Bea queria era dormir contra ele. Mas estava ativa o suficiente para querer escovar os

dentes. Ele a fez beber água para se hidratar, a secou, colocou na cama e disse.

– Viu, já estou pronto pra ser babá – ele deu um tapinha traseiro dela e completou. – De mulheres lindas, solitárias e bêbadas.

– Eu te mato... – ela resmungou e escondeu o rosto no travesseiro.

Ele sorriu e deitou junto com ela, abraçando-a e dormindo rápido também, porque ele era resistente, mas não era o Super Homem. Viajar na sexta-feira, depois de uma semana corrida e ir brincar de encontrá-la numa festa, ajudava a esgotá-lo.

Era quase dez horas da manhã quando Beatrice voltou à vida. Ela se moveu no lugar, passou a mão pelo rosto, afastou o cabelo e se virou. Foi quando ficou em choque por não saber que cama era aquela e que quarto era aquele. Ficou momentaneamente perdida e aterrorizada. Ela escutou um som repetitivo e virou o corpo para o lado contrário, Sean estava recostado na cabeceira, usando óculos de armação negra e lentes grandes da Polo Ralph Lauren que era sua marca de horário de trabalho. E digitava sem parar no notebook.

O som de digitação parou e ele a olhou.

– Perdida? – ele perguntou.

– Diz que eu não fiz nada muito doido – ela descansou a mão na testa.

– Além de me esquecer? Não sei. Eu te encontrei com um grupo de garotas loucas e bêbadas, fazendo chuva de bebida. Espero que você não tenha feito nada de que se arrependa.

– Eu já estou arrependida.

Ele esticou o braço e pegou sua caneca, ofereceu a ela que bebeu um gole do latte ainda bem quente.

– Eu devo estar parecendo a assombração da bêbada da fonte – ela se virou e ia se levantar quando notou que estava nua. – Sean! – ela gritou.

– Você não estava tão bêbada assim porque nem me fez confissões vergonhosas. E seu vestido estava molhado com aquela bebida colorida. Mande lavar tudo.

Ela saiu da cama, enrolada no lençol e tropeçando porque ele era muito grande. Sean começou a rir dela que entrou no banheiro, em busca de um pouco de dignidade, uma escova e água bem gelada para o seu rosto.

Sean voltou a digitar e pouco depois ela saiu do banheiro, com o lençol dobrado e usando uma das camisas dele.

– Sean...

– Estou ocupado e esquecido.

– Por quê?

– Você sabe que se esqueceu de mim ontem, não é?

– Eu não...

– Você também não estava tão bêbada assim pra fingir amnésia – ele disse, olhando a tela e, para falar a verdade, queria rir dela.

– Eu não lembro muito bem das coisas depois que você me tirou da festa.

– É, eu podia ter feito coisas inimagináveis com você – ele disse, deixando um sorriso leve aparecer. – Mas você me esqueceu, na verdade me deu um baita bolo. Eu acho que devia estar mais chateado com isso. Mas vou escolher ficar magoado por ter sido tão facilmente esquecido.

– Não esqueci... – ela ficou de joelhos na cama. – Você tem uma aspirina aí?

– Os males da bebida... – ele esticou o braço, pegou a caneca de novo e já tinha a aspirina sobre o criado mudo. – Toma duas e se começar a se lembrar de coisas muito estranhas, acho melhor não me contar. O que os olhos não veem o coração não sente.

– Eu não fiz nada!

– Só me esqueceu...

Ela tomou as aspirinas e coçou a cabeça.

– Meu celular sumiu – ela olhou em volta como se fosse ver o aparelho em algum lugar. – Alguém pegou!

Bem que ele se lembrava de ela ter ficado murmurando sobre o celular enquanto estavam banheiro.

– Ok – ele pegou seu celular e colou ao ouvido, falando por um momento com um dos seus seguranças, depois olhou para ela. – O que mais eu posso resolver pra você?

– Você está trabalhando no sábado! – ela olhou para o notebook.

– Vai tomar café – ele apontou para a mesa e voltou a digitar. – Você precisa se alimentar e se hidratar.

Ela bufou e levantou, porque estava com um buraco negro no estômago, como se o álcool a mais que ingeriu ontem tivesse acabado com todo o estoque de dias que o corpo dela possuía. Ele havia pedido o café da manhã ao serviço de quarto e ela ficou lá comendo, lançando olhares aborrecidos para ele e seu notebook.

– Eu não te esqueci... – ela disse, depois de terminar seu café. – Eu só confundi os dias.

Ele continuou digitando, mas olhou-a por cima da tela do seu notebook.

– Nós já estamos juntos a tempo suficiente pra eu saber que você é furona, dada a atrasos, inventa as desculpas mais doidas e contraditórias e eu sempre me diverti com isso. Mas eu vou fingir que sou um cara normal e ficar aqui amuado e magoado por mais uns minutos por você ter me esquecido.

– Você está usando isso como desculpa pra terminar seja lá o que está fazendo aí.

– Beatrice, você me esqueceu... – ele disse, olhando rapidamente sobre o notebook.

Ela prensou os lábios e andou pelo quarto, cruzou os braços e ficou olhando pela janela, depois se ocupou prendendo o cabelo no alto da cabeça, cansou de arranjar o que fazer e voltou à cama. Ela sentou sobre as pernas e ficou olhando para ele com aquela cara de mágoa. Sean parou de digitar e olhou para ela pelo canto do olho; ela merecia um tapa no traseiro por ficar invertendo a situação. Ela era ótima em fazer isso.

– Diz que vai embora – ele falou, colocando o notebook no chão ao lado da cama.

– Eu vou embora! – ela até fez um bico para acompanhar.

Sean deu uma risada, jogando a cabeça para trás.

– Vai? – ele perguntou ainda sorrindo.

– Vou!

– Sem roupa?

– Com a sua camisa!

– Sem calcinha?

– Eu vou mesmo!

Ele gargalhou e depois balançou a cabeça.

– Eu te odeio, Beatrice. Você não me deixa nem ficar putto!
– Não... – ela fez uma cara magoada.
– Você que me esqueceu e você que fica magoada? Você é descarada.
– Não esqueci! – ela se abraçou a ele, até fazendo-o bater contra a guarda da cama.

Ele passou as mãos pelas costas dela e sorriu contra seu cabelo enquanto ela continuava agarrada ao seu pescoço como se fossem precisar lutar para fazê-la soltá-lo.

– Eu só confundi o dia – ela deitou a cabeça no ombro dele.
– Eu sinto tanto a sua falta durante a semana que eu não ligo pra nada que você apronta no final de semana.
– Ei! – ela deixou os antebraços nos ombros dele e o olhou. – Eu não apronto nada!

– Sou eu que apronto, né?

Ela ficou olhando para ele e se ajeitou, passando o joelho para o outro lado, depois começou a beijá-lo na bochecha, no queixo, nos lábios e ele deixou, até ajudou.

– Quer ser recompensado pelo meu esquecimento? – ela perguntou.
– Não era um engano?
– É... – ela voltou a beijá-lo, agora no pescoço.

Sean inclinou a cabeça e segurou a cintura dela, mas ela o escutou rindo baixo.

– O que foi?
– Você está me distraindo de propósito.
– Claro que sim.

Eles ouviram uma batida na porta e Beatrice se virou rapidamente.

– Será que encontraram meu celular?

Ela pulou da cama e correu para a porta.

– Olha antes, Bea! – disse Sean, ficando de pé.

Era Don e ele balançou o celular no ar à frente dela que o pegou rapidamente.

– Wow, que eficiência, Don!

– Brincadeira de criança. O garoto tava caído lá perto da piscina, bêbado e com o seu celular no bolso. Peguei o celular e joguei o cara na água pra acordar pra vida – disse Don, antes de segurar a maçaneta e

fechar a porta, deixando-a do lado de dentro, como se ela fosse demorar demais para fechar depois que ele saísse.

Ela voltou correndo para a cama, onde Sean tinha se recostado novamente.

– Ele achou!

– Eu escutei...

Bea jogou o celular na poltrona e voltou para perto da cama.

– Você quer ou não ser recompensando? – ela perguntou, fazendo uma cara sacana.

Ele franziu o cenho e colocou as mãos atrás da cabeça, se fazendo de difícil.

– Não sei, pensei em dormir. Foi uma semana pesada – ele disse isso, já se divertindo com a cara dela.

Estreitando os olhos, ela chegou mais perto da cama, soltou o cabelo e começou a abrir os botões da camisa dele que ela estava usando. Sean estampou um sorrisinho sacana e ficou observando tudo que ela fazia, já sentindo a ereção despertar. Depois de abrir toda a camisa, ela subiu sobre ele, apoiou as mãos no seu peito e o beijou.

Sean ia tirar as mãos de trás da cabeça, mas ela as segurou lá.

– Nada disso, se é pra ser recompensado, vai ficar assim – ela manteve as mãos nos bíceps dele e voltou à sua boca, deslizou a língua pela dele e quando ele já estava completamente entretido no beijo, Beatrice moveu o quadril sobre o dele, provocando a ereção que ela já causara.

Ela puxou a camiseta dele e a retirou, colocou os braços dele onde estiveram, apoiando sua cabeça e voltou à sua exploração.

– É, tem razão, eu mereço – ele disse, deixando-a tocar onde quisesse.

– Seu convencido – Beatrice passou as mãos sobre o peito dele e se inclinou, divertindo-se em acariciar com a língua os pequenos mamilos masculinos onde ela particularmente gostava muito de brincar.

– Sua tratante esquecida.

Ela desceu mais, deixando seu cabelo passar pelo abdômen dele enquanto seus dedos empurravam a calça do pijama e ela a tirava.

– Agora a camisa – disse Sean.

Ela levantou a cabeça e o olhou, Sean desceu o olhar por ela, vendo o espaço entre seus seios que estava exposto pela camisa aberta.

– É pra ser recompensado, não se tornar um mandão.

– Desce devagar pelos ombros – ele disse, achando que sua recompensa com certeza incluía isso.

Ela empurrou a camisa pelos ombros, deixando-a descer lentamente e a soltando na cama. Voltou a se inclinar e segurou o membro duro, colocando a cabeça na boca e o chupando lentamente até pegar ritmo. Quando ela o tirou da boca e começou a lambê-lo, ele teve que fechar os punhos e gemer alto para não agarrar o cabelo dela e foder sua boca do jeito que queria.

Beatrice lambeu até a ponta e o colocou na boca novamente, descendo as mãos e apalpando suas bolas enquanto chupava só a ponta.

– Isso, Bea, elas não estão aí de enfeite...

Ela quis rir, mas sua boca estava cheia demais, então só sorriu e levantou o olhar pra ele.

– Engole mais – ele disse.

Como resposta ela estreitou os olhos para ele e desceu a cabeça, engolindo tudo que conseguia do membro duro e grosso, sentindo-o alcançar sua garganta. Sean gemeu mais alto, segurou o cabelo dela rapidamente com as duas mãos e colocou sua cabeça no ritmo certo. Ele a puxou para cima, mas ela apertou as coxas dele, chupando até ele estremecer e ela sentir seus músculos se contraindo sob seus dedos e precisar engolir rápido para dar conta dele.

Sean recuperou o fôlego, segurou o cabelo dela na nuca, levantando sua cabeça e a beijando. Ela deu um soquinho no peito dele que parou e a olhou.

– Essa sua ideia de recompensa é extasiante, Beatrice – ele se ajoelhou e a puxou para o meio da cama. – Mas eu passo a semana toda pensando em você e doido pra pôr minhas mãos em você novamente.

Ela gemeu, superexcitada com o que esteve fazendo, tanto que seu corpo agora quase doía com a vontade de ser tocada. Sean pegou a camisa dele que Beatrice esteve usando, a esticou e enrolou no ar, passando por cima da cabeça dela.

– Você podia ter deitado e aberto as pernas, era uma recompensa perfeita pra minha boca.

Ela gemeu em resposta, pronta para fazer isso agora. Sean a surpreendeu e passou a camisa em volta dos pulsos e dos antebraços dela, prendendo-a rapidamente.

– Sean! – ela exclamou quando ele deu o primeiro nó.

– Nunca fiz isso com você, Beatrice – ele puxou o nó, segurando pelas mangas que lhe davam controle de como a havia prendido. – Mas hoje você me esqueceu, merece um castigo.

– Eu não esqueci! – ela tentou puxar os braços.

Sean puxou de volta, com a camisa presa daquele jeito ele controlava se ela dobrava ou esticava os braços e se os abaixava ou levantava.

– Negação não vai te ajudar dessa vez – ele a deixou de joelhos e apoiou a mão na nuca dela a inclinando até sua testa encostar nos antebraços apoiados na cama e controlados por ele. – Fica bem quieta.

– Não consigo! – ela tentou mover os braços, mas ele os mantinha presos com a camisa e ela precisava do apoio.

Sean soltou sua nuca, mas ela não podia sair daquela posição, por causa dos antebraços que ele prendera bem juntos. E ela ainda sentia seu corpo arrepiar com o toque dele descendo pelas suas costas, passando pelo seu traseiro e chegou a estremecer quando os dedos dele afastaram seus grandes lábios e a encontraram muito úmida.

– Eu gosto de saber que você fica louca de tesão quando me chupa – os dedos dele deslizaram por ela, espalhando sua umidade por cima do seu clitóris já inchado de excitação e arrancando mais gemidos dela.

Ele puxou a camisa, fazendo-a virar um pouco, à posição exata que ele queria. Beatrice sentia a tensão no tecido que ele mantinha preso no punho para ela não conseguir sair do lugar.

– Eu quero ter certeza que você não vai mais me esquecer – ele disse, penetrando dois dedos nela e sentindo como seus músculos internos se agarravam a ele.

– Eu não vou... – ela disse baixo, fechando os olhos e movendo o quadril em direção aos dedos dele, querendo mais, qualquer coisa.

– Não vai mesmo? Quer que eu pare? – ele parou, com os dedos bem dentro dela, levemente curvados, pressionando o lugar certo.

– Não! Eu não vou... Sean, eu não esqueci... Foi... – ele tirou os dedos de dentro dela, fazendo-a achar que ele ia parar. – Um engano!

– Eu tenho certeza que foi – ele levou os dois dedos a boca e os sugou, sentindo o gosto dela.

Bea escutou o som da sucção e gemeu, numa mistura de excitação e sofrimento por só poder imaginar, ela virou a cabeça, tentando vê-lo melhor.

– Eu consigo até imaginar o que você fez antes de eu chegar – ele puxou o tecido, só para mantê-la atenta e Beatrice se moveu, o cabelo acabou caindo sobre seu rosto.

Sean pegou no traseiro dela do lado direito como se estivesse afastando para ter uma visão perfeita e ela mordeu o lábio, levemente embaraçada com toda a exposição, mas excitada demais para se preocupar. Ela sentiu a ponta da língua dele brincando na entrada do seu sexo, seus dedos esfregaram seu clitóris sem delicadeza, enviando um choque de prazer pelo corpo dela.

Beatrice sentiu seus joelhos perderem a força e sua testa encostou nos seus punhos presos, roçando no tecido da camisa. Ela estava dizendo o nome dele, repetidamente e gemendo alto o suficiente para ser embaraçoso se tivesse alguém no quarto ao lado.

Ela tentou se mover para ter mais apoio, mas ele segurava com força a ponta da camisa, mantendo-a controlada. Os dedos dele, completamente úmidos dela, deslizavam fácil demais, pressionando e esfregando seu clitóris sem parar, sem dar chance ao corpo dela de processar todas as sensações. Ele a chupava no mesmo ritmo, sentindo-a tremer, com os músculos sem força e sem conseguir raciocinar para pensar nos sons que fazia.

Ele não a deixou tombar, tampouco soltou o aperto da camisa que a prendia ali. Beatrice gritou, enterrando as unhas nas próprias mãos que ela nem podia abrir e cerrando os olhos. O orgasmo dela foi tão forte que ele sentiu no próprio corpo enquanto a penetrava com a língua, sentindo-a latejar em volta dela.

Sean passou a língua pelos lábios e beijou onde estivera chupando. Ela ofegava e os sons que emitia pareciam choramingos de prazer, porque agora eram agudos e baixinhos. Bea nem conseguira abrir os olhos ainda.

– O que você andou fazendo antes de eu chegar, você lembra, Bea? – ele puxou a camisa, fazendo-a ficar só sobre os joelhos e olhá-lo.

– Não, eu... – ela respondeu, confusa. – Eu bebi...

Ele a observou, ela o olhava com aqueles olhos dourados, límpidos e pedindo a ele para chegar mais perto. Sean a puxou pelo nó da camisa em seus pulsos e a beijou, passando a língua pela sua de forma gulosa e interrompendo o beijo antes de ela se recuperar.

– Sentiu o gosto do seu orgasmo? – ele perguntou, com os lábios roçando os dela. – É o meu doce preferido – Sean a beijou de novo.

Beatrice abriu os olhos quando ele terminou o beijo e a puxou pelo cabelo, segurando-a também pela camisa que a prendia e a deitou na cama. Sean deixou as pernas dela abertas no ar e admirou a vista. Ele ficou de joelhos entre elas e puxou os braços dela para cima, descendo o olhar faminto pelo corpo dela.

– Você sabe o que eu quero – ele disse.

– Não... – ela tentou mover os braços, mas constatou que continuava muito bem presa pela camisa.

Sean segurou seu pau, duro e grosso, pulsando novamente só de olhar para ela. Ele esfregou a cabeça sobre o sexo dela, passando entre seus grandes lábios, subindo até seu clitóris onde deu leves batidinhas.

– Pede – ele mandou.

Ela murmurou e remexeu o quadril no lugar, querendo mais contato.

– Não...

Sean deu um puxão na blusa, tirando o tronco dela da cama e a trazendo para ele. Bea se moveu, querendo chegar perto dele, mas não conseguia. Ele manteve os braços dela no ar e ela sentiu os músculos protestando, mas seu gemido foi de prazer, quando ele se inclinou e capturou com a boca o mamilo rígido que despontava, excitado, apontando pra ele.

Beatrice inclinou a cabeça e pediu por mais, ele a soltou de repente, deixando-a cair na cama outra vez e levantando suas pernas no ar.

– Agora – ele disse.

– Sean... – ela fechou os olhos por um momento, sentindo-o contra a entrada do seu sexo – Me fode.

Ele entrou dentro dela de uma vez, Beatrice perdeu o fôlego, depois soltou num suspiro surpreso. Ele tirou e penetrou de novo e ela deixou

escapar um gritinho de prazer e não parou mais. Sean prendeu a camisa na guarda da cama, o que prendeu os braços dela para cima.

– Talvez você não me esqueça de novo, Bea – ele apoiou as mãos na cama e manteve as estocadas fortes, indo até o fundo.

– Não! Não vou! – ela gritou numa voz mais aguda. Com os braços presos na guarda eles se moviam um pouco, só para frente e para trás, no ritmo que Sean a fodia. – Droga, eu vou!

Ele colocou as mãos nos seios dela, apertando e levantando e mudou o ritmo e o foco das estocadas, deixando mais rápidas e mais curtas. Beatrice quase se contorceu e tentou prender as pernas nele, mas Sean não deixava. Ele beliscou os mamilos dela, os friccionando entre os dedos, sem parar nem um minuto e ela estava novamente emitindo aqueles sons que pareciam choramingos de prazer.

– Vai me esquecer novamente, Bea? – ele cobriu os seios dela e a penetrou até o fundo, fazendo-a jogar a cabeça para trás e revirar os olhos.

Quanto mais ela balançava os braços presos, mais barulho eles faziam.

– Não! – ela gritou. – Droga... Sean!

– Repete meu nome pra você não me esquecer mais.

Ela murmurou algo, já muito além para começar a dizer coisas que faziam sentido. Ele manteve as pernas dela no ar, abertas ao máximo que dava e a fodeu enquanto ela repetia seu nome, às vezes em murmúrios, outras entre gemidos e no fim, aos gritos. Ela o apertava sem parar dentro dela, pulsando tão forte em volta do pau dele que arrancou o seu orgasmo para acompanhar o dela.

Sean começou a gozar dentro dela, precisou apoiar uma mão em seu joelho porque o prazer era tão intenso que até ele precisava de apoio. Ele tirou e deixou jatos de sêmen nas coxas delas, no seu sexo e no seu ventre. Beatrice ainda sentia seu corpo estremecer do orgasmo, ela mal piscava e tentava respirar junto com seus ofegos. Ele se inclinou, soltou os braços dela e os descansou na cama com cuidado. Passou as mãos pelo cabelo dela carinhosamente, afastando do seu rosto e a beijou devagar. Bea nem tentou abraçá-lo, seus braços não obedeciam, mas o resto do seu corpo também não.

– Eu não vou mais trocar os dias... – ela murmurou para ele.

Sean sorriu e tombou para o lado na cama, levando-a junto e a abraçando.

– Eu sei – ele beijou seus lábios e acariciou suas costas.

Beatrice ficou parcialmente sobre ele, se ajeitando e aconchegando ao seu corpo. Ela sorria, dolorida em algumas partes, totalmente saciada e com certeza não ia esquecê-lo nunca mais.

O celular de Sean tocou sobre o criado mudo, ele só esticou o braço e o pegou.

– Patrão – era a voz de Don. – O senhor do quarto ao lado acordou e saiu assustado. Ele disse que está acontecendo alguma coisa suspeita aí. Disse que tem uma mulher em apuros.

Sean começou a gargalhar, ele não conseguiu parar.

– Sean? Quem é? – perguntou Beatrice, levantando a cabeça.

– Não tem nada errado aqui, Don – disse Sean, ao celular, ainda rindo. – Ele deve ter sonhado.

– O cara do quarto ao lado escutou? – ela arregalou os olhos.

Sean soltou o celular no chão e voltou a abraçá-la.

– Vamos trocar de hotel por um tempo... – ele disse baixo.

– O quê?

– Não reclama, você ainda está de castigo por me esquecer.

– Não esqueci, Sean! Foi um engano.

– Se continuar negando, vou te prender de novo.

– Acho que sua camisa está arruinada.

– Compro outra só pra usar com você.

O Triplex

Eles desceram do carro em frente ao Clarence e passaram direto pela recepção. Não era a primeira vez ali, mas antes ainda não era o triplex deles, era só a obra que alteraria os três últimos andares do prédio.

– Pra falar a verdade ainda não é nada – disse Sean, enfiando a chave na porta.

– É sim, quase uma casa.

Ele abriu a porta e eles observaram aquele breu que só se iluminava lá no fundo do grande apartamento por causa das janelas.

– Wow, Sean. A porta pro mundo das trevas – disse Bea.

– É nossa casa, não chame de trevas antes do casamento.

– Patrão, tem certeza que isso é seguro? – perguntou Don.

– Ai! – gritou Beatrice se sobressaltando. – De onde você saiu?

– Cacete, Don. Você aprendeu a flutuar ou alguma merda dessas? – perguntou Sean.

– Vai ver ele está aparatando – disse Beatrice, brincando. – Harry Potter, uh?

Sean se virou para o segurança que ainda olhava para o breu do apartamento com desconfiança.

– Leu Harry Potter, Don?

O negro alto e super largo lançou um olhar sarcástico para Sean.

– O que acha que faço no meu tempo livre das viagens? – ele perguntou.

– Chorou quando o Dumbledore morreu? – quis saber Beatrice.

– Ele morreu? Estou no quarto livro – disse Don.

– Ai, meu Deus! – Beatrice começou a rir.

– Sai daqui, Don! – disse Sean, rindo da cara que ele fazia. – Seu território é no andar de baixo.

– E já tem luz lá?

– Tem tudo. Vaza.

Beatrice ia entrar no apartamento, mas olhou Sean antes.

– Ei, não vai nem me carregar agora que é oficialmente nossa futura casa?

– Nem casamos ainda e se você continuar sumindo assim vou ter que te arrastar pro altar – ele a pegou no colo e entrou no apartamento. Parou logo depois e acendeu a luz.

– Ah, agora sim! – ela disse, empurrando a porta que bateu atrás deles.

Sean continuou carregando-a até perto das janelas e a colocou ali.

– Achei que não ia vê-la esse final de semana – ele disse, arrancando a bolsa dela e a puxando para ele, beijando-a.

Beatrice deixou escapar um som de pura satisfação e soltou seu peso contra ele, abraçando-se ao seu pescoço e o beijando de volta.

– Saudade? – ele perguntou baixo, com os lábios ainda próximos e olhando sua boca com cobiça.

– Muita – ela deu um beijo nele. – Você quase morreu de saudade?

– Nem sei como estou aqui de pé – ele sorriu e a levantou só um pouco do chão, levando-a para perto do outro interruptor e acendendo mais luzes.

– Wow, Sean, está ficando bonito.

– Não tem nada aqui, Bea.

– Claro que tem! Olha as paredes pintadas nas cores que eu escolhi, o piso que eu quis, olha... já instalaram as bancadas que eu queria na nossa mini cozinha. Pra cozinha principal do andar de baixo eu vou encomendar pra designer de cozinhas que mais amo.

Ele foi atrás dela, rindo de tudo que ela dizia. Ele havia finalmente descoberto o que a fazia pirar. Ela nunca queria nada, não ligava muito para qualquer coisa comprável e que não fosse para ela vestir ou comer. Então o quê? Óbvio, decoração. Beatrice não queria só trabalhar com isso, ela amava o que fazia.

– Eu estou começando a achar que foi um erro dizer que você podia fazer o que quisesse.

– Foi lindo, Sean. Totalmente mágico. Melhor do que qualquer outro presente! – ela disse, lembrando que antes da obra ser terminada, ele tampou seus olhos, levou-a até ali e lhe disse que os três andares eram seus, para decorar tudo do jeito que quisesse e com o orçamento livre. Ela quase morreu. Para uma garota como ela, esse era o melhor presente do mundo, nada podia bater isso.

Sean só pediu algumas coisas para o primeiro andar, onde ia ser a central de segurança pessoal deles e ia finalmente dar o conforto devido aos seus garotos da segurança. Beatrice adorou, fez projetos personalizados para cada cubículo de cada segurança. E da área livre e até do pessoal que não ia a campo. Havia mais ali do que ela sabia, mas ela já havia se conformado com todo aquele esquema e o motivo era real o suficiente para ela.

– Se você continuar com esse sorriso enorme eu vou acabar comprando um prédio inteiro só pra você decorar e rir assim pra mim – ele a segurou pelo quadril e se inclinou para beijá-la.

– Eu te mataria! – ela disse, segurando na camisa dele e fazendo charme para beijá-lo.

Ele ficou abraçado à cintura dela e a olhou, agora mais seriamente.

– Nós realmente temos que trabalhar nos nossos horários, Bea.

– Tudo bem. Vamos trabalhar seriamente! – ela riu e o beijou.

Os dois foram se beijando pelo apartamento e arrancando as roupas até chegarem perto das janelas e acabaram fazendo amor na parede bem ao lado. Em certos momentos foi na janela mesmo, mas não havia nada à frente do prédio, só o Central Park, ninguém ia ver.

– Você quer mesmo acampar na sua futura casa? – ele perguntou, deitado junto com ela, perto da mala.

– Achou que eu não teria coragem, não é? Você acha que sou fresca? Eu que te desafio a passar a noite aqui!

– No chão? Bea, estou velho...

– Seu fresco!

Ele riu.

– Já tive minha cota de dormir no chão.

– Foi? Onde?

Sean desviou o olhar e se sentou.

– Na faculdade, quando acordava de ressaca.

– Ah! – ela puxou o casaco e o enfiou pelos braços para cobrir sua nudez. – Vamos pedir pizza?

– Claro, por que não?

Sean pegou o celular e ligou para o primeiro número de pizzaria na discagem rápida. Bea ficou andando pelo apartamento, olhando os detalhes já prontos e acendendo mais luzes.

– Vai ficar lindo, Sean!

– Ah vai, especialmente agora que inaugurei. Já te fodi no chão, contra a parede, apoiada na janela e estou planejando usar a bancada da cozinha.

– Seu sujo!

Ele gargalhou lá de onde estava, no que futuramente seria a sala de jantar do segundo andar. Beatrice apareceu subitamente, encostando na parede e o olhando.

– Tem algo alcoólico aí, Sean?

– E desde quando você aguenta beber? Lembra o que aconteceu da última vez?

Ela chegou a corar ao lembrar-se exatamente do que acontecera.

– Com você, eu posso... – ela deu um sorriso que o convenceu.

– Eu sei onde conseguir... – ele disse e sacou o celular de novo. Em Nova York, era só ter dinheiro para pagar e saber onde pedir que você conseguia entrega de tudo.

Meia hora depois, a campainha tocou. Beatrice pulou de pé e fechou o casaco, Sean foi fechando a calça e pegou sua carteira.

– Fica aí – ele disse.

– Até parece que o cara não passou pela segurança antes de subir – ela respondeu.

– Você está ficando muito mal acostumada.

Do lado de fora, estavam dois entregadores e Don atrás deles como se os estivesse vigiando. Sean recebeu as caixas de pizza, as bebidas e entregou a caixa de cima para Don.

– Sua preferida ainda é peperone, não é? – ele perguntou.

– Devo me preocupar, chefe? – perguntou Don, disfarçando um sorriso e o olhando, sem camisa, descalço e só de calça. E com certeza estava em mais alguma ideia junto com Beatrice.

– Claro que não, some.

Ele voltou para o apartamento e Beatrice apareceu de repente.

– E os copos, Sean?

– Você não quer ser selvagem? Vai beber do gargalo – ele desafiou.

Eles sentaram perto da janela de novo e começaram a comer e a dividir o gargalo. Havia champanhe e vinho, ambos caros demais para

eles estarem acampando no apartamento. Tudo bem que o triplex valia a pena, mas estava mais nu do que os dois.

Quando Beatrice estava um pouco alta, ela levantou, levando a garrafa e achou a escada para o topo.

– Beatrice, volta aqui – Sean levantou e subiu atrás dela.

– Eu ainda não vi como ficou depois que terminaram a sala – ela apontou para a penthouse do edifício.

– É pro Jared, faz diferença? – ele disse, fingindo pouco caso.

– Seu primo gato precisa de um lugar decente pra receber os casos dele aqui da cidade – ela riu.

– Ei – ele a pegou pela cintura. – Gato é o cacete!

Ela riu mais ainda e o empurrou, deixando a garrafa no chão, ele a pegou e afastou dela.

– Já pensou em nadar nua, Bea?

– Você está me propondo isso porque acha que estou bêbada o suficiente pra aceitar?

– Está?

– Não tanto... Me devolve a garrafa e te respondo em cinco minutos.

– Não, chega – ele começou a abrir a calça. – Entra na água.

– Se eu estivesse realmente bêbada, ia me afogar, você sabe.

Ele desceu a calça e ficou nu ali mesmo. Bea mordeu o lábio, estava sim bêbada o suficiente para concordar com isso sem um pequeno ataque de timidez e dúvida sobre alguém conseguir ver o topo do Clarence no meio da noite. Seria um ótimo material para a imprensa veicular antes do casamento. Ao menos ninguém mais ia poder especular sobre os motivos para se casarem.

Ela testou a água com o pé, não estava quente, mas estava agradável. Então tirou o casaco, a calcinha e entrou devagar, nadando por perto da borda. Sean mergulhou e nadou até ela.

– Acho que o Jared já passou por aqui... – ela disse.

– Ele estava se gabando sobre a penthouse ficar pronta antes – disse Sean, chegando perto dela.

Beatrice nadou por perto dele, mas afundou subitamente e ele a puxou para cima, a segurando enquanto ela ria. Ela se abraçou a ele e começou a beijá-lo, como eles estavam nus na piscina, não ia acabar bem.

– Subitamente a água parece ter esquentado – ela disse, passando o corpo pelo dele com facilidade e enrolando as pernas nas suas.

Sean sorriu e segurou na borda, beijando-a e descendo a outra mão e a pegando pelo traseiro para ficar bem colada a ele. Beatrice se moveu, o excitando mais e se segurando só nele para não acabar afundando. Quando Sean já estava completamente entretido por ela e bem distraído, Beatrice o surpreendeu, o empurrando e o afundando. Depois ela começou a rir e nadou para longe.

– Eu acho que sei por que você não pode beber – ele disse, nadando atrás dela.

Ela riu mais, saiu da piscina, pegou o casaco e se enrolou nele.

– Não estou bêbada, já disse! Você me viu bêbada, eu apago ou fico murmurando maluquices.

– Cuidado pra não tropeçar – ele disse, saindo da piscina e pegando a calça. – Maluquices como “Sean, meu celular”, “não estou tão bêbada” e a melhor, “não te esqueci”!

Beatrice atravessou o espaço até a penthouse e mexeu na porta.

– Será que está do jeito que ele queria? Eu gostei.

– Você fez em cima do que ele desejava, não é? Então está ótimo.

– Jared foi meu primeiro cliente como trabalho solo.

– Nada disso, seu primeiro cliente fui eu.

– Ah, que ciumento! – ela riu. – Na verdade, não foi nenhum dos dois. Foi o meu pai. Ele me deixou fazer a casa do jardim inteira.

Ela abriu a porta que dava direto à piscina e acendeu a luz, entrou e foi olhando em volta. Jared já viera ver, mas ainda não ficara hospedado em sua nova casa, estava preso com o trabalho. Geralmente quando vinha a Nova York, ele ficava no quarto de hóspedes de Sean.

Agora que iam se mudar para o triplex, ao invés de ficar lá onde havia o segundo andar inteiro livre para hóspedes, ele se encantou pela penthouse. Se ele não ficasse com ela, ninguém ia ficar, porque Sean não ia deixar uma pessoa desconhecida morar numa casa diretamente ligada à sua. Era a solução perfeita.

– Olha, Sean! Cama! Ele já tem cama! – ela disse, como se fosse a descoberta do ano.

Ele começou a rir e olhou em volta.

– Ele tem camas. No plural – Sean observou.

Ela correu para ver o outro quarto, aquele era o quarto de Jared, o outro que ela viu era de hóspedes. Beatrice se encostou contra Sean e suspirou.

– Acho que agora eu estou ficando meio bêbada, Sean... o que era mesmo que estávamos bebendo?

Ele inclinou a cabeça e riu, pegou-a no colo e andou para outro quarto.

– Ok, vamos ver se o quarto de hóspedes do Jared vale a pena.

– E o desafio de passar a noite no triplex?

– Ganhamos, estamos em cima dele – ele a deitou na cama e tirou seu casaco úmido.

Beatrice se virou e esperou até ele deitar e abraçá-la.

– Às vezes eu fico pensando sobre o que estamos fazendo e me assusta um pouco, não acontece com você? – ela perguntou.

– Não, é que você está mais sóbria do que eu pensava.

Ela deu um tapinha na mão dele.

– Sim, é aterrorizante, Bea. Por isso que eu durmo bem abraçado a você, passa rapidinho.

– Eu até gosto desses seus ataques repentinos de romantismo. Acho que nós dois não somos muito românticos. Bem, somos, mais em atos do que em palavras.

– Concordo, mas assim é melhor. As pessoas podem falar eternamente e não fazer nada. Além disso, se você quiser, começo a falar um bando de abobrinha açucarada.

– Eu te bato! E cancelo o casamento!

Sean ficou sorrindo e continuou abraçado a ela.

Quase Casando

Dizem que noivas têm direito de ficar loucas, insuportáveis, nervosas e chorosas antes do casamento. Como uma espécie de TPM pré-nupcial. Então se Beatrice matasse alguém, não iam culpá-la, não é?

– Eu estou enorme, não estou? Esse vestido não vai caber daqui a vinte dias! – disse Beatrice, olhando seu belíssimo e caríssimo vestido de noiva, recém-terminado e preso num modelo sob um suporte alto como se estivesse em exposição.

– Qual deles? – Rose franziu o cenho. – Já me perdi de novo – ela olhou a irmã que arrancava o vestido que usaria na festa de casamento e o jogando em cima do pufe e saindo de calcinha e sutiã.

Tudo para horror da organizadora do casamento.

– Eu não quero esse, é horrível. O decote é horroroso. É mais branco que o vestido do casamento! – ela disse lá de dentro do banheiro enquanto enfiava sua roupa de volta.

– O quê? – gritou a organizadora. – O vestido do casamento? – ela continuava gritando, aterrorizada. Era o maior casamento da sua carreira, se a noiva enlouquecesse, ela ia cortar os pulsos antes dela.

– Não, esse – disse Rose, pegando o vestido jogado no pufe e dando pra mulher. – O outro era melhor, ela prefere azul – ela opinou.

Beatrice saiu do banheiro, chutou os saltos, enfiou os pés nas sapatilhas e saiu, deixando tudo para trás. Seu problema não era com as roupas, apesar de estar de saco cheio delas. Estava insegura e quanto mais perto chegava, mais ela ficava sem saber para onde correr. Era normal, ela esperava, e assim diziam os outros. Até sua irmã já casada.

Mais tarde, depois que o surto de nervosismo dela já havia passado, mas ainda permanecia sem querer falar com ninguém, sua irmã abriu a porta da suíte dupla que dividiam e enfiou a cabeça para dentro.

– Você tem visita – avisou Rose, entrando no quarto de Beatrice e indo se jogar na cama.

Ela não estava de bom humor, mas levantou e foi até a sala da suíte. Assim que entrou no cômodo, viu Sean dando passos ao acaso à frente das janelas que davam uma boa vista da cidade. Ele havia vindo direto do trabalho, mas pelo menos já se livrara da gravata e do paletó que ela podia ver nas costas da poltrona perto dele. Beatrice só andou até lá e se abraçou à cintura dele, descansando o rosto contra seu peitoral.

– Mesmo estando na mesma cidade, eu não consigo te ver – ele disse baixo, apertando-a mais entre seus braços. – E sua irmã disse que você estava temperamental – ele sorriu levemente, escutando-a dar um muxoxo.

– Você não está nervoso? Nem um pouco?

– Aterrorizado – ele disse, acariciando as costas dela.

– De verdade? – ela levantou o rosto para ele.

– Claro que sim. Eu não sei o que estamos fazendo, sei que vamos entrar naquela igreja e prometer o resto da vida um pro outro.

– Hoje em dia as pessoas não levam essa parte a sério. Casam como se fosse uma brincadeira e se divorciam como se fosse parte do negócio.

– Não – ele negou com a cabeça e acariciou o rosto dela. – Nós não. Depois que sairmos de lá, vai ser pra sempre. Mesmo que você queira se livrar de mim, provavelmente vou ser um péssimo ex-marido. Daqueles que ficam sempre por perto, esperando e aproveitando qualquer oportunidade pra voltar.

Ela riu dele e inclinou um pouco a cabeça para trás.

– E você é persistente.

– Você ainda não faz ideia.

– Ah, faço.

Ele quem riu dessa vez.

– Não faz, você ainda não me largou.

– E quem te disse que eu não vou ser uma ex-mulher perseguidora que vai infernizar sua vida?

– Por que estamos falando sobre isso? Não vai acontecer – ele a beijou com força e a olhou. – Eu preciso de você na minha vida. Não ligo se vai ter ataques até lá, pode fazer o que quiser.

– Posso mesmo?

– Absolutamente tudo.

– Sequestrar o noivo?

- Sequestro consentido? Eu vim aqui pensando em te sequestrar.
- Mentira.
- Eu não penso direito com você na mesma cidade que eu, mas longe de mim.
- Por isso que tem viajado tanto esses dias?
- Também - ele a apertou contra ele e a beijou, demorando, para matar as saudades.

Ele nunca havia odiado tanto o outro lado da sua vida. Em alguns dias de puro egoísmo ele pensava que já havia contribuído o suficiente. Então, acontecia mais um caso daqueles e ele era lembrado da sua insignificância, de como estava seguro agora enquanto outros não estavam. E não conseguia largar. Agora ele tinha uma nova razão de viver, mais um motivo para continuar fazendo isso. Talvez assim pudesse mantê-la a salvo também.

- Eu encontrei com aquele seu primo RP, ele é tão calmo. Eu não gostei muito de ficar subitamente famosa só por casar com você - ela disse, levantando a cabeça para ele.

- Use a seu favor.
- Ele disse exatamente isso.
- Claro que disse, ele é bem pago pra ser ótimo. Então use a maldita fama. Você não vai começar uma empresa de designer de interiores? O que essas pessoas mais querem é dizer que alguém famoso fez sua casa.

- Dane-se. E a fofoca, Sean? - ela exclamou.

Ele riu.

- A fofoca nunca acaba.
- Meu Deus! Eu nunca mais vou ficar lendo fofoca de artista. Eles sabem tudo que não devem sobre mim!
- Até parece que você tem um passado negro.
- Todo mundo tem coisas que não querem que os outros saibam.
- Verdade... - ele disse mais baixo, descansando a mão na nuca dela e deitando sua cabeça contra ele.

Estavam a poucos dias de entrar na igreja e a única coisa que fazia Sean ficar com o pé atrás, era isso. Ele tinha muita coisa que não queria que os outros soubessem. Quando foi obrigado a contar a Beatrice sobre porque precisava de segurança, a conversa acabou ali e nunca mais tocaram no assunto. Ele não abria espaço para isso e às vezes a

sentia hesitando e patinando em volta do assunto como agora. Ela simplesmente ficou quieta, abraçada a ele, com certeza pensando em como mudar de assunto para não entrar na parte que o incomodava tanto.

Ele nunca dissera que não podiam falar sobre, mas ela sabia. Desde que ele saiu do quarto abruptamente após convencê-la a aceitar os malditos seguranças, que ela sabia que não era para enveredar por aquela via. Mas até quando?

O livro 1 dos Ward, Quando Eu Olhar Pra Você, pode ser encontrado na Amazon, iBooks, Kobo, Nook e outras livrarias online.

Fique conectada a autora e as novidades sobre os livros em sua fanpage: [facebook.com/lucyvargasbr](https://www.facebook.com/lucyvargasbr)

Nota da Autora

Obrigada por usar um tempo da sua vida para ler este livro. Estou realmente me achando uma autora muito na moda por ter escrito essa prequel para a série dos Ward!

Espero que você tenha se divertido muito ao ler, porque dei boas risadas ao escrever. Se você está lendo esse livro após ler o 1º da série, Quando Eu Olhar Pra Você, espero que a prequel tenha suprido sua vontade de passar mais um tempo com Sean e Beatrice. E se você começou pela a prequel e ainda vai ler o próximo, vai com força! Os Ward vão te conquistar.

Muito obrigada pelo apoio ao adquirir esse livro!

Sobre a Autora

Lucy Vargas é uma jornalista e escritora que mora no Rio de Janeiro. Sua paixão pela escrita começou aos 10 anos quando permitiram que assistisse novela e, insatisfeita com o andamento, ela resolveu reescrever o que viu. Desde então nunca mais parou e escreveu todo tipo de história que lhe agradasse. Os romances entraram em sua vida aos 13 anos e é até hoje seu gênero preferido.

Seu livro de estreia, Segunda Chance Para Amar, chegou aos mais vendidos da Amazon Brasil e da iBooks.

Cartas do Passado estreou na Amazon Brasil no Top 100 e como 2º romance mais vendido.

Conecte-se a autora para saber sobre seus outros livros, próximos lançamentos e sobre as continuações da série dos Warrington e dos Wards!

Onde encontrar a autora e saber novidades:

Site: www.lucyvargas.net

Fan Page: www.facebook.com/lucyvargasbr

Você também pode enviar um email para: lucy.vargas@outlook.com e ela ficará feliz em responder.